

# RADIOGRAFIA DO BRASIL CONTEMPORÂNEO

---

**ipea**

Instituto de Pesquisa  
Econômica Aplicada



# RADIOGRAFIA DO BRASIL CONTEMPORÂNEO

---

**ipea**

Instituto de Pesquisa  
Econômica Aplicada

## **Governo Federal**

### **Ministério do Planejamento e Orçamento**

**Ministra** Simone Nassar Tebet

## **ipea** Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada

Fundação pública vinculada ao Ministério do Planejamento e Orçamento, o Ipea fornece suporte técnico e institucional às ações governamentais – possibilitando a formulação de inúmeras políticas públicas e programas de desenvolvimento brasileiros – e disponibiliza, para a sociedade, pesquisas e estudos realizados por seus técnicos.

#### **Presidenta**

Luciana Mendes Santos Servo

#### **Diretor de Desenvolvimento Institucional**

Fernando Gaiger Silveira

#### **Diretora de Estudos e Políticas do Estado, das Instituições e da Democracia**

Luseni Maria Cordeiro de Aquino

#### **Diretor de Estudos e Políticas Macroeconômicas**

Cláudio Roberto Amitrano

#### **Diretor de Estudos e Políticas Regionais, Urbanas e Ambientais**

Aristides Monteiro Neto

#### **Diretora de Estudos e Políticas Setoriais, de Inovação, Regulação e Infraestrutura**

Fernanda De Negri

#### **Diretor de Estudos e Políticas Sociais**

Carlos Henrique Leite Corseuil

#### **Diretor de Estudos Internacionais**

Fábio Vêras Soares

#### **Chefe de Gabinete**

Alexandre dos Santos Cunha

#### **Coordenador-Geral de Imprensa e Comunicação Social**

Antonio Lassance

Ouvidoria: <http://www.ipea.gov.br/ouvidoria>

URL: <http://www.ipea.gov.br>

# RADIOGRAFIA DO BRASIL CONTEMPORÂNEO

---

**ipea**

Instituto de Pesquisa  
Econômica Aplicada

## **EQUIPE TÉCNICA**

### **Marco Antônio Carvalho Natalino**

Especialista em políticas públicas e gestão governamental em exercício na Diretoria de Estudos e Políticas Sociais do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Disoc/Ipea). *E-mail:* marco.natalino@ipea.gov.br.

### **Ricardo Gervásio Bastos Visser**

Professor na Universidade Federal de São João del-Rei (UFSJ). *E-mail:* ricardovisser@ufsj.edu.br.

As publicações do Ipea estão disponíveis para *download* gratuito nos formatos PDF (todas) e EPUB (livros e periódicos). Acesse: <http://www.ipea.gov.br/portal/publicacoes>

As opiniões emitidas nesta publicação são de exclusiva e inteira responsabilidade dos autores, não exprimindo, necessariamente, o ponto de vista do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada ou do Ministério do Planejamento e Orçamento.

É permitida a reprodução deste texto e dos dados nele contidos, desde que citada a fonte. Reproduções para fins comerciais são proibidas.

DOI: <http://dx.doi.org/10.38116/ri-rbc>

# SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO .....	6
PARTE 1 – A PESQUISA RADIOGRAFIA DO BRASIL CONTEMPORÂNEO .....	8
PARTE 2 – MÉTODOS DE ACESSO AOS DADOS DA RADIOGRAFIA DO BRASIL .....	32
CONSIDERAÇÕES FINAIS E DESENVOLVIMENTOS FUTUROS .....	51
REFERÊNCIAS .....	52
ANEXO A .....	55
ANEXO B .....	60
ANEXO C .....	65
ANEXO D .....	67
ANEXO E .....	81

## APRESENTAÇÃO<sup>1</sup>

A pesquisa Radiografia do Brasil Contemporâneo (RBC) foi idealizada e executada pelo Ipea entre 2015 e 2016, sob coordenação do então presidente do instituto, Jessé Souza. Ela teve como objetivo central “o mapeamento geral das classes sociais e seus ambientes (...) [e a] reconstrução crítica das inclinações práticas que as compõem” (Ipea, 2016a). A pesquisa buscou compreender “a maneira pela qual os diferentes agrupamentos sociais incutem diferentes modos de vida e visões mundo (...) [e] as carências sociais de certas parcelas desprivilegiadas da população brasileira, principalmente aquelas em vias de ascensão social” (Ipea, 2016b).

Para tanto, desenvolveu-se uma pesquisa qualitativa com grande amostra, que envolveu entrevistas em profundidade, multitemáticas e de abrangência nacional, visando ao “exame de narrativas individuais de acordo com esquemas objetivos de socialização” (Ipea, 2016b). Foram realizadas ao todo 632 entrevistas semiestruturadas, acompanhadas por um questionário socioeconômico, com pessoas das mais variadas classes sociais, habitantes de áreas urbanas de todas as macrorregiões do país. Todas as entrevistas foram transcritas e editadas em formato padronizado, compondo um banco de dados textuais inédito no país, que possibilita a realização de estudos de grande abrangência teórica e empírica sobre a realidade nacional, bem como aprofundamentos temáticos e transversais em diversas áreas do conhecimento.

As entrevistas transcritas estão interligadas a atributos sociais dos entrevistados (raça/cor, sexo, território, escolaridade, renda e ocupação). Além disso, em 313 entrevistas foi coletada uma gama de indicadores que revelam os capitais econômico, social e cultural das famílias de origem, bem como as disposições valorativas e atitudinais dos entrevistados em diversas dimensões. Esta interligação é possível por meio do recurso a uma base quali-quantitativa que contém tanto os atributos quanto os textos das entrevistas, permitindo a utilização de métodos mistos que aliem análises de discurso e de conteúdo a técnicas estatísticas descritivas e correlacionais. Neste sentido, a alcunha “Radiografia do Brasil” capta bem o cerne da investigação: a pesquisa permite, simultaneamente, um olhar amplo e aprofundado sobre o país, assim como uma série de radiografias que, para além das manifestações epidérmicas, revela fissuras de fundo no tecido social.

O projeto era uma prioridade do Ipea e mobilizou grande quantidade de recursos humanos e materiais. Entretanto, a descontinuidade administrativa limitou o alcance de seu pleno potencial no tempo previsto, haja vista que os principais pesquisadores envolvidos com a investigação em seu início não participaram de sua conclusão. Neste contexto, o material produzido não logrou, até o momento, se enraizar nos planos de trabalho dos técnicos de planejamento e pesquisa da casa, bem como na academia. Esta descontinuidade, ou “desidratação” do projeto, representaria a perda de uma grande oportunidade, além de desperdício de recursos. Porém, a existência de equipe formada por bolsistas, que permaneceram no projeto até o final do ano de 2016, permitiu que fossem desenvolvidos produtos capazes de mitigar os riscos de descontinuidade.

1. A equipe da pesquisa agradece a João Cláudio Basso Pompeu, Félix Garcia Lopez, Luseni Maria Cordeiro de Aquino, Emerson Ferreira Rocha e Maria Paula Gomes dos Santos pelos comentários e sugestões ao texto.



Dado o cenário, focaram-se os esforços em viabilizar que a pesquisa alcance seu potencial por meio de quatro conjuntos de atividades, conforme descrito a seguir.

- 1) Codificação de 313 entrevistas em escala multidimensional de valores e atitudes.
- 2) Limpeza, padronização e sistematização de uma base de dados qualitativos e quantitativos.
- 3) Desenvolvimento de metodologias para seleção textual e construção de *corpus* temático.
- 4) Realização de pesquisas e escrita de artigos científicos baseados no material produzido.

Este relatório visa, fundamentalmente, sistematizar a base de dados produzida, com o intuito de oferecer material para pesquisas vindouras tanto de técnicos do Ipea quanto de pesquisadores externos. Desta forma, seu foco está nas três primeiras atividades supracitadas. Objetiva-se, fundamentalmente, apresentar o material ao pesquisador interessado, abordando os principais aspectos do estudo – desde os fundamentos teórico-metodológicos, passando pela construção do roteiro de entrevistas, a abordagem de campo, as características da amostra e a codificação de escalas sociais.

Nota-se, não obstante, que é necessário que sejam envidados esforços para tornar público e conhecido o material disponível, preferencialmente por meio de seminários promovidos pelo Ipea e pela divulgação da base entre redes de pesquisadores. Por outro lado, dada a natureza íntima e identificada das falas dos entrevistados, é imperativo que o acesso aos dados por pesquisadores externos seja condicionado à assinatura de termo de responsabilidade e compromisso, bem como à apresentação de projeto resumido de pesquisa em que o interessado motive e fundamente o acesso às informações.

Em suma, foram organizadas três bases de dados: uma de tipo qualitativo-textual, contendo todas as entrevistas realizadas, devidamente editadas (Ipea, 2017a); outra de caráter quantitativo, contendo o questionário socioeconômico, as escalas sociais e variáveis derivadas (Ipea, 2017b); e uma terceira, de tipo misto, contendo tanto os dados quantitativos quanto os dados qualitativos de forma integrada (Ipea, 2017c). Além destas bases, foi organizada uma série de documentações de pesquisa, tais como o roteiro das entrevistas e o manual para a codificação das respostas, anexadas a este relatório.

Este documento conta com duas partes, além dos anexos e desta apresentação. A primeira parte descreve e analisa o enquadramento teórico-metodológico (seção 1.1), o planejamento amostral (seção 1.2), as características da população (seção 1.3), e a estratégia de campo e os instrumentos de investigação (roteiro, questionário e escalas) da pesquisa (seções 1.4 a 1.6). A segunda parte trata especificamente do banco de entrevistas e das possibilidades de análise, com foco no uso combinado dos dados textuais com as escalas de origem social, valores e atitudes e com as demais respostas fechadas no desenho de estudos futuros a partir deste material. São descritos e exemplificados os procedimentos metodológicos envolvidos com este tipo de análise. A seção 2.1 apresenta os passos envolvidos em três estratégias de construção de um *corpus* textual temático, baseando-se no roteiro de entrevistas, nos dados fechados e no recurso a mecanismos de busca textual. A seção 2.2 apresenta um exemplo, também por meio de passos sequenciais, de análise contextualizada de segmentos de textos. Este método combina a análise textual à análise de

dados categóricos, recorrendo à tradição da análise gráfica de dados e, em particular, à análise de correspondência (Le Roux e Rouanet, 2010) por meio da utilização do método proposto por Reinert (Camargo e Justo, 2013; Kalampalikis e Moscovici, 2005). Destaca-se, neste caso, um *script* desenvolvido pela equipe da Diretoria de Estudos e Políticas do Estado, das Instituições e da Democracia (Diest/Ipea) especialmente para a Radiografia do Brasil, que automatiza uma série de procedimentos de imputação de informações estruturadas a trechos significativos de fala, permitindo a combinação de resultados de codificação qualitativa de dados assistidos por computador, em especial o *software* Atlas.ti, a variáveis categóricas referentes a características do texto ou de seu emissor (isto é, do entrevistado).

Por fim, ressaltamos que se buscou, sempre, ser fiel à estratégia original de pesquisa. Para tanto, cotejou-se, na escrita deste documento, o conteúdo do relatório preliminar entregue em maio de 2016, mantendo seu conteúdo quando pertinente e, em diálogo com os seus formuladores, atualizando-o em conformidade com os desenvolvimentos da pesquisa desde então.<sup>2</sup>

## PARTE 1 – A PESQUISA RADIOGRAFIA DO BRASIL CONTEMPORÂNEO

### 1.1 Enquadramento teórico-metodológico

A abordagem teórico-metodológica que embasou o estudo preza pela captura das múltiplas dimensões que compõem a vida e a trajetória social dos agentes. Dentro desta perspectiva hermenêutica relativamente plural, entende-se que a motivação do comportamento social não é passível de ser reduzida, e muito menos identificável numa única causa, seja ela “objetiva” ou “subjéctiva”. De fato, a compreensão deste comportamento depende da identificação tanto de processos de objetivação de disposições “subjéctivas” – por exemplo, por meio da aquisição de títulos escolares ou licenças profissionais – quanto de subjéctivação de estruturas “objetivas”, por meio das quais os agentes sociais incorporam disposições e interpretam as suas trajetórias de vida *vis-à-vis* seu contato com estruturas sociais diversas (socialização familiar e comunitária, a escola, o trabalho, o mundo do lazer, da alimentação e da cultura em geral, as políticas públicas, os preconceitos de classe, raça e gênero etc.).

Em conformidade com esta perspectiva, a pesquisa visa, sobretudo, permitir o estudo combinado de narrativas individuais e processos objetivos de socialização. De sorte a conferir abrangência às experiências vividas captadas pelo estudo, este cingiu o país tanto em suas distinções territoriais (macrorregionais) quanto em seus traços sociais mais gerais (classe). Buscou-se, assim, abarcar os principais fatores responsáveis por demarcar padrões comportamentais semelhantes, resultando na realização de centenas de entrevistas em profundidade que permitem, em seu conjunto, não apenas um mapeamento geral das classes sociais, mas, igualmente, a reconstrução das inclinações práticas que as compõem e dos seus contextos de produção e reprodução.

2. Além do autor do relatório parcial, Ricardo Visser, cujo texto original encontra-se refletido em diversas seções do presente relatório, os pesquisadores Emerson Rocha, Roberto Dutra, Jessé Souza, Mariana Garcia, Fernando Araújo, Vítor Menezes e João Cláudio Pompeu foram fundamentais para a escrita deste relatório.

Com o intuito de articular a dinâmica geral entre os diversos estilos, condições e modos de vida, faz-se necessário relacionar não apenas os atributos identificáveis num agrupamento, mas relacioná-los entre si. A pesquisa hermenêutica preza pela comparação rigorosa, constante e permanente. Assim, embora o curso dos eventos que compõem uma história de vida não seja passível de reconstrução completa, é possível a construção de hipóteses compreensivas que cotejem teoria e empiria, ensejando constante correção e aprimoramento crítico. Dito de outro modo: nenhuma entrevista pode ser analisada insularmente, posto que um “caso” não ilustra por si só como a sociedade funciona. Embora sua aplicabilidade possa ambicionar ao longo alcance, a validade do conhecimento é sempre parcial. Assim sendo, se o método compreensivo lança mão de comparações, elas se baseiam na averiguação contínua entre semelhanças e diferenças identificáveis dentro dos diferentes âmbitos da vida social.

Por estilo de vida, tomou-se de empréstimo a noção de que a vida social não se reproduz de modo unívoco, mas incute, em cada estrato, arcabouços comportamentais e mentais particulares que não são reduzíveis *a priori* a atributos ou “variáveis” determinísticas. Esses compõem, antes, um campo de possibilidades mais ou menos restrito no qual – por exemplo – as origens de classe, bem como o volume e a composição de capitais (econômico, cultural, social) conformam esquemas de ação e representação típicos, nas mais diversas esferas – por exemplo, “gostos”, “talento para os estudos”, “ética do trabalho”, “valores morais” ou “comportamento político”. Tais atributos, individualmente exprimíveis e perceptíveis, nos remetem a um dos objetivos nodais do estudo: apreender como tais formas de pensamento e ação equipam desigualmente as classes sociais. Sob este prisma, é importante ponderar sobre as condições de aquisição destas competências e captar os vínculos afetivos que comandam o comportamento individual.

Todavia, tais elos se tornam observáveis apenas ao se reconhecer que a identidade individual não se constitui isoladamente, mas em relação a um corpo coletivo que, por sua vez, reproduz-se estruturalmente pela capacidade de se fazer reconhecer como *real* (e, com maior ou menor sucesso, como legítimo) pelos agentes que o compõem. Foi em atenção a esta feição da realidade social que se dedicou boa parte do roteiro: à reconstrução de experiências primárias de socialização na infância, seja na escola, na família, sejam elas lúdicas. Em ruptura com o axioma do agente isolado, foi conferido especial cuidado ao encadeamento entre os eventos vivenciados e suas relações de interdependência com os outros significativos. Em vez de focar separadamente em características como renda, escolaridade, vida familiar e ingresso no mercado de trabalho, faz-se necessário entendê-las perante as histórias de vida que se apresentavam, preconizando a abordagem processual em contraponto à abordagem transversal, ou “fotográfica”, que não consegue captar as distintas trajetórias que marcam diferenças importantes entre indivíduos aparentemente “idênticos” no que se refere à renda, à escolaridade, à ocupação etc.

Dessa maneira, a pesquisa procurou identificar variantes no curso das histórias de vida, e ver como seus sinais mais marcantes se tornam passíveis de serem comparados com outras entrevistas. Por exemplo, no material empírico destacam-se dois conjuntos coletivos, caracterizados por duas formas de vida muito distintas entre si. Nos novos setores médios em mobilidade ascendente, põe-se em relevo um contexto de origem marcado por uma instabilidade estrutural, a qual seus membros têm que superar. Em suma, essas

trajetórias se localizam mais próximas a zonas de vulnerabilidade social, de sorte que tal mobilidade não se exime dos riscos envolvidos no ingresso em tal trajetória. Já as classes médias estabelecidas partem de condições sociais distintas, repercutindo em um maior grau de seguridade e estabilidade. Esta dessemelhança ilumina, por seu turno, tanto diferenças atitudinais quanto capacidades de resposta a estímulos institucionais que seriam, tradicionalmente, atribuíveis a simples “diferenças entre os indivíduos”, ao “livre arbítrio”, às “escolhas particulares”, ou, para citar a ideologia predominante, ao “mérito individual”.

É exatamente esta ideologia do mérito que limita as possibilidades de entendimento das diferenças sociais – leia-se aqui não apenas diferenciação, mas também distinção e desigualdade. Ao reduzir tais diferenças a características “puramente” individuais, sem conexão com o ambiente de socialização dos indivíduos,<sup>3</sup> converte-se a utopia meritocrática (originalmente fonte de uma crítica social aguda aos privilégios “de berço” e motor de reorganização das sociedades sob eixos mais igualitários) em ideologia justificadora das novas desigualdades, que se estruturam por meio da transmissão intergeracional e intragrupos de recursos escassos – sejam eles dinheiro, cuidados afetivos, formas “educadas” de expressão verbal e não verbal, tempo para o estudo, contatos profissionais, etc.

Ocorre que, como fica claro, ao encerrar a análise neste tipo de justificação, encerra-se também a capacidade de a sociedade pensar a si mesma, compreender-se e, também, discutir com maior profundidade as origens de sua situação atual e seus desafios. Para as políticas públicas em particular, este encerramento enseja, amiúde, a adjudicação ingênua de experiências de vida de classes médias e altas (origem de classe dos formuladores das políticas públicas) ao todo da população. Tal adjudicação, originária da incompreensão profunda, por parte das classes médias e altas, das formas pelas quais nossas disparidades sociais afetam a vida cotidiana desde a mais primária socialização no âmbito familiar, resulta, no limite:

- no desenho de políticas inadequadas para a resolução de problemas mal formulados, cujo relativo insucesso é, na falta de um arcabouço teórico-conceitual mais robusto, justificado pelos formuladores, como resultante de “problemas de implementação”, e pelos implementadores, como resultante de falhas, ou mesmo vícios morais “individuais” por parte do público-alvo das políticas, dando vazão a um amplo espectro de preconceitos; e
- na deslegitimação dos programas voltados para públicos “problemáticos” – ou seja, cuja origem de classe os faz incompreensíveis para as elites formuladoras de políticas públicas.

A pesquisa Radiografia do Brasil se caracteriza por permitir exatamente este tipo de exame crítico, ao não restringir (e nem ignorar) a análise da desigualdade social a variáveis tradicionais como renda, ocupações, posse de bens e capital econômico, abrindo-se para dimensões tais como “laços emocionais, comportamento intrafamiliar, trabalho informal, engajamento político e rituais religiosos” (Rehbein, 2016). Busca-se, assim, compreender

3. Entende-se aqui ambiente de socialização, ou ambiente social, como os espaços institucionais (família, escola, trabalho, igreja etc.) em que a pessoa se socializa, conformando suas inclinações em termos de valores, gostos, formas de se comunicar, de consumir etc., e que podem marcar distinções culturais relevantes mesmo dentro de uma mesma classe social. Assim, os “estilos de vida”, bem como as disposições práticas para o agir no mundo do trabalho, da família, da cultura, da política, das práticas de poupança e consumo etc. não são aleatoriamente distribuídas entre as pessoas, sendo devedores dos ambientes em que o agente se socializou. Para uma discussão mais aprofundada, ver Rehbein (2016).

as carências sociais de certas parcelas desprivilegiadas da população brasileira, principalmente aquelas em vias de ascensão social. De frente desta preocupação, vale citar três eixos temáticos principais da pesquisa:

- a relação entre socialização familiar e desempenho escolar;
- a consequente inserção no mercado de trabalho; e
- variações em função da origem de classe.

Tendo este enquadramento temático na alçada, chama-se atenção para o enfoque no segmento social denominado batalhadores (Souza, 2012). Trata-se de um estrato social médio, mas desprovido de condições prévias confortáveis para a condução de seus projetos de vida, em particular no que se refere ao capital cultural. A pesquisa Radiografia do Brasil Contemporâneo almejou cotejar esta dimensão, investigando como o desempenho escolar se conecta com condições familiares, perpassadas, por sua vez, por imperativos emocionais, culturais e econômicos particulares.

Munidos de esquemas comportamentais particulares, os batalhadores se caracterizam tanto por afinidades quanto antagonismos estruturais com as classes médias dominantes. Estas se destacam por gozarem não apenas do acesso a um ensino de melhor qualidade, mas igualmente por incorporarem dispositivos comportamentais mais adequados às instituições escolares e às competências intelectuais por elas exigidas. Em congruência com este diagnóstico, adentrou-se a comparação entre dois públicos relacionados: uma classe média fruto de mobilidade social ascendente, conquistando padrões relativamente altos de renda e escolaridade e, noutro flanco, camadas sociais médias consolidadas, cujo acúmulo geracional de estabilidade em sua posição lhes garante certo ponto de partida vantajoso na competição social. Com isso, foi concedida preferência ao refino dos instrumentos de pesquisa, cujo esforço se empenhou em apreender as variáveis qualitativas sobre o fenômeno da ascensão em classes sociais inseridas em contextos desprivilegiados de origem.

Enraizados nas transformações recentes da estrutura social brasileira, esta classe média oriunda de setores populares é resultado tanto de modificações em sua estatura econômica, como se pode detectar pelo aumento real do salário mínimo (SM) e do incremento do emprego, quanto de uma gama de políticas públicas na área educacional, habitação, crédito e etc. Portanto, os atributos do público pesquisado devem ser entendidos à luz destas metamorfoses, encontradas em detalhes nos aspectos mais ricos e diversos de seu estilo de vida. No que tange a esta parcela dos investigados, a captura das variáveis operantes na mobilidade envolve uma interpenetração entre esferas de vida, imperativos funcionais e institucionais, que podem fomentar oportunidades ou restringi-las.

É preciso frisar, ainda, que similitudes e divergências nas tendências à ação moldam ambientes sociais dentro de estratos mais amplos. Em função disso, o esforço analítico de pesquisa se endereçou à construção de escalas de atitudes e valores (a serem analisadas em seção posterior), cuja principal meta é enveredar pelas diferenças finas que compõem associações coletivas mais específicas. Por conseguinte, torna-se factível delinear tanto traços gerais quanto aqueles que requerem maior nitidez. A elaboração de escalas pretendeu justamente responder a esta demanda, já que através delas torna-se possível reconstruir subespaços mais detalhados.

## 1.2 Estratégia amostral: amplitude, profundidade, historicidade e grandeza

A seleção dos 632 entrevistados foi feita por meio de uma amostragem não probabilística da população urbana que participa ou participou da força de trabalho. Em um primeiro estágio, distinguiu os setores censitários a partir de seus escores no Índice de Vulnerabilidade Social (IVS).<sup>4</sup> O segundo estágio selecionou entrevistados considerando-se, principalmente, o critério *ocupação*, além de outras variáveis relevantes como instrução e renda. Neste sentido, o critério adotado aproxima-se à amostragem por cotas. Mas, ao invés de uma representação proporcional dos grupos ocupacionais e dos territórios, buscou-se intencionalmente a sobre-representação de frações de classes médias e altas urbanas, como se verá na seção 1.3 deste relatório.

Com essa estratégia de seleção buscou-se permitir representatividade e aprofundamento qualitativo acerca de práticas e representações incorporadas pelos agentes, desvelando as conexões destas práticas e representações com a distribuição desigual de condições de vida, recursos econômicos e culturais, relações familiares e comunitárias, trajetórias escolares e ocupacionais. No conjunto, a amostra da Radiografia do Brasil abre a possibilidade relativamente inédita de uma análise baseada em quatro características dificilmente encontradas na mesma pesquisa, descritas a seguir.

- 1) Amplitude temática: ao contrário de pesquisas focadas em um assunto apenas, o longo roteiro de entrevista aborda temas diversos (família, trabalho, educação, práticas culturais e de lazer, religião, política – ver seção 1.5), permitindo conectar múltiplas esferas da vida.
- 2) Historicidade: ao contrário de pesquisas de corte transversal puro, a RBC permite observar a trajetória dos indivíduos. Ela aborda tanto a infância da pessoa quanto o momento presente, passando pelo período escolar e a primeira inserção laboral. Assim, torna-se possível reconstruir a história de vida e analisar longitudinalmente tanto condicionantes da reprodução social como elementos diacríticos de trajetórias de classe ascendentes e descendentes.
- 3) Grandeza amostral: com 632 entrevistas, a pesquisa permite, ao contrário de pesquisas qualitativas de menor fôlego, atingir não apenas o chamado ponto de saturação como também ampliá-lo para estudos comparativos entre grupos sociais distintos (com dois ou mais pontos de saturação) e, finalmente, para estudos de âmbito nacional. Além disso, a grandeza da pesquisa permite incorporar técnicas estatísticas de análise textual mais robustas, como o *text mining* e a análise lexicográfica, que podem ser agregadas a métodos de análise gráficas de dados tais como a análise de correspondência.
- 4) Profundidade de significados: ao contrário de enquetes fechadas em que frases monossilábicas e reflexões complexas, dúvidas e afirmações peremptórias, contradições, incômodos e silêncios são reduzidas a opções de resposta com o mesmo “peso”, entrevistas em profundidade abrem espaço para uma interpretação muito mais rica dos significados atribuídos pelos pesquisados aos temas abordados. E, também, tendo o uso cotidiano e ordinário da linguagem como base, torna-se possível reconstruir um contexto mais amplo de significados e visões, conectando tópicos vistos de forma estanque em enquetes tradicionais.

4. O IVS é um índice sintético de dezesseis indicadores de vulnerabilidade e exclusão social no território brasileiro, subdividido em três dimensões: infraestrutura urbana, capital humano e renda/trabalho (Ipea, 2015).



Dado o interesse em captar frações de classes médias e altas, bem como o foco da pesquisa na população que participa ou participou da força de trabalho, moradora de regiões urbanas, os entrevistados tendem a ter índices de escolaridade e renda superiores à média brasileira, como será analisado na seção seguinte. Em particular, foi selecionado um grande número de indivíduos pertencentes aos estratos superiores, que são menos numerosos, mas, também, mais tendentes a fracionamentos e distinções de classe importantes à conformação do espaço social como um todo (Bourdieu, 1984; 2007).

Ainda, a pesquisa tinha como um dos seus principais objetivos investigar a trajetória de pessoas em mobilidade social ascendente, comparativamente às trajetórias de classes médias já estabelecidas em sua posição social há mais de uma geração. Assumiu-se, como estratégia para identificar perfis em mobilidade ascendente, a localização de pessoas com níveis relativamente elevados de instrução e/ou renda em unidades de desenvolvimento humano com indicadores relativamente baixos de vulnerabilidade social. Munidos de planilhas dotadas destas informações, os coordenadores regionais da pesquisa puderam, junto aos pesquisadores de campo, estipular estratégias para alcançar os perfis desejados.

A definição de unidades de desenvolvimento humano com determinado nível de vulnerabilidade social deixava aos pesquisadores de campo uma boa margem de manobra para conseguirem pessoas dispostas a concederem as entrevistas, ao mesmo tempo que garantia um direcionamento adequado aos interesses da pesquisa. Note-se, ainda assim, que a definição de entrevistados em pesquisas não probabilísticas é ainda mais devedora da capacidade de inserção em campo do que, por exemplo, em amostragens aleatórias simples, sem substituição. No caso em tela, era necessário permitir aos pesquisadores a margem de flexibilidade necessária para que conseguissem entrevistados dispostos a concederem entrevistas da natureza pretendida: longas e cobrindo, com profundidade, temas delicados, quer por sua natureza íntima, quer por seu caráter polêmico.

Além da flexibilidade necessária na condução das entrevistas, foi importante contar com uma ampla rede de relações pessoais entre os pesquisadores e os entrevistados. Nesse caso, há uma considerável diferença operacional entre um estilo pesquisa qualitativa, com entrevistas em profundidade, e um *survey*. Se, por um lado, os pesquisadores do projeto exibiam qualificação especializada (mestrado/doutorado), necessária à flexibilidade na condução das entrevistas, por outro dispunham ou acessaram os entrevistados por meio de redes de relações pessoais próprias ou de terceiros. Assim sendo, a pesquisa alude não apenas ao modo processual no qual se desdobram as trajetórias dos agentes, mas objetiva enfatizar o caráter relacional das estratégias adotadas em função de seus contextos de origem. Corre-se o risco, naturalmente, de reduzir o escopo das ocupações e perfis, uma vez que sempre existe a possibilidade de sacrificar a heterogeneidade amostral.

No entanto, há um problema operacional de fundo: se a pesquisa tem como fito a condução de entrevistas em profundidade, nas quais o entrevistado responde a perguntas (por vezes de foro privado) durante uma ou duas horas (as entrevistas têm, em média, cinquenta páginas), como executá-las sem dispor de uma abertura inicial do entrevistado? Em contraste com um questionário fechado, um questionário semiestruturado busca certo engajamento do entrevistado. Seria improvável levar isso a cabo sem se munir de um capital de relações pessoais prévio. Mesmo que pensemos numa pesquisa por domicílio,

a condução de uma entrevista visando apreender aspectos centrais das representações simbólicas e culturais nas trajetórias, assim como algumas contradições performáticas e linguísticas, seria impossível sem o engajamento do pesquisador com o pesquisado. Este princípio aplica-se com ainda mais veemência quando tratamos de subgrupos pesquisados com alta renda, que tendem à subdeclaração.

Desta forma, ao contrário de pesquisas de opinião do tipo *survey*, a Radiografia do Brasil não visa apresentar dados relativos às *frequências* absolutas de quaisquer variáveis ou fatos sociais a partir de uma extrapolação dos dados para o universo da população brasileira. Em suma, o desenho teórico-metodológico da pesquisa, e sua concretização por meio da estratégia de seleção dos entrevistados, não teve esse objetivo. Por conseguinte, não são apresentadas, na base de dados, pesos amostrais resultantes de uma pós-estratificação dos dados, ou qualquer outro método de correção amostral.

O que a Radiografia do Brasil visa é, antes, compreender e, no limite, explicar, os complexos fatores geradores do tecido social – sejam eles de natureza “objetiva”, “subjéctiva” ou “intersubjéctiva” –, estabelecendo *relações* entre determinadas trajetórias de vida e posições sociais. Assim, a pesquisa buscou não apenas a saturação discursiva do *corpus* de entrevistas,<sup>5</sup> mas uma múltipla saturação, alcançando grande número de classes e frações de classes sociais, o que permite o estabelecimento de correlações entre fenômenos muito díspares.

O critério de saturação é o principal parâmetro utilizado para a definição de amostras qualitativas e significa, resumidamente, a busca do ponto em que a maior parte das percepções relevantes à pesquisa já foram levantadas. A partir daí, a adição de novas entrevistas vira um exercício relativamente supérfluo, revelando apenas repetições ao invés de informações novas, que lancem luzes sobre o objeto de estudo (Mason, 2010). É comum citar-se algum número mínimo recomendado para o alcance deste critério, girando em torno de doze entrevistas (Guest, Bunce e Johnson, 2006) e podendo chegar até sessenta em casos nos quais se espera revelar disposições, percepções, atitudes ou discursos mais raros. Entretanto, estes números são uma “regra de bolso”, isto é, um critério de conveniência para a elaboração de projetos de investigação: o ponto de saturação exato depende de uma série de fatores complexos, como o escopo da pesquisa, as características (e heterogeneidade) do objeto, o referencial utilizado para análise e a própria qualidade dos dados. Pesquisas em profundidade tendem a ter um ponto de saturação menor, o mesmo se aplicando a pesquisas fenomenológicas e de história de vida. Pesquisas que comparam dois ou mais grupos, por sua vez, deveriam, em princípio, atingir saturações para *cada* grupo (ver, para um caso exemplar, Elias, 2000).

Na Radiografia do Brasil, com 632 entrevistas disponíveis, *torna-se possível o alcance de múltiplas saturações, para diversos grupos sociais*. Isso permite tanto análises em profundidade de um grupo de interesse quanto comparações entre diversos grupos, incluindo, em certos casos, o recurso a técnicas estatísticas de análise de dados e testes de hipóteses – em especial aquelas derivadas da análise gráfica de dados, como a análise de correspondência.<sup>6</sup>

5. Sobre o conceito de *corpus* em substituição à ideia de amostra, ver Bauer e Gaskell (2000).

6. Para uma análise exaustiva do tema, ver Le Roux e Rouanet (2010). Para um caso exemplar de utilização da análise de correspondência para a análise de classes sociais, ver Bourdieu (2007).



### 1.3 Características da população pesquisada

Como já exposto, a pesquisa não buscou representatividade estatística dos diversos estratos populacionais, e sim uma amostra significativa dos principais grupos sociais relevantes à compreensão da sociedade brasileira e de seus fenômenos de distinção social, econômica, política e cultural. Desta forma, classes sociais e frações de classe menos numerosas em termos demográficos, mas extremamente relevantes para a compreensão da reprodução das relações sociais brasileiras, tais como estratos de classes médias e altas, foram sobrerrepresentados, buscando-se atingir a saturação qualitativa da variedade de práticas, discursos e percepções sobre os mais diversos tópicos abordados nas entrevistas.

Ainda assim, é relevante se ter uma visão geral das características dos entrevistados em comparação com a população brasileira como um todo, o que auxilia a compreender as particularidades da pesquisa e quais subgrupos permitiriam, em tese, a construção de uma “subamostra” ou, de forma mais exata, um *subcorpus* qualitativo suficientemente saturado. Isso é especialmente importante no âmbito de pesquisas que busquem comparar grupos sociais distintos. Com este intuito, as tabelas a seguir apresentam a parcela da população nacional por região, sexo, idade, renda e ocupação, assim como a proporção e o número absoluto de entrevistados em cada um destes grupos.

Note-se, não obstante, que as tabelas retratam apenas algumas das muitas possibilidades de diferenciação da população pesquisada, focando-se aquelas mais tradicionais e que, em geral, compõem os questionários aplicados pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) em pesquisas domiciliares. Como será detalhado nas seções seguintes, uma série de outras dimensões tais como origem de classe, cuidados familiares, disposições sociopsíquicas, envolvimento religioso e ideologia política permitem a investigação empírica conjugada de uma série de fatores, os quais, até o momento, não têm recebido a devida atenção. Espera-se que a disponibilização da Radiografia do Brasil aos pesquisadores do Ipea permita lançar luzes sobre fenômenos importantes e poucos estudados, bem como novos olhares sobre temas enviesados pelo tipo de informação disponível.

TABELA 1  
Características da população estudada em comparação com a população adulta da PNAD Contínua 2016, por região

Região	PNAD (%)	Radiografia (%)	Radiografia (número)
Centro-Oeste	7,5	8,1	51
Nordeste	26,7	29,6	187
Norte	7,6	14,1	89
Sudeste	43,4	35,8	226
Sul	14,8	12,5	79

Fontes: PNAD Contínua (2016/3), disponível em: <https://www.ibge.gov.br/estatisticas/sociais/trabalho/17270-pnad-continua.html>; PNAD (2014); e Ipea (2017).  
Elaboração dos autores.

**TABELA 2**  
**Características da população estudada em comparação com a população adulta da PNAD Contínua 2016, por sexo**

Sexo	PNAD (%)	Radiografia (%)	Radiografia (número)
Masculino	47,5	52,2	330
Feminino	52,5	47,8	302

Fontes: PNAD Contínua (2016/3), disponível em: <https://www.ibge.gov.br/estatisticas/sociais/trabalho/17270-pnad-continua.html>; PNAD (2014); e Ipea (2017).  
 Elaboração dos autores.

**TABELA 3**  
**Características da população estudada em comparação com a população adulta da PNAD Contínua 2016, por raça/cor**

Cor autodeclarada	PNAD (%)	Radiografia (%)	Radiografia (número)
Amarelo	0,7	1,9	12
Branco	45,7	51,1	323
Indígena	0,2	1,3	8
Pardo	45,0	30,5	193
Preto	8,4	15,2	96

Fontes: PNAD Contínua (2016/3), disponível em: <https://www.ibge.gov.br/estatisticas/sociais/trabalho/17270-pnad-continua.html>; PNAD (2014); e Ipea (2017).  
 Elaboração dos autores.

**TABELA 4**  
**Características da população estudada em comparação com a população adulta da PNAD Contínua 2016, por renda**

Renda (trabalho principal)	PNAD (%)	Radiografia (%)	Radiografia (número)
< 1 SM	29,5	13,6	86
1 a 2 SM	36,5	17,7	112
+2 a 5 SM	25,3	25,8	163
+5 a 10 SM	5,8	19,9	126
+10 a 20 SM	2,2	13,6	86
+ 20 SM	0,7	9,3	59

Fontes: PNAD Contínua (2016/3), disponível em: <https://www.ibge.gov.br/estatisticas/sociais/trabalho/17270-pnad-continua.html>; PNAD (2014); e Ipea (2017).  
 Elaboração dos autores.

**TABELA 5**  
**Características da população estudada em comparação com a população adulta da PNAD Contínua 2016, por nível de instrução**

Nível de instrução	PNAD (%)	Radiografia (%)	Radiografia (número)
Sem instrução e ensino fundamental incompleto	37,6	10,9	69
Ensino fundamental completo e ensino médio incompleto	14,7	7,8	49
Ensino médio completo e ensino superior incompleto	21,8	26,1	165
Ensino superior completo	13,8	55,2	349

Fontes: PNAD Contínua (2016/3), disponível em: <https://www.ibge.gov.br/estatisticas/sociais/trabalho/17270-pnad-continua.html>; PNAD (2014); e Ipea (2017).  
 Elaboração dos autores.

TABELA 6  
**Características da população estudada em comparação com a população adulta da PNAD Contínua 2016, por grande grupo ocupacional urbano**

Grande grupo ocupacional urbano	PNAD (%)	Radiografia (%)	Radiografia (número)
Trabalhadores urbanos	73,5	36,2	212
Técnicos	8,4	8,2	48
Profissionais das ciências e das artes	11,1	44,6	261
Dirigentes	6,2	9,9	58
Forças armadas e auxiliares	1,0	1,0	6
Sem ocupação/não informado	-	7,4	47

Fontes: PNAD Contínua (2016/3), disponível em: <https://www.ibge.gov.br/estatisticas/sociais/trabalho/17270-pnad-continua.html>; PNAD (2014); e Ipea (2017).  
 Elaboração dos autores.

Acerca da distribuição regional da pesquisa, a escolha de duas áreas urbanas no Norte (Manaus e Belém) ampliou o número de entrevistados neste território, em detrimento de uma pequena redução na região Sudeste – na qual, não obstante, realizaram-se mais de um terço das entrevistas. Em suma, a pesquisa permite, quando for do interesse, lançar um olhar específico sobre as particularidades das grandes metrópoles amazônicas brasileiras em comparação, por exemplo, com áreas que ocupam maior dominância econômica e cultural na vida do país.

Esta diferença se reflete também no número de entrevistados que se identificam como indígenas (n = 8). Dito isso, no que se refere à cor/raça, a diferença que mais chama atenção é, sem dúvida, a grande parcela de pessoas que se denominam “pretas” e a relativamente pequena parcela de pessoas que se denominam “pardas”. Embora não seja possível se aprofundar neste tópico aqui, sabe-se que tal fenômeno está vinculado ao fato de que tem aumentado, nas últimas décadas, o número de pessoas de alta escolaridade que se denominam pretas, alterando, no sentido estatístico, sua identidade “racial”. Essa alteração reverte parcialmente o processo histórico de branqueamento identitário que marcou fortemente a sociedade brasileira no século passado. Diz-se parcialmente pois, ainda hoje, tal reversão está relativamente restrita a camadas mais escolarizadas da população (em especial as que frequentaram o ensino superior). Como as pessoas de alta escolaridade estão intencionalmente sobrerrepresentadas na pesquisa, é natural que esta sobrerrepresentação se reflita também na autopercepção de raça/cor quando comparamos os dados da Radiografia com os dados do Censo.

Com relação a escolaridade e renda, a busca por pessoas pertencentes à elite econômica e cultural reflete no fato de que todos os grupos sem ensino superior completo são menos frequentes na Radiografia do Brasil do que se esperaria caso a pesquisa fosse feita com uma amostra aleatória. Ainda assim, o número de entrevistados em cada grande grupo é relativamente alto, o que permite o alcance de critérios de saturação e mesmo de comparação entre subgrupos dentro de cada estrato. No quesito educação, cabe destacar que o grande grupo “superior completo” inclui 131 entrevistas com pós-graduados (sendo 32 doutores). Com relação à renda, a Radiografia do Brasil mostra-se, novamente, com claro viés de sobrerrepresentação das faixas mais altas.<sup>7</sup> Contando com 59 entrevistados que têm

7. Nota-se que a pesquisa focou em pessoas que participam ou participaram da força de trabalho, de sorte que não cabia comparar com a renda *per capita* obtida via PNAD. Optou-se por comparar com a renda habitual de todos os trabalhos daqueles que obtiveram rendimento por este meio (dado que a PNAD Contínua ainda não revela outras fontes de renda). Obviamente, isto exclui aposentados, e reduz a renda derivadas de aplicações financeiras, heranças etc.

renda superior a vinte salários mínimos (valores de 2016), sendo que seis destes têm renda mensal superior a cinquenta salários mínimos, a pesquisa permite compreender melhor os ricos. Para uma pesquisa que busca compreender as classes sociais no Brasil, seria impossível, com uma representação paritária das faixas de renda, captar um número suficiente de pessoas de alta renda e/ou escolaridade que permitisse uma investigação aprofundada deste(s) grupo(s). Dito isso, vale lembrar que pesquisas quantitativas domiciliares como as realizadas pelo IBGE têm dificuldades em entrevistar essas pessoas, e, quando as entrevistam, tendem a sofrer do problema da subdeclaração.<sup>8</sup> Este fenômeno também ocorre, em algum grau, entre a população mais pobre, em particular aquela não assalariada, que encontra dificuldades em relatar o ganho mensal real. Neste sentido, uma parte do aparente viés da amostra da Radiografia é reflexo, na verdade, do viés das pesquisas amostrais.

A pequena diferença entre homens e mulheres entrevistadas é resultado, provavelmente, do foco em entrevistar pessoas de renda mais alta – são muitos os diretores de empresa, empresários e altos funcionários públicos na Radiografia, e eles são, como os ocupantes de cargos de comando e direção em geral, majoritariamente homens. Por outro lado, vale apontar que a pesquisa investiga aspectos patriarcais nas relações de cuidado e de mercado, incluindo a divisão sexual do trabalho doméstico, tanto no momento atual como nas famílias de origem dos entrevistados. Para 313 casos, inclusive, não apenas estão disponíveis as transcrições das entrevistas (que abordam este tema por diversos ângulos), como também itens derivados de escala social relacionados aos cuidados domésticos na família de origem e às atuais relações conjugais.

Por fim, a distribuição da amostra por ocupações aponta, mais uma vez, que a RBC possui heterogeneidade amostral, mas, ao mesmo tempo, sobrerrepresenta determinados grupos. Em particular, os profissionais de ensino superior e, em menor grau, os dirigentes são mais comuns na amostra do que na população urbana brasileira. Sobre os profissionais, em particular, este grupo se subdivide em educadores (73 entrevistas), profissionais do direito (57), da cultura e sociedade – incluindo jornalistas, artistas, sacerdotes, psicólogos, cientistas sociais e economistas (57) –, das ciências e engenharias (39), da saúde (27) e da administração (18). Entre os trabalhadores, sobressaem-se os de serviços pessoais como cozinheiros, garçons e cabeleireiros (41), comércio (34), manuais qualificados (33), auxiliares administrativos (29), serviços domésticos (28), vendedores de rua e outros trabalhadores elementares (26), motoristas (12) e trabalhadores da construção civil (9).

#### 1.4 Roteiro semiestruturado e abordagem de campo

Como apontado anteriormente, os objetivos da pesquisa e sua abordagem teórico-metodológica se refletiram na construção do roteiro de investigação utilizado. Nele é possível observar como a condução das entrevistas seguiam eixos temáticos gerais, orientados por inquietações teóricas de fundo, contidas em detalhe nas orientações para sua realização. Ao preservar isto em vista, não foi arbitrária a seção dos eixos temáticos entre trajetória ocupacional, contexto familiar, consumo e práticas culturais, práticas econômicas, vida comunitária e religiosa, relações de gênero e, por fim, percepção política.

8. Sabe-se que em *surveys* os entrevistados costumam não apenas omitir certas fontes de rendimento como a declarar rendas do trabalho em nível inferior aos seus salários ou compensações reais. Embora em alguns casos os pesquisadores tenham notado isso acontecer em suas entrevistas, é de se crer, dado o tipo de contato e de entrevista, que este problema tenha sido minimizado. Há, inclusive, entrevistados que responderam níveis de renda mais baixos, mas que, durante a entrevista, acabaram declarando rendimentos mais elevados.

Além disso, em vez de apenas conferir atenção ao plano consciente e evidente, atendeu-se às práticas pré-reflexivas dos agentes, na medida em que não exibem domínio total sobre suas decisões e móveis de sua ação. Para conferir concretude e expressão a este pressuposto, objetivou-se mesclar engajamento e distanciamento durante o fluxo da entrevista. Zelou-se por uma conversa orientada, mas que deve, em circunstâncias controladas, se aproximar de uma conversa espontânea. Note-se que a aplicação bruta de um questionário fechado, ou mesmo de um roteiro estruturado inflexível, tornaria improvável o aprofundamento desta dimensão. Como resultado, a pesquisa contemplou tanto o plano reflexivo como o pré-reflexivo, isto é, calcado em tendências prováveis à ação.

O roteiro foi elaborado mediante um conjunto de discussões, tomando como base roteiros e questionários de pesquisas anteriores, abordando o tema dos valores e da desigualdade. Pode-se citar como exemplos de material consultado a produção em torno do European Social Survey, da pesquisa Reproduktion sozialer Ungleichheit in Deutschland e o questionário da Pesquisa Dimensões Sociais da Desigualdade. Parceiros da Secretaria de Avaliação e Gestão da Informação do Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome também colaboraram com o roteiro, em particular no que se refere à inclusão de questões relativas às políticas públicas.

Elaborado o roteiro, foi necessária uma estratégia para nivelar o trabalho de campo da equipe de pesquisadores. Construiu-se um manual de apoio com instruções sobre como os pesquisadores deveriam se preparar para a realização das entrevistas, assim como um instrumento denominado então de “roteiro explicativo”. Esse roteiro trazia uma explicação sumária sobre quais preocupações de pesquisa motivavam cada seção do roteiro e, após essa exposição, um conjunto de questões que poderiam cobrir tais preocupações.

Como se trata de entrevistas delicadas, de caráter flexível, o manual orientava os pesquisadores a utilizar a relação de questões como um cardápio de possibilidades. Eles deveriam ser capazes de improvisar durante a entrevista caso o fluxo de interação com o entrevistado assim o exigisse. Nesse sentido, eles foram também orientados a praticar a elaboração de questões em casa. A partir da leitura do roteiro explicativo, eles deveriam criar questões pertinentes a cada bloco, preparando-se assim para a situação de entrevista, em que eles fatalmente necessitariam criar questões de acordo com a interação com o entrevistado. Note-se assim que, como é o caso em roteiros semiestruturados, as questões não foram todas perguntadas *ipsis litteris* aos entrevistados; o objetivo era que elas fossem abordadas naturalmente no fluxo da conversa, em que, via de regra, o próprio entrevistado conectava, em sua fala, diversos dos temas de interesse – as intervenções do entrevistador servindo como estímulo dialógico à narrativa, quando apropriado. O manual (ver anexo A) trazia também instruções mais estritamente operacionais, como um procedimento para identificar as entrevistas por código, algo essencial para a organização do banco de dados.

Para se ter uma noção geral do seu tamanho, basta ver que as entrevistas transcritas contêm, na média, 52 laudas (52 mil caracteres sem espaços). O quadro 1 apresenta as questões do roteiro semiestruturado, separadas em blocos temáticos.

QUADRO 1  
Roteiro de entrevista, por bloco

Questão	Tema
Qual era a profissão dos seus pais?	Condição socioeconômica de origem
Como eles conciliavam trabalho e família?	
Como era a vida de vocês: muito apertada, mais ou menos, ou viviam com folga? Fale mais sobre isso.	
Seus pais estudaram até que série?	
Quem cuidava de você? Como cuidava?	Infância
O ambiente na sua casa era tranquilo ou era mais conturbado? Quem mais morava na mesma casa?	
Como era a divisão do espaço e das tarefas?	
Descreva um dia típico da sua infância.	
Quando você fazia algo de errado, como você era punido?	
Quais eram as preocupações centrais em termos financeiros?	
Faltava alguma coisa em casa?	
Nós sabemos que todas as famílias têm coisas boas e também têm muitos problemas. Quais eram as melhores coisas na sua família?	
E quais eram as piores?	Percepção de mudança socioeconômica
A gente sempre herda muitas coisas dos nossos pais. O que você herdou do seu pai?	
O que você herdou da sua mãe?	
O que você tentou fazer diferente do seu pai?	
O que você tentou fazer diferente da sua mãe?	
Olhando para a sua família hoje e para o tempo em que você vivia com seus pais, quais as grandes diferenças que você vê na maneira de criar os filhos?	
E na maneira de conviver com o companheiro?	
E na sua condição social?	Escolaridade
Descreva um dia típico na sua escola quando você estava no primário.	
Teve algum professor do qual você gostou muito?	
Você estudava em casa?	
Como era isso?	
Você fazia alguma atividade além da escola?	
Como era isso?	
Você se considerava inteligente na escola? Fale mais sobre isso.	
E seus pais e professores, em geral, eles te achavam inteligente?	
O que você mais gostava de fazer na escola?	Transição escola-trabalho
E o que você não gostava de fazer?	
E quando você ficou adolescente, o que mudou na sua vida escolar?	
Quando você começou a pensar em uma profissão?	
No que a escola te influenciou nisso?	
Quando você começou a trabalhar?	
Por quê?	
Quantos trabalhos diferentes você teve? Conte essa história.	

(Continua)

(Continuação)

Questão	Tema
Descreva um dia típico no seu trabalho atual.	Ocupação
Como é a sua relação com seus superiores e colegas?	
Qual era o trabalho dos seus sonhos?	
Ele tem a ver com seu trabalho atual?	
Que tipo de competências ou habilidades o seu trabalho exige?	
Como você desenvolveu essas habilidades?	
Você está contente com o seu trabalho ou você pretende mudar?	
Você tem uma renda estável?	
Qual é a frequência de seus rendimentos (semanal, mensal, trimestral...)?	
Como você usa seu dinheiro?	
Despesas mensais?	
Poupança?	
Investimento?	
Como você organiza esses gastos?	
Alguma forma de controle escrito?	
Com qual antecedência?	Capital social
Você tem muitos amigos?	
Como você os conheceu?	
Algum amigo ou conhecido já te deu algum tipo de ajuda que foi importante para sua vida profissional?	
Que lugares você frequenta com seus amigos?	Religião
O que vocês fazem juntos?	
Você tem alguma religião?	
Com que frequência você vai aos cultos?	
Com que frequência você faz orações fora do culto?	
E outras atividades religiosas?	
Que atividades você faz na igreja?	
Com quem você vai à igreja?	
A que tipo de pessoa Deus ajuda?	
Como Deus tem atuado na sua vida?	
Que coisas você pede a Deus?	Lazer
Como Deus age nesse mundo?	
Geralmente, o que você faz para se divertir ou se distrair?	
Quando tem tempo livre, prefere ficar em casa ou gosta de sair?	
E o que faz nesse tempo?	
E aonde você geralmente vai?	Consumo
Esses lugares que você frequenta, conte-me mais sobre eles.	
O que você mais gosta de comprar?	Cultura
Com que frequência?	
Como você se veste?	
De que tipo de música você gosta?	
Cite exemplos.	
Quais os últimos filmes que você assistiu e gostou?	
Por que gostou?	
Quais os últimos livros que você leu e gostou?	
Por que gostou?	

(Continua)

(Continuação)

Questão	Tema
Você gosta de cozinhar? Fale mais sobre isso.	Alimentação
Você considera a sua alimentação saudável?	
Por quê?	
O que você faz para cuidar do seu corpo?	Cuidados com o corpo
Malha?	
Pratica esportes?	
Você bebe?	Álcool
O que costuma beber? Cite uma marca.	
As mulheres estão se libertando muito rapidamente. Quais são os aspectos negativos e positivos disso?	Gênero
Você acha que homens e mulheres são iguais ou diferentes? Por quê?	
Quem você acha que tem mais satisfação sexual, o homem ou a mulher? Por quê?	
O que é um parceiro ideal?	Relações conjugais
Qual a diferença entre sexo e amor?	
É possível manter a paixão num casamento?	
O que leva a conflitos em um casal?	
Como você se enxerga na sociedade?	Percepção de classe e políticas públicas
Como você percebe as classes imediatamente acima da sua?	
E as classes imediatamente abaixo?	
Como você acha que as políticas públicas tratam as pessoas mais pobres?	
O que é ter uma vida boa no Brasil?	
O que seria mais importante e menos importante em uma vida boa?	
Como se pode alcançar essa vida boa?	
Qual é o papel das políticas públicas para alcançar essa vida boa?	
Você pode alcançar essa vida boa?	
Qual o papel da educação para assegurar essa vida boa?	
E o papel das cotas?	
E o do Pronatec?	
Como é sua relação com o SUS?	
Como você o avalia?	
E o dos Mais Médicos?	
E do Bolsa Família?	
E o da Minha Casa, Minha Vida?	
E você foi ou é beneficiado por algum desses programas?	Experiência com políticas sociais
E como foi/é essa experiência?	
Você foi bem tratado pelos funcionários desse programa?	
E você já tentou ser beneficiado e não conseguiu?	
E como foi essa experiência de não conseguir?	Bem-estar e projeto de vida
O que seria bem-estar para você?	
Pensando no bem-estar da sociedade, como você vê o papel das políticas sociais?	
O que seria para você progresso?	
E o que você acha que dificulta a melhora da vida das pessoas?	
Você tem algum sonho ou projeto futuro que quer alcançar?	
Como você acha que poderia alcançar esse sonho?	Problemas nacionais
Para você, qual é o principal problema do Brasil? Por quê?	
O que podemos fazer para superá-lo?	

(Continua)



(Continuação)

Questão	Tema
Você acha que o preconceito é um problema no Brasil?	Preconceito e discriminação
Você já sofreu algum preconceito?	
Se sim, poderia contar como foi?	
Você acha que há preconceito entre as classes? Por exemplo, entre ricos e pobres? Por quê?	
E você acha que as políticas públicas tratam as pessoas de forma humilhante? Por quê?	Direitos reprodutivos e sexualidade
Como você enxerga a questão do aborto?	
E do casamento gay?	
Como você reagiria se alguém próximo se envolvesse em alguma destas questões?	Solidariedade e engajamento social
Em qual extensão a questão ambiental impacta a sociedade e a sua vida?	
E a desigualdade social?	
Você se engajaria preferencialmente em causas ambientais, de maus tratos com animais ou em causas "sociais", como assistência aos usuários de crack ou outros excluídos? (fazer o entrevistado falar espontaneamente)	
Como você percebe isso?	Fontes de informação
De todas as fontes de informação, em qual você mais confia? Por quê?	
E em qual você menos confia? Por quê?	Causas da desigualdade
O Brasil é um país muito desigual. Quais são as causas disso?	
Você é a favor ou contra a maioria penal? Por quê?	Drogas e segurança pública
Você acha que drogas mais leves, como a maconha, deveriam ser descriminalizadas?	
E drogas mais pesadas? Por quê?	
Como é que o governo deveria lidar com os usuários de crack?	
O que você acha do ex-presidente Fernando Henrique Cardoso?	Política
E do ex-presidente Lula? Por quê?	

Elaboração dos autores.

## 1.5 Questionário básico e diálogo com *surveys*

Buscou-se garantir que os resultados de uma amostra intencional como a dessa pesquisa pudessem dialogar com pesquisas nacionais com representatividade estatística. Para isso, foi incluído no roteiro um questionário básico, dedicado a coletar informações sobre indicadores socioeconômicos como escolaridade, renda e ocupação. Após o preenchimento dos dados, todas as informações foram analisadas quanto à sua consistência e variáveis derivadas foram construídas. O quadro 2 apresenta uma síntese das variáveis constantes na base de dados da pesquisa, derivadas do questionário básico. Note-se que, para além destas, a base contém diversos indicadores advindos de escalas de atitudes e valores, que serão o objeto da próxima seção.

Com as informações do questionário básico, é possível, por exemplo, identificar qual posição qualquer dos entrevistados pela pesquisa Radiografia ocuparia num esquema de estratificação construído com base nas informações das PNAD ou do Censo Demográfico. Isso garante que os resultados dessa pesquisa possam ser utilizados em pesquisas futuras com método misto, interessadas em explorar, qualitativamente, discursos e trajetórias de vida a partir de pessoas que ocupam posições sociais delimitadas dentro de um esquema de estratificação amplo, construído com base em dados de *surveys* estatisticamente representativos. Em suma, além dos objetivos estritamente qualitativos, *compreensivos*, ou de descrição densa (Geertz, 1994) da realidade social brasileira tal qual vivida pelos seus atores,

a estratégia de seleção dos entrevistados e a inédita quantidade de entrevistados permitem combinar a análise qualitativa tradicional com o estabelecimento de correlações estatísticas entre origens de classe, trajetórias de vida e a composição de capitais (econômico, cultural, social etc.) que estruturam formas díspares de inserção social.

QUADRO 2  
Variáveis derivadas do questionário aplicado em conjunto com as entrevistas

Variável	Definição
Código_da_entrevista	Chave de identificação do entrevistado. A mesma chave nomeia o arquivo de texto com a transcrição da entrevista correspondente. Os três primeiros dígitos se referem ao entrevistador.
UF	Unidade da Federação.
REGIÃO_política	Agregação binária de UFs em "sul" e "norte": As macrorregiões Sul, Sudeste, bem como o Distrito Federal, se referem à região "Sul" nesta variável.
Faixa_Etária	Agregação da variável "idade" em quatro categorias contínuas (até 29 anos, 30-44, 45-59, 60+).
Idade	Idade do entrevistado.
Cor_raça_declarada	Cor ou raça declarada pelo entrevistado.
Negro_agregação	Agregação das respostas "preto" e "pardo".
Negro_branco_binária	Variável binária resultante da agregação das respostas "preto" e "pardo" e da exclusão das respostas "amarelo" e "indígena".
Cor_raça_percebida	Cor ou raça imputada pelo entrevistador no momento da entrevista.
Heteroclassificação_racial	Esta variável identifica entrevistados cuja autodeclaração de raça ou cor é distinta da percepção do entrevistador. Por exemplo, se o entrevistado se identifica como branco e o entrevistador o percebe como pardo, esta variável identificará "embranquecimento". <i>Note que não se deve adjudicar "realidade" à uma classificação em relação à outra.</i> A variável busca simplesmente captar situações em que a heteroidentificação é distinta da autodeclaração.
Sexo	Sexo do entrevistado.
Vive_com_cônjuge	Variável binária. "Vive com cônjuge" quem coabita com outra pessoa com quem se tem uma relação conjugal, independentemente do status jurídico da relação.
Escolaridade_16_níveis	Nível de escolaridade mais alto alcançado pelo entrevistado. Vai desde "não frequentou escola" até "pós-doutorado completo", passando por "fundamental incompleto", "fundamental completo" etc.
Escolaridade_6_níveis	Redução da variável escolaridade em seis níveis, desde "sem instrução" a "pós-graduação completa".
Qualificação_5_níveis	Redução da variável escolaridade em cinco níveis, buscando captar o grau de qualificação do entrevistado. Vai desde "sem qualificação" (que inclui todos os sem instrução e os que não completaram o ensino fundamental) até "especialista" (todos com alguma pós-graduação completa), passando por "qualificação básica" (fundamental completo ou médio incompleto), técnico (médio completo ou superior incompleto) e profissional (superior completo ou pós-graduação incompleta).
CURSO_DE_GRADUAÇÃO	Nome do último curso de graduação concluído.
Curso_de_pós-graduação	Nome do último curso de pós-graduação concluído.
ÚLTIMO_CURSO_CONCLUÍDO_-_GRANDE_ÁREA_DE_FORMAÇÃO_(SE_MAIIS_DE_UM_=_MAIOR_STATUS)	Nome do último curso de graduação ou pós-graduação concluído, agregado por grande área do conhecimento.
PÚBLICO_OU_PRIVADO_ÚLTIMO_CURSO_CONCLUÍDO_-	Natureza pública (1) ou privada (2) do último curso concluído, quando disponível a informação.
INSTITUIÇÃO_DE_ENSINO_ÚLTIMO_CURSO_CONCLUÍDO_-	Nome da instituição de ensino do último curso concluído, quando disponível.
CLASSE_Jessé_4_NÍVEIS	Identificação de classe social, imputada pelo entrevistador, com base na teoria de classes sociais no Brasil de Jessé Souza. As classes média alta e alta foram agregadas de sorte a ampliar o número de casos. A depender da análise, esta agregação pode fazer sentido ou não.
CLASSE_Jessé_5_NÍVEIS	Identificação de classe social, imputada pelo entrevistador, com base na teoria de classes sociais no Brasil de Jessé Souza. Inclui cinco categorias – rale estrutural, batalhadores, classe média, classe média alta e classe alta.

(Continua)

(Continuação)

Variável	Definição
CLASSE_Santos	Imputação de classe socioeconômica, advinda das variáveis ocupacionais e de escolaridade disponíveis, com base na adaptação do esquema de classes de Erik Olin Wright para o Brasil proposto por José Alcides F. Santos (2005).
Renda_Bruta	Renda bruta declarada pelo entrevistado para o último mês. Note que a imensa maioria dos entrevistados faz ou fez parte da força de trabalho, o que – adicionado à localização das entrevistas (regiões metropolitanas) e à amostra intencional de ocupações típicas de classes médias e altas, com o intuito de atingir o ponto de saturação para estes grupos sociais – explica a renda comparativamente alta dos entrevistados.
FAIXAS_DE_RENDA	Renda bruta declarada pelo entrevistado, por faixas de salário mínimo (menos de 1, 1 a 2, 2 a 5, 5 a 10, 10 a 20, 20+). Os valores coincidentes são classificados na faixa mais alta (isto é, 1 SM de renda = 1-2 SM, 2 SM = 2 a 5 SM, e assim por diante).
Situação_Ocupacional	Posição ocupacional do entrevistado na força de trabalho.
DESFILIAADO_SOCIAL-SECURITÁRIO	Variável binária que busca representar a condição do entrevistado frente à seguridade social. Desfiliaados são os conta própria, os empregados sem carteira assinada, os desempregados e os estudantes/bolsistas.
PROPRIETÁRIO	Variável binária. Proprietário é quem possui um bem empregado na produção econômica, seja uma barraca de cachorro-quente ou uma indústria.
CONTRATA_TRABALHO	Variável com quatro respostas possíveis: trabalhador, conta própria, pequeno empregador ou grande empregador. Na ausência de informações precisas sobre o número de empregados, "grande empregador" é aquele com renda de ao menos dez salários mínimos.
EXERCE_AUTORIDADE	Variável com três respostas: autônomo, chefe e empregado – "chefe" corresponde a quem ocupa posição laboral de supervisão, gerência, e/ou direção do trabalho de outrem.
Nome_da_ocupação	Nome da ocupação do entrevistado.
Código_da_Ocupação	Código ocupacional, conforme a Classificação Brasileira de Ocupações (CBO).
Entrevistador:_sexo	Sexo do entrevistador (1 = FEMININO).
Entrevistador:_código	Código do entrevistador.

Elaboração dos autores.

## 1.6 Escalas de origem social, de atitudes e de valores

O material coletado pela pesquisa Radiografia oferece um conjunto aberto de possibilidades para uma análise hermenêutica da dinâmica de classes. O roteiro da pesquisa foi elaborado de modo a obter não apenas informações sobre a trajetória de vida das pessoas, mas também expressões de seus valores e atitudes. Na verdade, a própria reconstrução da trajetória de vida pelo entrevistado constitui um exercício de narrativa. Tal reconstrução não apenas comunica ao pesquisador uma série de eventos da vida passada e presente do entrevistado, como expressa também, enquanto exercício narrativo, certas atitudes e valores. Dado isso, e levando-se em consideração o caráter multidimensional das entrevistas, pesquisadores poderão, no futuro, utilizar o material de formas inovadoras que não são possíveis prever de antemão.

A análise multidimensional de atitudes, valores e origem social de 313 entrevistados é, por conseguinte, uma parte importante da Radiografia do Brasil. Além de facilitar o trabalho de consulta do corpo de entrevistas, tal análise permite desvelar relações entre esferas muito distintas da vida social (criação familiar, vida escolar, trabalho, política, religião, relações conjugais) e o “patrimônio de disposições” sociopsíquicas que estruturam as relações dos agentes sociais com o mundo. Espera-se, assim, contribuir para uma compreensão mais completa das relações de classe no Brasil, conectando-as tanto a “contextos sociais e institucionais, que estão em relação de mútua interdependência em relação ao patrimônio de disposições para o comportamento dos sujeitos” quanto aos “ambientes sociais específicos que se reproduzem simbolicamente segundo estilos de vida e esquemas de representação do mundo semelhantes” (Ipea, 2015).

Sua operacionalização se deu por meio da construção de escalas que consideraram, na sua elaboração, tanto experiências de pesquisas similares em outros países quanto uma análise exploratória do *corpus* de entrevistas (Rehbein, 2016). A partir disso, foi elaborado um manual para os pesquisadores, expondo aspectos gerais sobre a metodologia utilizada e explicando cada uma das categorias (ver anexo D). A pontuação dos entrevistados nessas escalas foi realizada por pesquisadores com formação em ciências sociais ou áreas afins, após a leitura atenta das entrevistas. Para aprimorar a validade na atribuição dos valores, cada entrevista foi pontuada, em cada categoria, por três pesquisadores diferentes, extraindo-se um valor médio.

Como resultado, a base de dados quantitativa que acompanha as entrevistas transcritas (bem como a base agregada quali-quantitativa em formato Atlas.ti, exportável para xml) contém, para essas 313 entrevistas, além das respostas fechadas do questionário citado, os resultados da codificação. Os 39 itens que compõem esta base abordam fenômenos diversos, que podem ser subdivididos em sete macrodimensões:

- 1) Capital socioeconômico: busca mensurar duas dimensões fundamentais para a análise de classes: i) o patrimônio pessoal, permitindo assim complementar um indicador de fluxo monetário (renda mensal), mais sujeito a variações ao longo do percurso de vida, com um de volume de capital; e ii) capital social, considerando o tamanho, os recursos disponibilizados e as características das redes de contato.
- 2) Origem socioeconômica: busca mensurar a origem social e econômica do entrevistado, incluindo variáveis mais tradicionais (ocupação do principal responsável, residência em área rural) e três medidas de volume de capital – econômico, cultural e social – sendo, neste último caso, utilizada a afluência do entorno social (vizinhança, escola) como medida dos recursos disponibilizados pela rede de contatos.
- 3) Convivência familiar na infância: busca qualificar as experiências de socialização primária por meio de informações padronizadas sobre as relações de cuidado afetivo na família de origem, tais como estímulo ao desenvolvimento, estabilidade do cuidado, vigilância, moralidade e violência doméstica.
- 4) Disposições sociopsicológicas: busca captar elementos relacionados ao *habitus* (Rehbein, 2016). Consiste num conjunto de quatorze categorias, construídas com base na pesquisa *Reproduktion sozialer Ungleichheit in Deutschland*, as quais abordam diversas atitudes que podem ser diacríticas de determinados estilos de vida. Esses estilos de vida podem estar relacionados a indicadores socioeconômicos (renda, escolaridade ou ocupação) de diferentes maneiras. Uma análise preliminar revela uma primeira dimensão (a mais explicativa) fortemente relacionada com o *status* econômico, sobretudo indicado pela educação. Outros componentes (com valores próprios superiores à unidade) são passíveis de interpretação em termos de estilos de vida e parecem mais relacionados a posições ocupacionais. O diálogo direto entre as categorias utilizadas no estudo e aquelas utilizadas em pesquisa realizada na Alemanha enseja a possibilidade de estudos comparativos de nível internacional.
- 5) Religião: a vida religiosa das pessoas foi captada em duas dimensões. Uma referente ao quanto as pessoas se dedicam a práticas religiosas, como a frequência a cultos, por exemplo. A segunda refere-se ao quanto as pessoas acreditam na intervenção das deidades no mundo terreno, por oposição a uma visão mais transcendentalista.

Investiga-se também, nesta segunda dimensão, e para aqueles que creem mais fortemente na intervenção do divino, as esferas da vida em que mais esperam essa intervenção (por exemplo, economia, saúde, família).

- 6) Visão política: as categorias sobre visão política foram construídas com base em uma revisão crítica de estudos sobre o tema realizados a partir do European Social Survey. As categorias comportam três dimensões: i) o igualitarismo, em oposição aos discursos de justificação da desigualdade; ii) o discurso intervencionista, por oposição ao discurso de aversão à intervenção do Estado; e iii) o discurso autoritário, por oposição ao discurso liberal no domínio dos costumes.
- 7) Relação conjugal: partindo da ideia de que as relações afetivas dão expressão a atitudes e valores bem consolidados nas pessoas, buscou-se aferir as relações com o cômputo em três dimensões: i) a estabilidade ou instabilidade do relacionamento; ii) a resolução violenta ou não violenta dos conflitos; e iii) o caráter mais convencional ou mais liberal da vida conjugal. Essa análise permitirá explorar valores referentes às relações de gênero levando em consideração, por exemplo, o estilo de vida e os valores políticos.

Entende-se que esta base poderá subsidiar vários estudos futuros, como uma análise multidimensional do perfil sociopsicológico das pessoas e da sua relação com o *status* socioeconômico, visando investigar as possíveis conexões, assim como as discontinuidades entre classe social e estilos de vida. As escalas, em conjugação com as variáveis quantitativas, podem servir ainda como ponto de entrada privilegiado no *corpus*, permitindo a seleção de entrevistas relevantes a objetos de pesquisa específicos (por exemplo, mulheres jovens submetidas a disciplinamento parental violento, trabalhadores por conta própria que acreditam na intervenção divina no campo econômico) ou para comparação entre grupos (por exemplo, pessoas de classe média com origem de classe baixa *versus* pessoas de classe média com origem de classe média alta, meritocratas *versus* igualitaristas etc.).

A confiabilidade da escala foi averiguada, para cada categoria, por meio da concordância entre as atribuições dadas por cada pesquisador para cada entrevista, extraído-se assim o coeficiente de correlação intraclasse (ICC). O ICC médio, considerando todas as escalas, foi 0,7. Dezesete categorias obtiveram um ICC entre 0,6 e 0,79, e outras doze obtiveram um coeficiente igual ou superior a 0,8. Entretanto, sete categorias não atingiram o patamar de 0,6, e devem ser utilizadas com maior parcimônia. Os valores específicos do ICC para cada item estão no anexo E.

O quadro 3 apresenta e explica os atributos abordados nas escalas. Em alguns casos, foi incluído, abaixo da nomeação do atributo na base de dados, um conceito sintético, para além da descrição detalhada do atributo na coluna da direita. Os itens com ICC abaixo de 0,6 foram marcados em vermelho, e os itens com ICC igual ou superior a 0,8 em azul.

QUADRO 3

## Atributos das escalas de origem social, de atitudes e de valores, por dimensão

I – Capital socioeconômico	
Patrimônio	Pontuação com base no nível global de patrimônio da pessoa, o que inclui diferentes ativos: bens imóveis (a começar pela casa própria ou não), poupança, investimentos, bens móveis como carros ou mobília de alto valor. O valor 1 corresponde a alguém que não tem patrimônio. O valor 5 corresponde a um montante estimado acima de um milhão de reais.
Redes_de_Contatos_	Nível de capital social, ou seja, de relações sociais úteis, facilitadoras quanto às chances de vida. Consideraram-se especialmente parentes, cônjuge, família do cônjuge, amigos, colegas e o quanto esses contatos foram importantes na história de vida narrada pelo entrevistado, sobretudo no que se refere à sua trajetória escolar e profissional.
Recursos_da_Rede	Nesse item, o que se mede é o "montante" de recursos sociais, o qual "rica" é a rede de contatos de uma pessoa. Note-se que as redes podem ser relevantes, mesmo mobilizando baixos recursos, de sorte que este item é distinto do item anterior. Por exemplo: alguém pode ter contato com as redes de contato para conseguir trabalho num momento decisivo, sendo esse trabalho precário ou de baixa remuneração. As redes aqui foram muito relevantes, mesmo mobilizando recursos baixos (um emprego ruim). A questão é que conseguir o trabalho foi algo decisivo.
Qualidade_dos_Laços	O item mede se o capital social mobilizado durante a trajetória da pessoa foi mobilizado mais através de laços fortes ou de laços fracos. As opções vão da exclusividade de laços próximos (valor 1) à exclusividade de laços com pessoas mais distantes (valor 5). Quando se fala em capital social, há uma distinção importante entre laços fortes e laços fracos. Laços fortes são laços com maior teor afetivo, em geral ligando as pessoas com um nível considerável de intimidade: parentes, amigos próximos etc. Laços fracos são vínculos de mútua confiança que não envolvem intimidade.
II – Origem socioeconômica	
Ocupação_do_Principal_Responsável	Considera-se principal responsável a pessoa que, durante a maior parte da infância e adolescência do entrevistado, contribuiu com a maior renda para o sustento da família, ou seja, aquela pessoa com maior peso como "provedor" familiar. Note que essa pessoa pode ser o pai, a mãe, uma avó etc. Esse item é de resposta aberta.
Residência_da_Família_de_Origem (ruralidade)	Define se a pessoa é de extração rural (0) ou urbana (1). Imputa-se origem rural se a migração para a cidade ocorrer após completados seis anos de idade.
Capital_Econômico (de origem)	Posição econômica da família de origem do entrevistado. Mais do que a renda, se considera o patrimônio de maneira geral e até mesmo as informações que houver sobre outros parentes próximos ou os avós do entrevistado. Se a família extensa de origem é toda mais endinheirada, isso também deve contar para fins de se classificar a família nuclear de origem. Define-se como muito alto (5) o nível de capital econômico daqueles que se considere estarem entre os 10% mais ricos; como alto (4), os entre os 70% e 90%; médio (3), entre os 40% e 70%; e baixo (2), entre os 20% e 40%. Define-se como muito baixo (1) os que se considere estarem entre os 20% mais pobres.
Capital_Cultural (de origem)	Julga o ambiente familiar global da família de origem em relação à cultura. Considera-se não apenas a escolarização formal, mas todas as formas de capital cultural presentes na socialização familiar.
Ambiente_Social_na_Infância (afluência do entorno social na infância)	Julgamento sobre o nível socioeconômico, considerando em conjunto as dimensões econômica e cultural, do ambiente social mais extenso em que a pessoa viveu durante a infância. Leva-se em conta ambientes e momentos que parecem ter sido mais cruciais, seja porque o entrevistado vivia mais tempo ali, seja porque ali os laços e o envolvimento afetivo parecem ter sido mais intensos. Por exemplo: os amigos na escola, a vizinhança, as interações cotidianas.
Percepção_da_Infância (percepção das condições de vida)	Como o próprio entrevistado percebe e avalia as condições sociais de sua vida durante a infância. É extremamente comum as pessoas usarem expressões como "era muito difícil", "era apertado", ou então "nunca passamos apertado", "foi tranquilo", para expressarem essa percepção. A escala vai de 1 (muito difícil) até 5 (muito fácil).
III – Convivência familiar na infância	
Instável_x_Estável (estabilidade do cuidado afetivo)	Trata-se do quanto, durante o tempo em que viveu sob os cuidados da família de origem, o entrevistado experimentou choques devidos a rupturas e rearranjos na vida familiar. Não se trata de a família ser ou não "estruturada" aos moldes da família nuclear, mas sim da estabilidade das relações de cuidado para com o entrevistado. O que se quer identificar não são eventos como divórcio, migração, rearranjos familiares por si mesmos, mas o quanto quaisquer eventos estressaram a estrutura familiar, o quanto eles provocaram rupturas ou deterioração nas relações de cuidado afetivo.
Distante_x_Vigilante_ (vigilância parental)	Mede a sistematicidade e a intensidade da monitoração exercida pela família de origem sobre o entrevistado. No limite da vigilância, há um monitoramento ostensivo e sistemático durante a infância e a adolescência. No limite da distância está a negligência com relação ao controle do uso do tempo.
Violento_x Comunicativo (disciplinamento parental violento)	Qualidade das interações pelas quais o disciplinamento acontecia na família de origem. No extremo do comunicativo está o uso exclusivo da palavra para disciplinar, sem o uso auxiliar de qualquer tipo de demonstração de raiva. No extremo da violência está o uso sistemático do contato físico, e mesmo o espancamento.
Conservador_x_Liberal (tradicionalismo moral)	Trata-se da dimensão da moralidade dos costumes. Procura identificar quão convencionais eram os valores a respeito do comportamento, que guiavam as relações de cuidado na família de origem. Observa concepções sobre: comportamento de gênero, o tipo de gestos de deferência e de respeito que se esperava que fossem dirigidos aos pais e aos mais velhos em geral, o intercurso com outras pessoas para além da esfera da família etc. Famílias mais conservadoras tendem a apresentar relações de teor mais autoritário entre os mais novos e os mais velhos, a naturalizar valores "tradicionalistas" com relação a gênero, a relações raciais, ao intercurso com outras classes sociais etc.
Desestimulante_x_Estimulante (estímulo ao desenvolvimento infantil)	O ambiente familiar estimulante é aquele em que há estímulo sistemático, por parte dos outros significativos, para que a pessoa desenvolva suas faculdades físicas, intelectuais e afetivas. Os estímulos vão do incentivo verbal ao acompanhamento em atividades práticas, da palavra de apoio ao ato de estar junto no fazer das lições de casa, acompanhando o filho na prática de algum esporte etc. Quanto mais presentes esses elementos, sobretudo os estímulos práticos, mais pontuado enquanto estimulante.

(Continua)

(Continuação)

IV – Perfil sociopsicológico	
Inseguro_x_Autoconfiante (autoconfiança)	A autoconfiança consiste numa convicção espontânea nas próprias virtudes e capacidades. O autoconfiante é aquele que se crê capaz, seja profissional, social ou esteticamente. Ser autoconfiante não significa se achar perfeito ou sempre o melhor, mas em sentir-se confiante em suas próprias forças e atributos. Contudo, no extremo, a autoconfiança pode sim carregar-se de uma inabilidade para a autocrítica. O inseguro é o oposto. Não confia em suas próprias forças, nem em seu próprio intelecto. Extrema, a insegurança leva a uma inabilidade para reconhecer em si mesmo as virtudes mais patentes. Autoconfiança e insegurança tendem a se manifestar bastante nas interações sociais, sobretudo aquelas que envolvem algum grau ou a expectativa de intimidade.
Coletivista_x_Individualista (sociabilidade)	O coletivista manifesta tendência geral à sociabilidade. Procura, por exemplo, em seu tempo livre, atividades que envolvam outras pessoas. Gosta de trabalhar em grupo. O individualista, pelo contrário, prefere atividades solitárias. Foram consideradas, para interpretação, atividades tanto no trabalho quanto na escola e no tempo livre.
Heteronômico_x_Autônomo (autonomia)	A autonomia é a tendência a acreditar na própria capacidade de alterar o curso dos fatos e das circunstâncias. O autônomo situa sua interioridade enquanto lócus de controle. O autônomo não necessariamente nega a existência de circunstâncias coercitivas, mas pode chegar a isso em casos extremos. Já o heteronômico enfatiza as causas externas, sejam elas místicas, sociais ou materiais. Nas relações sociais, a heteronomia é uma tendência a atribuir a outras pessoas a responsabilidade pelo próprio destino e pelas próprias ações.
Pessimista_x_Otimista (otimismo)	O otimista mantém sistematicamente expectativas positivas sobre sua vida e o curso dos fatos. No limite, “acredita que tudo vai bem quando tudo vai mal”, como diz Voltaire. Já o pessimista é o contrário. No extremo, acredita que tudo vai mal quando tudo vai bem.
Passivo_x_Ativo (passividade)	O ativo tende a agir no sentido de obter os resultados que deseja, aquilo que quer para si mesmo ou para outrem. Já o passivo tende à inação ou à expectativa sistemática de que outros façam as coisas por ele.
Ascético_x_Hedonista (hedonismo)	O hedonista dedica-se mais às práticas que recompensam os sentidos, está voltado à diversão, à sensualidade. O hedonista não é necessariamente o indisciplinado; é, de maneira geral, alguém que concede ao prazer, à fruição, um lugar de destaque em sua hierarquia de valores.
Idealista_x_Pragmático (pragmatismo)	O pragmático tende a se guiar pelo valor estratégico das suas ações tendo em vista uma finalidade definida. Já o idealista tende a procurar por práticas que, para ele, tenham valor intrínseco, sobretudo um valor “espiritual”.
Atividade_Intelectual_x_Atividade_Física (intelectualismo)	Observa se a pessoa dedica seu tempo mais a atividades físicas ou intelectuais. Considera práticas que se deem em circunstâncias em que haja margem de escolha. Um trabalhador braçal se dedica mais a atividades físicas, mas não por uma escolha que faça no presente. Não se trata apenas de esportes. Danças e saídas à noite podem ser consideradas atividades físicas. Não se trata aqui do cuidado com o corpo, mas do uso do corpo. Por outro lado, saídas para diversão também podem ser consideradas atividades intelectuais. Por exemplo: a pessoa sai à noite para dançar ou sai mais apenas para sentar e conversar?
Experimental_x_Tradicional (experimentalismo)	Aspectos gerais do estilo de vida do entrevistado, sobretudo no consumo. Por “experimental” entende-se um conjunto de traços associados a práticas expressivas emergentes nos campos da alimentação (vegetarianismo, veganismo etc.), do turismo (itinerários exóticos), da moda (tendências não convencionais), das atividades culturais (esoterismo etc.). Já o polo “tradicional” se conecta a um estilo de vida mais convencional.
Orientado_à_Família_x_Orientado_a_sí_Mesmo (familismo)	Avalia se o entrevistado orienta seus projetos de vida em função de si, ou seja, de metas e projetos próprios ou se o enxerga em função de seu contexto familiar, considerando os outros significativos. Não se trata da presença da família enquanto meio, dando suporte às realizações e aos projetos do entrevistado, mas à sua presença enquanto finalidade, enquanto um fim por relação ao qual esses projetos de vida e essas realizações se orientam.
Insatisfeito_x_Satisfeito (satisfação com a vida)	Percepção relacional de bem-estar. “Satisfação” e “insatisfação” referem-se a como o entrevistado julga sua vida. Note que ele fará esse julgamento sempre à luz do seu passado, das suas expectativas de futuro e também à luz da situação de outras pessoas que ele observa ao seu redor.
Orientado_a_Objetivos_x_Sem_Orientação (comportamento estratégico)	Se refere ao comportamento estratégico. A estratégia existe tanto em estado subjetivo (enquanto um planejamento mais ou menos refletido) quanto em estado objetivo, na organização do próprio ambiente social em que a pessoa se insere. Ambos os estados da estratégia, tanto o subjetivo quanto o objetivo, foram considerados.
Indisciplina_x_Disciplina	Se atém à dimensão disciplinar do <i>habitus</i> , isto é, em que medida a dimensão cotidiana da vida social se encontra racionalizada, padronizada, uniformizada e organizada. Apesar de ser um conceito abstrato, assim como o concernente aos objetivos de vida, a “disciplina” e a “indisciplina” encontram seu foco em diferentes esferas da vida social, como trabalho, trajetória escolar, disposições econômicas etc.
Frac_Ethos_do_Trabalho_x_Forte_Ethos_do_Trabalho (ética do trabalho)	Esta escala mede com qual intensidade a esfera do trabalho cumpre sua função social na trajetória dos entrevistados. Basicamente, tenta perceber que extensão a esfera do trabalho ocupa na vida da pessoa, não apenas em termos de tempo, como também de energia, de expectativas e de convívio social.

(Continua)



(Continuação)

V – Religião	
Indiferença_x_Envolvimento (engajamento religioso)	Refere-se à extensão da vida religiosa das pessoas. Considera não apenas o tempo que a pessoa dedica à atividade religiosa, mas também o quanto suas relações sociais estão ou não imbricadas na vida religiosa. No extremo do envolvimento, temos alguém que frequenta assiduamente os cultos e restringe seu círculo social ao círculo religioso. No outro extremo está alguém que não se filia a qualquer igreja. Note que não está em questão o que às vezes se chama de religiosidade, por diferença à religião. Mais especificamente: o fato de uma pessoa acreditar na existência de uma esfera transcendente e sentir certo contato existencial com ela, mas não praticar nenhuma religião, não é considerado envolvimento.
Intervencionismo_x_Transcendentalismo (intervencionismo divino)	Distinção que a teoria clássica trata com base na disjuntiva entre religião e magia. No polo intervencionista (“mágico”) acredita-se que as deidades atuam nesse mundo, alterando o curso dos fatos. Mais ainda, crê-se que nos é possível, enquanto humanos, reivindicar a elas esse tipo de intervenção de modo a satisfazer nossos anseios. No extremo, o intervencionista é alguém que vê nos deuses apenas um meio para realizar suas vontades. O transcendentalismo é o polo que descreve a atuação das deidades no curso dos fatos desse mundo. Não que não haja possibilidade de acesso aos deuses. É que esse acesso estaria circunscrito à interioridade, à oração silenciosa que levaria a conversar com a entidade divina, que a convidaria a nos ouvir e a confortar nossas aflições ou aclarar nossos pensamentos. No extremo, o transcendentalista não pede aos deuses nada que envolva uma modificação no curso dos fatos desse mundo. Ele pode pedir inspiração, mas não a operação de milagres.
Primeira_Esfera (de intervenção divina)	Neste item, está em questão a esfera da vida em que a pessoa espera maior atuação das forças divinas. Trabalhamos com as seguintes opções: <i>Família</i> : problemas, conflitos e aspirações com relação a cônjuges e filhos; dimensão erótica da vida familiar. <i>Saúde</i> : problemas de saúde que o religioso acredita poder resolver com a intervenção do sagrado. <i>Economia</i> : problemas e aspirações relacionadas ao mundo do trabalho, do consumo e da atividade empresarial e da vida financeira em geral. <i>Outros</i> : alguma outra esfera da vida como educação, política.
Segunda_Esfera (de intervenção divina)	Idem item anterior.
VI – Visão política	
Meritocracia_x_Igualitarismo_ (igualitarismo)	Todos nós vivemos em uma sociedade em que o valor do mérito individual, através do esforço e do talento, está institucionalizado. Portanto, o que se trata aqui por igualitarismo não é uma concepção totalmente contraposta a argumentos meritocráticos. Na verdade, a meritocracia não é apenas uma fonte de legitimação da desigualdade, mas também um ideal regulador que pode ser mobilizado para condenar vários tipos de iniquidade. No discurso de uma pessoa, a meritocracia pode surgir sempre para justificar o fato de que uns ganham mais do que outros, têm mais prestígio do que outros etc. Outra pessoa, contudo, pode mobilizar a ideia de meritocracia mais para criticar as desigualdades existentes: questionar a desigualdade de oportunidades, de pontos de partida, denunciar discriminações por gênero ou raça, que imprimem desvantagens a despeito do mérito, enfim. O que chamamos de igualitário comporta essa última vertente do argumento meritocrático, quer dizer, pessoas que mobilizam a meritocracia como argumento de crítica. O que rotulamos de “meritocracia” corresponde à primeira vertente, mais voltada à legitimação das desigualdades existentes, ou seja, discursos em que a meritocracia surge mais como uma explicação para o atual estado de coisas.
Intervencionismo_x_Espon-taneísmo (estatismo)	Essa dimensão procura estimar o quanto a pessoa apoia ou se contrapõe a que o Estado intervenha nas relações sociais, sobretudo naquelas que tangem à vida econômica. O intervencionista radical apoia a estatização de empresas, as taxações e sempre enfatiza a ação do Estado como via de solução para os problemas sociais. O seu radical oposto é contra todo tipo de intervenção estatal, inclusive intervenções para minimizar situações de miséria ou para equilibrar relações assimétricas de força na sociedade civil, como é o caso da regulamentação trabalhista.
Autoritarismo_x_Libertarismo (autoritarismo)	Essa dimensão se refere à interseção entre a política e uma moralidade voltada ao campo dos costumes e da sociabilidade. Os liberais acreditam na ampla liberdade de escolha, no pluralismo, e dão ênfase ao valor da autoexpressão. Já o autoritarismo é caracterizado pela crença de que a sociedade deveria manter padrões morais e culturais mais rígidos, aceitando, portanto, maiores limitações na liberdade individual, sobretudo na liberação de expressões idiossincráticas, em nome de uma maior coesão social. Alusões elogiosas a valores tidos como consagrados no passado em contraposição a uma decadência moral no presente são sinais diacríticos da visão mais autoritária.
VII – Relação conjugal	
Instabilidade_x_Estabilidade (instabilidade conjugal)	A união instável é aquela frequentemente abalada por crises. As relações de cuidado mútuo se desfazem ou se fragilizam com facilidade ou frequência. O fato de passar por crises não é em si um sintoma de instabilidade, mas sim o modo de reagir às crises e vivenciá-las. A questão é o quanto as relações de cuidado e as noções de responsabilidade mútua se mantêm ao longo do tempo. A família estável se caracteriza tanto pela raridade de crises quanto pela resistência às crises, ou seja, pelo fato de as crises não desfazerem as já aludidas relações de cuidado e de responsabilidade entre os cônjuges.
Violento_x_Comunicativo_ (violência doméstica)	Aqui consideramos o tema da violência doméstica. É importante ter em mente que violência doméstica contém, mas não coincide sempre, com violência contra a mulher. A violência pode ocorrer também da mulher para o homem, de diferentes maneiras. Não se deve, ademais, limitar a noção de violência à violência física. A violência pode ser simbólica, exercida sobretudo através da palavra. Comportamentos dirigidos a humilhar o outro, a atingir seu senso de dignidade enquanto mulher, enquanto homem ou qualquer outra condição de gênero, devem ser considerados violência. O casal comunicativo é, por sua vez, aquele que procura recorrer ao diálogo para resolver seus conflitos.
Tradicional_x_Liberal (patriarcalismo laboral)	Chamam-se tradicionais, primordialmente, os cônjuges entre os quais há uma divisão do trabalho de caráter convencional, fortemente vinculada à condição de gênero de cada um dos pares. O que está em jogo são exatamente as concepções de gênero que informam a relação entre os cônjuges de maneira geral. A questão é que a divisão sexual do trabalho expressa essas concepções na prática, de maneira bastante incisiva. É importante considerar sutilezas: o fato de a mulher trabalhar é importante, e tão mais importante quanto maior for a relevância da sua renda no sustento geral da família. Um trabalho apenas complementar é uma coisa diferente de um trabalho que cumpre papel central no sustento do lar.

Elaboração dos autores.



A análise do quadro aponta que, na dimensão “capital socioeconômico”, os atributos relacionados ao tamanho da rede de contatos e às características desta rede (laços próximos ou distantes) se mostraram menos confiáveis do que a medida do *volume* de capital social, que considera não apenas o tamanho da rede como também os recursos sociais disponibilizados por ela. Por sua vez, a medida de capital econômico por excelência (patrimônio) se mostrou particularmente consistente.

Note-se que, dos três principais tipos de capital (conferir a tipologia proposta originalmente por Pierre Bourdieu), o capital social é o de mais difícil apreensão sem o recurso a instrumentos específicos de construção de redes sociais, de sorte que ser capaz de apreendê-lo com grau de confiabilidade regular é um ponto a ser ressaltado. Por sua vez, o patrimônio é uma medida muito importante para a construção de um indicador de capital econômico, que pode, é claro, incluir também outros dados disponíveis, como a renda mensal e a propriedade de bens econômicos. Sobre o capital cultural, este é tradicionalmente medido por meio do seu componente mais relevante, o título escolar. Neste quesito, a base de dados indica, para além do título escolar, informações que auxiliam a diferenciar, entre aqueles com ensino superior, os que frequentaram universidades e cursos de maior prestígio. Além disso, as próprias entrevistas fornecem outras informações relevantes ao capital cultural, como os hábitos de lazer, os gostos musicais e literários, além da própria amplitude do vocabulário.

Quanto à dimensão “origem socioeconômica”, todas as categorias apresentaram alta confiabilidade,<sup>9</sup> o que aponta ser a pesquisa extremamente promissora para análises de reprodução e/ou mobilidade social intergeracional. Além disso, a capacidade de distinguir entre capital econômico e cultural da família, bem como a fluência do entorno social mais amplo (escola, bairro, outros espaços de socialização), abre uma dimensão analítica relevante acerca dos processos de “conversão” (Bourdieu, 1984) ou recomposição de capitais ao longo da trajetória da pessoa.

Os atributos que buscaram captar valores e práticas de convivência familiar na infância também se mostraram particularmente confiáveis. A exceção fica por conta do conservadorismo, que buscou captar a deferência aos mais velhos, a rigidez de papéis de gênero e o isolamento de contato com outras classes na criação. Entre os atributos que se mostram particularmente confiáveis destaca-se o estímulo ao desenvolvimento infantil, bem como a intensidade e a estabilidade do cuidado. É interessante notar que estes três atributos, pouco considerados em análises de classe, se mostraram altamente correlacionados com o capital econômico e cultural na vida adulta, bem como com a atual posição de classe no sentido proposto por Olin Wright, que inclui qualificação, exercício de autoridade no ambiente de trabalho e propriedade de bens de produção (Santos, 2005).

Os itens que buscam medir disposições sociopsíquicas apresentam uma confiabilidade entre fraca e regular. Especial cuidado deve ser tomado na consideração de atributos tais como sociabilidade, autonomia, pragmatismo e experimentalismo, que tiveram ICC inferior a 0,6. É interessante notar que os atributos que se mostraram menos confiáveis são relacionados ao estilo de vida. Uma explicação possível para isso vem do próprio relato dos

9. Não se mediu o ICC para a ocupação do responsável.

pesquisadores que codificaram as entrevistas, que enfatizaram o quanto certas dicotomias, relacionadas a possibilidades expressivas típicas das classes médias e altas, simplesmente não se faziam presentes entre as classes mais baixas (ralé e batalhadores). Por outro lado, itens relacionados ao *habitus* primário (autoconfiança, passividade, otimismo, intelectualismo) ou a esferas centrais da vida social, como família e trabalho (familismo, disciplina, ética do trabalho) mostraram-se mais confiáveis.

Nas dimensões “religião”, “visão política” e “relação conjugal” nenhum item obteve índice abaixo de 0,6. No caso da religião, nota-se que a dedicação à vida religiosa, ou o grau de envolvimento, mostrou-se particularmente confiável. Quanto à política, tanto igualitarismo quanto autoritarismo mostraram-se altamente confiáveis.

## PARTE 2 – MÉTODOS DE ACESSO AOS DADOS DA RADIOGRAFIA DO BRASIL

Documentos em formato Word, complementares a este relatório, apresentam a transcrição das 632 entrevistas, devidamente editadas de forma a uniformizar parágrafos correspondentes às falas dos entrevistados e entrevistadores (Ipea, 2017a). Ainda, o roteiro das entrevistas e as orientações para os entrevistadores (todos eles pesquisadores com formação em ciências sociais ou áreas afins) também estão disponíveis (ver anexos A e B).

Todas as entrevistas foram identificadas por chaves numéricas de seis dígitos. Essas chaves permitem a conexão entre a base de dados quantitativa (contendo indicadores derivados tanto do questionário básico aplicado quanto da marcação das escalas sociais) com a base qualitativa, que são as entrevistas transcritas, cujo nome de arquivo é a própria chave numérica.

Para além das bases separadas, é possível, ao pesquisador familiarizado com *softwares* de análise qualitativa de dados, acessar os textos e os dados numéricos de forma conjugada, por meio de um arquivo legível no *software* Atlas.ti. Embora a edição dos dados exija uma licença (a qual o Ipea possui), a visualização e edição limitada é permitida na versão *trial* do aplicativo, ou seja, encontra-se acessível a todos. Além disso, o formato do arquivo é baseado em XML, linguagem de marcação amplamente utilizada que permite a codificação de “*tags*” e atributos nos arquivos. Esta característica permite a transferência da base para uma aplicação de acesso mais universal, tal como uma plataforma digital de acesso às entrevistas, onde pesquisadores possam buscá-las de acordo com filtros referentes aos indicadores socioeconômicos e demográficos já aludidos. A possibilidade de construir esse tipo de plataforma já foi averiguada junto à equipe de tecnologia da informação do Ipea, que confirmou a possibilidade.

Cabe notar, entretanto, que, para a disponibilização, as entrevistas terão que passar também por um processo de desidentificação. Mesmo assim, seu acesso deverá ser relativamente restrito a pesquisadores que o solicitarem e forem cadastrados, devido às informações sensíveis contidas.

### 2.1 Busca temática no banco de dados

A riqueza do material de pesquisa impõe ao potencial usuário um desafio: com mais de 600 entrevistas, cada uma com mais de cinquenta laudas em média, como identificar falas relevantes

sem se submeter ao esforço hercúleo de ler e analisar todo o material? O banco de dados da pesquisa (incluindo transcrições das entrevistas, dados do questionário básico, escalas e arquivo legível no *software* Atlas.ti) foi construído com o objetivo explícito de viabilizar aos usuários a busca de entrevistas e mesmo de segmentos de fala por incidência temática.

Sugerem-se três estratégias disponíveis, que podem, obviamente, serem combinadas entre si, bem como com as estratégias usuais (manuais) de seleção/codificação de dados qualitativos. Elas serão discutidas a seguir, acompanhadas de uma seção com um exemplo de análise a partir do tema “gosto musical”.

### 2.1.1 Estratégia 1: filtros de seleção temática de entrevistas relevantes, com base nas escalas e no questionário fechado

Acerca da primeira estratégia, a ideia motriz é facilitar o acesso ao material qualitativo a partir de uma análise prévia dos dados quantitativos e das escalas atitudinais. Em particular, as escalas de atitude, que pontuam valores numéricos de -5 a +5 (excluindo-se o zero) para categorias dicotômicas de atitudes, disposições e propensões (exemplo: autoritário *versus* libertário; fraco *versus* forte *ethos* do trabalho; pessimista *versus* otimista) possibilitam uma seleção prévia do material qualitativo.

Assim, é possível, por exemplo, desenhar uma pesquisa focada em pessoas com mobilidade social ascendente (utilizando-se das informações sobre capital de origem, patrimônio, recursos da rede, escolaridade, renda, ocupação etc.), que busque investigar os mecanismos de ascensão. É possível, inclusive, subdividir o *corpus* de entrevistas de forma a obter pessoas com determinadas características e certa heterogeneidade, como sugere Small (2009) – por exemplo, pessoas cujo capital cultural/escolar é muito superior à família de origem, pessoas de origem rural, pessoas mais jovens e mais idosas etc. –, ou criar uma estratégia comparativa, incluindo um segundo grupo formado por pessoas com mobilidade social descendente (que pode, por óbvio, também se valer de filtros de heterogeneidade).

Vejamos um exemplo completo, passo a passo. Imaginemos que um eventual grupo de pesquisa gostaria de se debruçar sobre o material qualitativo da pesquisa com o objetivo de estudar as relações entre renda e qualidade de vida conjugal.

#### *Passo 1*

A planilha de dados do questionário básico permite uma pré-seleção de entrevistas a partir da variável renda, o que possibilita selecionar um número  $x$  de entrevistados, divididos em determinados intervalos de renda; e, ainda, permite selecionar os entrevistados que vivem ou não com o cônjuge. No recorte da tabela (figura 1), podemos visualizar as informações disponíveis no banco de dados quantitativo de interesse para os intuítos hipotéticos do grupo de pesquisa em questão: i) na coluna A, o código da entrevista; ii) na E, a renda mensal declarada pelo entrevistado; iii) na I, as informações relativas à vida conjugal (se o entrevistado vive ou não com o cônjuge).

FIGURA 1  
Variáveis de interesse para seleção de entrevistas

	A	B	C	D	E	F	G	H	I
59	103107	103	PE	Batalhadores	R\$ 6.000,00	Superior Incompleto	40	Masculino	Vive com conjuge
70	103108	103	PE	Classe Média	R\$ 10.000,00	Superior completo	44	Masculino	Não tem conjuge
71	103109	103	PE	Batalhadores	R\$ 2.000,00	Médio completo	41	Masculino	Não tem conjuge
72	103110	103	PE	Batalhadores	R\$ 3.000,00	Superior completo	28	Feminino	Não tem conjuge
73	103111	103	PE	Batalhadores	R\$ 5.000,00	Médio completo	33	Masculino	Vive com conjuge
74	103112	103	PE	Classe Média	R\$ 6.000,00	Superior completo	31	Masculino	Vive com conjuge
75	103113	103	PE	Batalhadores	R\$ 5.000,00	Fundamental Completo	56	Feminino	Não tem conjuge
76	103114	103	PE	Classe Média	R\$ 20.000,00	Superior completo	44	Feminino	s não vive com conjuge
77	103115	103	PE	Classe Média	R\$ 11.000,00	Superior completo	49	Feminino	Não tem conjuge
78	103116	103	PE	Batalhadores	R\$ 1.400,00	Superior completo	26	Masculino	Vive com conjuge
79	103117	103	PE	Ralé Estrutural	R\$ 788,00	Fundamental Incompleto	57	Feminino	Não tem conjuge
80	103118	103	PE	Ralé Estrutural	R\$ 2.364,00	Médio completo	24	Masculino	Vive com conjuge
81	103119	103	PE	Ralé Estrutural	R\$ 1.500,00	Médio completo	26	Masculino	s não vive com conjuge
82	103120	103	PE	Classe Média	R\$ 6.000,00	Superior completo	62	Feminino	Não tem conjuge
83	103121	103	PE	Batalhadores	R\$ 3.000,00	Superior completo	26	Masculino	Vive com conjuge
84	103122	103	PE	Classe Média	R\$ 3.000,00	Superior completo	29	Feminino	Vive com conjuge
85	103123	103	PE	Classe Média	R\$ 4.500,00	Superior completo	51	Feminino	Não tem conjuge
86	103124	103	PE	Classe Média	R\$ 800,00	Superior completo	29	Masculino	s não vive com conjuge
87	103125	103	PE	Batalhadores	R\$ 2.000,00	Superior completo	28	Feminino	s não vive com conjuge
88	103126	103	PE	Classe Média	R\$ 20.000,00	Superior completo	30	Masculino	Vive com conjuge
89	103127	103	PE	Classe Média	R\$ 5.000,00	Superior Incompleto	30	Masculino	s não vive com conjuge
90	103128	103	PE	Batalhadores	R\$ 0,00	Superior completo	30	Feminino	s não vive com conjuge
91	102129	102	PE	Batalhadores	R\$ 1.600,00	Superior completo	28	Feminino	s não vive com conjuge
92	103130	103	PE	Classe Média	R\$ 12.000,00	Superior completo	52	Masculino	Vive com conjuge
93	104101	104	RN	Batalhadores	R\$ 0,00	Superior Incompleto	28	Feminino	Vive com conjuge
94	104102	104	RN	Batalhadores	R\$ 9.500,00	Superior completo	29	Masculino	s não vive com conjuge
95	104103	104	RN	Batalhadores	R\$ 1.200,00	Médio completo	26	Feminino	Não tem conjuge
96	104104	104	RN	Batalhadores	R\$ 9.000,00	Médio completo	53	Masculino	Vive com conjuge
97	104105	104	RN	Ralé Estrutural	R\$ 650,00	Fundamental Incompleto	44	Feminino	Não tem conjuge

Fonte: Ipea (2017b).

Elaboração dos autores.

Obs.: Ilustração cujos leiaute e textos não puderam ser padronizados e revisados em virtude das condições técnicas dos originais (nota do Editorial).

## Passo 2

Nas escalas atitudinais, na seção “Relação com o cônjuge”, constam três atributos que buscam produzir uma caracterização da natureza da relação conjugal do entrevistado. São elas: i) instabilidade *versus* estabilidade; ii) violento *versus* comunicativo; iii) tradicional *versus* liberal (esta escala busca captar relações tradicionais de gênero, incluindo, em particular, a divisão sexual do trabalho). A figura 2 apresenta este conjunto na tabela.

FIGURA 2  
Itens de escala de interesse para seleção de entrevistas

AW	AX	AY	AZ	BA
VISÃO POLÍTICA		RELAÇÃO COM CÔNJUGE		
Intervencionismo x Espontaneísmo	Autoritarismo x Libertarismo	Instabilidade x Estabilidade	Violento x Comunicativo	Tradicional x Liberal
-2	-3	NA	NA	NA
-2	-4	3	3	-3
-3	3	4	4	2
-4	4	-3	3	3
-2	-2	-2	2	-2
3	-3	-4	-2	2
3	2	-3	3	4
-3	1	-3	3	3
-4	4	1	1	1
-1	1	3	3	3
-4	2	3	3	-3
2	-2	3	3	-2
3	-2	4	4	2
-4	4	4	4	4
-4	4	4	4	3
-4	2	-3	3	-3
-4	3	-3	1	3
-3	-2	1	1	1

Fonte: Ipea (2017b).

Elaboração dos autores.

Obs.: Ilustração cujos leiaute e textos não puderam ser padronizados e revisados em virtude das condições técnicas dos originais (nota do Editorial).

A partir destas informações, pontuadas numericamente em uma escala de -5 até +5, os pesquisadores podem orientar a seleção de acordo com os seus propósitos, abrangendo relações conjugais de forma a contemplar suas hipóteses de trabalho. Alguns exemplos são descritos a seguir.

- 1) Montar um *corpus* simples, que busque captar as heterogeneidades em todas as quatro dimensões.
- 2) Focar a comparação em dimensões de maior interesse (por exemplo, relações violentas e comunicativas em diferentes faixas de renda).
- 3) Escolher casos extremos para cada uma das três escalas e também para as faixas de renda (por exemplo < 1 SM e > 20 SM).
- 4) Escolher um caso para cada combinação possível dos quatro atributos (renda, instabilidade, violência, tradicionalismo/patriarcalismo) em três níveis (alta, média, baixa).

A base de dados quantitativa desempenha, portanto, uma importante função de facilitar o acesso à base de dados qualitativos. Como demonstrado, ela pode configurar-se em um importante atalho ou porta de entrada para as falas dos entrevistados, possibilitando, assim, a realização de seleções prévias em função dos temas e hipóteses de pesquisa. Da mesma forma, a base de dados quantitativa também permite ao pesquisador a realização de testes de pré-seleção, produção de amostragem e cruzamento de dados quantitativos para realização de hipóteses preliminares.

### 2.1.2 Estratégia 2: filtros de seleção temática de entrevistas a partir da busca de palavras-chave

Uma segunda forma de seleção de entrevistas, que pode ser utilizada em combinação com a primeira estratégia sugerida anteriormente, é o recurso da busca de palavras. Esta busca, ainda que disponível em editores de texto, é especialmente poderosa em aplicativos dedicados à análise qualitativa (por exemplo, Atlas.ti, NVivo, MaxQDA, RQDA) por conta da

possibilidade de combinação de caracteres com buscas booleanas, seleção de raízes de palavras e definidores de proximidade (por exemplo, presença da palavra *X* ou da palavra *Y*, mas não da palavra *Z*, dentro do mesmo parágrafo). Tendo em mente o roteiro de entrevista, faz-se possível construir um sistema de buscas que capte o tema de interesse (por exemplo, “bom aluno+mau aluno”, “maioridade penal”, “jornal+revista+internet+televisão”, “desigualdade+desigual” etc.).

Com este recurso pode-se, por exemplo, selecionar entrevistas em que se observa uma maior densidade discursiva no tema investigado. Assim, imaginando o exemplo da investigação sugerida na estratégia 1, para além dos filtros de renda e relação conjugal, um conjunto de expressões podem ser utilizadas para tentar selecionar, dentro das entrevistas que se encaixam nos critérios, quais seriam aquelas com maior potencial de abordar os tópicos de interesse, ou, ainda, como filtro adicional em que se busque construir um *corpus* de entrevistas que abordem certa gama de tópicos específicos. Se o foco principal fosse a distinção entre relações violentas e relações comunicativas, o pesquisador poderia construir uma espécie de campo semântico em que se busque por palavras como “bater”, “apanhar”, “diálogo” etc.

Utilizemos um novo exemplo. Imaginemos que, no âmbito de uma pesquisa maior sobre elites culturais e estilos de vida, resolvêssemos investigar o gosto musical de pessoas com pós-graduação.

### Passo 1

Criamos três conjuntos de buscas, uma primeira relativa a estilos musicais, uma segunda sobre instrumentos musicais e uma terceira mais geral para termos ligados à música e ao canto. Chegamos às buscas apresentadas no quadro 4.

#### QUADRO 4

##### Léxicos para busca automática do tema “música” nas entrevistas

Estilos musicais: Carimbó lambada sertanejo sertaneja Forró Reggae Funk Música clássica Dance music Pagode Rap Jazz Mpb Rock Gospel Axé Country Bossa Nova New Age Brega Samba música de louvor Blues Hip hop moda de viola música eletrônica música erudita house music heavy metal trash metal trance trip hop soul black music música latina música nacional música romântica
Instrumentos musicais: Alaúde Agogô Afoxé Atabaque acordeão Baixo elétrico Balalaica Bandolim Banjo Berimbau bateria Batá Bumbo berrante bombardino Cavaquinho Charango Cembalo Cistre Cítara Clavicórdio Contrabaixo Carrilhão Castanhola Caxixi Chimbal Chocalho Caixa Cuíca Clarinete Clarone Corneta Celesta Clavicórdio Concertina Dulcimer Djembê dulciana Espineta escaleta Fagote Flauta transversal Flauta Flautim Flugelhorn Guitarra Guitolão Gaita Gaita-de-fole Ganzá Harpa Kantele Kora Koto Lira Marimba Órgão oboé ocarina Piano Pandeireta Pandeiro Pandeirola pífano Rebab Rabeca Reco-reco Saltério Sanfona Sangen Sitar saxofone Sino
Tantã tambor tamborim trompa trompete trombone tuba Ukulele Viola Violino Violoncelo violão xilofone xerqueré zabumba instrument* music* percussão instrumento de corda instrumento de sopro violinista baterista baixista violinista flautista trompetista percussionista saxofonista
Música geral: Cantor cantora banda cantar music* músic* melodi* solfej* tenor contralto soprano

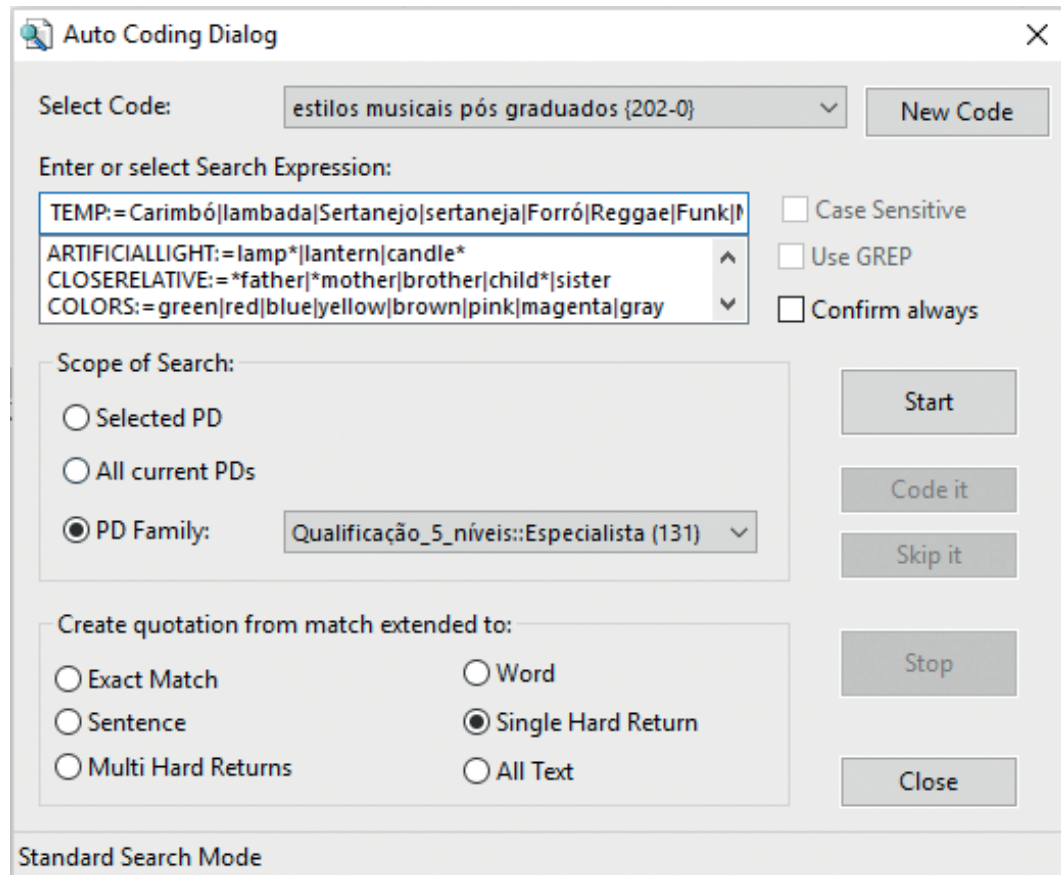
Elaboração dos autores.

### Passo 2

Centrando-se primeiramente no estilo musical, que é o tema que mais se conforma ao roteiro de entrevista (questão “De que tipo de música você gosta?”), fazemos a busca, via Atlas.ti, utilizando a função de autocodificação. Cria-se um nome para o código (por exemplo, “estilo mu-

sical – pós-graduados). A partir disso, inserem-se os termos de busca, sempre separados pelo caractere “|” e, quando for o caso, utilizando-se do caractere “\*” como “coringa” (assim, se inserirmos music\* chegamos a “musical”, “musicalidade”; com músic\* temos “música”, “músicos” etc.). Seleccionamos, como escopo da busca, a “PD Family” (que são as categorias fechadas) correspondente e marcamos que a citação a ser criada se refere a um “*single hard return*” (por exemplo, parágrafo).

FIGURA 3  
Interface gráfica para autocodificação no *software* Atlas.ti



Fonte: Ipea (2017c).

Elaboração dos autores.

Obs.: Ilustração cujos leiaute e textos não puderam ser padronizados e revisados em virtude das condições técnicas dos originais (nota do Editorial).

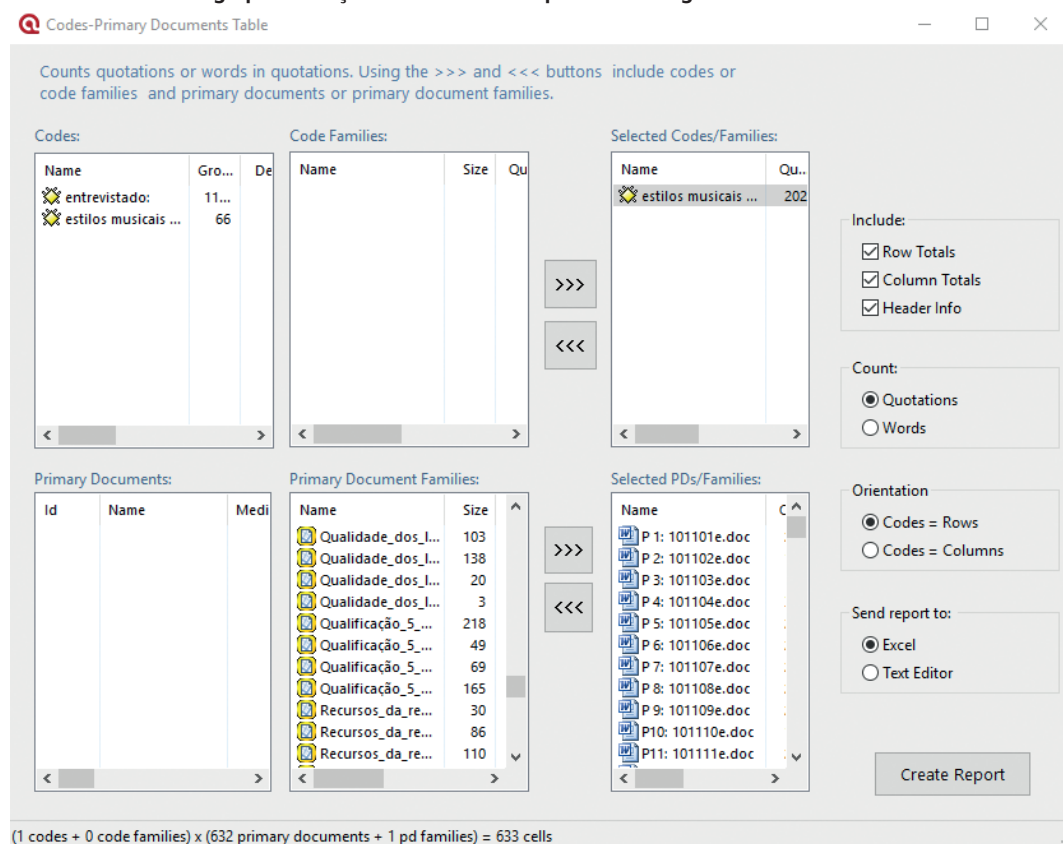
### Passo 3

Por meio da função *codes-primary documents table*, seleciona-se o código (estilo musical) e o total das entrevistas, criando-se um relatório simples indicando o número de parágrafos que citam algum estilo musical em cada documento.



FIGURA 4

## Caixa de diálogo para seleção de entrevistas a partir de códigos



Fonte: Ipea (2017c).

Elaboração dos autores.

Obs.: Ilustração cujos leiaute e textos não puderam ser padronizados e revisados em virtude das condições técnicas dos originais (nota do Editorial).

No conjunto de 131 entrevistas com pós-graduados, obtivemos 88 entrevistas que citam algum estilo musical. Algumas entrevistas contêm mais citações que outras, de sorte que temos um total de 202 citações, como mostra a tabela 7.

TABELA 7

## Número de citações e entrevistas relacionadas ao tema "gosto musical"

Parágrafos citados por entrevista	Número de entrevistas	Somatório de citações
11	1	11
7	3	21
6	1	6
5	3	15
4	8	32
3	13	39
2	19	38
1	40	40
<b>Total</b>	<b>88</b>	<b>202</b>

Fonte: Ipea (2017c).

Elaboração dos autores.



A partir desta tabela, poderíamos escolher, por exemplo, as dezesseis entrevistas com quatro ou mais citações. Ou, pensando-se no todo da pesquisa, realizar outras buscas relativas a estilo de vida (esportes, exercícios físicos e cuidados com o corpo, literatura, gastronomia etc.) para criar uma matriz de citações que permita a seleção de casos para cada dimensão de interesse. À medida que ampliamos as buscas e as temáticas, o resultado será uma planilha que relaciona o código de cada entrevista ao número de citações sobre cada tema. Essa planilha é, em si, uma terceira espécie de dado estruturado (para além do questionário fechado e da escala), marcando a presença ou ausência, por entrevista, de determinado tema.

Uma das vantagens de se trabalhar com um banco de entrevistas tão numeroso é se poder investigar até mesmo situações mais raras e particularmente interessantes, que em pesquisas qualitativas convencionais (com, por exemplo, quinze entrevistas) podem simplesmente não aparecer no *corpus*. Assim, podemos encontrar relatos de músicos e outros profissionais das artes, bem como de pessoas com gostos musicais menos comuns. Ou, voltando ao exemplo anterior, casos em que relações violentas foram rompidas e novas relações, de tipo comunicativo, foram estabelecidas. A depender do objetivo da pesquisa, este tipo de situação pode ser particularmente significativo. Note-se que isso vale tanto para se encontrarem casos especiais dentro de um objeto maior, ampliando a heterogeneidade, quanto para a delimitação de um objeto de pesquisa ele mesmo formado por situações raras.

Uma segunda vantagem, e que abre caminho para a terceira estratégia a ser descrita a seguir, é que a busca de palavras pode ser feita de forma a construir, em vez de um relatório de número de citações, um relatório com o conteúdo de cada citação. Isto pode servir como análise exploratória, por meio da qual se constroem as primeiras categorias, ou se testam as primeiras hipóteses elaboradas. Pode-se, claro, também inverter a lógica e se realizar a análise centrando-se não nas entrevistas inteiras de casos particularmente interessantes, mas na análise dos trechos relevantes de todas as entrevistas. É o que descrevemos a seguir.

### 2.1.3 Estratégia 3: construção de *corpus* textual temático de parágrafos relevantes em todas as entrevistas.

Foi realizado um trabalho de edição das entrevistas transcritas por trechos estruturais, separando, de forma padronizada, respostas de questionário fechado, anotações do entrevistador, perguntas e respostas. Assim, todas as falas do entrevistado se iniciam com a expressão “Entrevistado:”, e as do entrevistador, com “Entrevistador:”, o que permite, com o auxílio do Atlas.ti ou outro programa semelhante, codificar automaticamente todas as falas nessas categorias. De fato, o banco de dados no formato Atlas.ti contém todas as entrevistas transcritas, identificadas com base nas variáveis do questionário fechado e das escalas sociais, e, também, com a codificação dos 115.580 parágrafos correspondentes às falas dos 632 entrevistados.

Como resultado, é possível, com o auxílio de *softwares* de análise qualitativa, distinguir perguntas e respostas e, assim, realizar a busca de palavras ou expressões apenas na fala do entrevistado (ou, se for o caso, do entrevistador). Talvez mais interessante é o fato de ser possível, com o auxílio de critérios de busca booleanos, codificar automaticamente todas as falas dos entrevistados em que aparece determinado termo de busca, bem como as falas dos entrevistados que vêm logo em seguida (ou seja, como resposta) de determinada fala do entrevistador.

Assim, temos não apenas as falas que citam diretamente o tema procurado, mas também as falas que reagem ao tema. No caso da pesquisa sobre música, por exemplo, seria possível agregar todas as falas dos entrevistados imediatamente posteriores a uma questão que cite os termos música, musical etc. É possível, inclusive, selecionar parágrafos anteriores ou posteriores (e apenas dos entrevistados, se for o caso) de sorte a criar um *corpus* que inclua um contexto mais amplo.

Com isso, monta-se um *corpus* textual que permite uma aproximação temática ao conjunto completo de entrevistas. O pesquisador mantém abertas suas opções de como tratar este material e mesmo de combiná-lo com outras formas de entrada no material. Anteriormente citamos a utilização deste recurso para fins de pesquisa exploratória e como critério para a seleção de entrevistas de maior interesse. Em geral, para aqueles que utilizam métodos qualitativos, o próximo passo seria a leitura atenta do material selecionado, a criação de categorias (“códigos”, “nós”) e sua “marcação” no texto, criando, manualmente, citações. Esta criação de categorias enraizadas no *corpus* por meio de citações pode, no caso dos gostos musicais, abarcar desde conceitos mais abstratos (“gosto popular”, “gosto erudito”, “*mid-brow*”) até mais operacionais (música regional, música internacional) ou mesmo dicotômicas (gosta *versus* não gosta, por estilo).

Expandindo um pouco esse procedimento metodológico, vemos que as categorias de codificação do texto criadas manualmente permitem refinar os sentidos dos discursos. Entretanto, certos ganhos analíticos podem ser obtidos pela simples subdivisão da busca (por exemplo, uma busca por cada estilo musical), pela busca de interseções entre categorias distintas e, também, pela possibilidade de seguir no sentido de uma busca temática mais ampla.

Poderíamos, assim, montar um quadro em que cada estilo musical é uma subdivisão do grande código “estilo musical”, que por sua vez é uma subdivisão do “gosto por música” – sendo que o gosto por música pode incluir também práticas culturais, como ir a *shows* e concertos, sair para dançar em bailes, festas, *raves*, cantar em rodas de violão, participar de um coral na igreja ou no trabalho, ser fã de um artista em particular, comprar músicas em meio físico, assinar um serviço de *streaming* de músicas via internet, tocar um instrumento etc. Claro, o gosto por música pode, por sua vez, ser entendido dentro do grande quadro de estilos de vida, que incluiria ainda outras dimensões abordadas nas entrevistas (literatura, mídia, gastronomia, exercícios físicos, práticas de lazer etc.).

Claramente, para cada item é possível imaginar buscas que nos aproximem de discursos significativos. À medida que ampliamos nossos instrumentos de busca, tanto aumentando o escopo quanto refinando os termos (por exemplo, uma busca por estilo musical), chegamos, como resultado, a uma planilha que relaciona o código de cada entrevista à incidência de determinado tema (ou ao número de incidências). Esta planilha é, em si, uma terceira espécie de dado estruturado, que se soma ao questionário fechado e à escala.

Se invertermos a lógica, e pensarmos em termos de uma matriz de interseção entre categorias (matriz esta que pode incluir buscas automáticas, marcações manuais, variáveis socioeconômicas e itens da escala social), chegamos, em uma escala muito maior, a uma das formas mais comuns de sistematização e apresentação de dados qualitativos. A matriz de interseção, e suas representações por meio de quadros e gráficos, busca revelar como certas temáticas aparecem juntas, revelando uma matriz discursiva, ou estão fortemente relacionadas a determinado grupo social, sendo ausente entre outros.

Note-se que esta estratégia de análise inverte a lógica das entrevistas como casos discretos e compreensíveis apenas dentro do contexto de diálogo como um todo. As entrevistas são entendidas antes como oportunidades de expressão de experiências, representações, cognições, argumentos, julgamentos de valor etc., que são socialmente construídos, portanto não “pertencem” ao sujeito que as enuncia mais do que aos ambientes de socialização por meio dos quais este as internalizou como história social subjetivamente incorporada (Bourdieu, 1989). Neste caso, o significado sociológico dos discursos proferidos encontra-se não apenas na articulação subjetiva, durante o contexto da entrevista – entre uma miríade de temáticas que, como um todo, compõe o “caso” daquela pessoa –, mas também na expressão, por múltiplos casos-sujeitos, de experiências e/ou representações coletivas. Estas experiências e representações significativas, ao não se encontrarem igualmente distribuídas pelo corpo social, concentrando-se em determinadas classes, grupos de *status* etc., revelam um mapa desigual de significados e experiências vividas, bem como distintas disposições para ação, nas mais diferentes esferas da vida.

Ocorre que, com a ampliação do número de citações, e com o desenvolvimento relativamente recente de ferramentas robustas de análise textual, abre-se a possibilidade do recurso a técnicas mais sofisticadas de análise de dados, como a análise de correspondência múltipla e a análise lexical contextualizada de segmentos textuais.

A partir daqui podemos fazer uma análise de cada *subcorpus*, focada em todos os trechos das entrevistas – isto é, no caso do *subcorpus* “estilo musical + pessoas com pós-graduação”, todas as 202 citações, ao invés do todo das dezesseis entrevistas com maior densidade, e que contém, em seu conjunto, apenas 82 citações. Entretanto, se quisermos expandir a amostra para incluir outros grupos, com o intuito de investigar fatores de distinção das elites escolares no campo musical, ou para incorporar citações mais gerais à música, ao canto, à dança etc., podemos facilmente chegar em um conjunto muito grande de dados. Isto pode gerar dificuldades não apenas de tempo, mas mesmo de apreensão cognitiva da multiplicidade de informações, ainda mais quando se tenta incorporar outros elementos como condição econômica, gênero, origem social etc. Por outro lado, abre-se a oportunidade para pesquisas com desenhos metodológicos mais robustos. A próxima seção apresenta um método desenvolvido para este tipo de caso, que agrega, com auxílio de um aplicativo desenvolvido pelo Ipea, bases textuais e bases de dados quantitativos.

## 2.2 Construção de *corpora* complexos e análise hierárquica de léxicos em contexto

Rocha (2017) utilizou-se de buscas acerca do tema “trabalho infantil” no banco de entrevistas da Radiografia do Brasil para construir um *corpus* textual de falas significativas. Trabalhando com a hipótese de que as experiências e representações sobre essas experiências de trabalho infantil e juvenil são distintas a partir de duas categorias chave (idade de início no trabalho e quantidade de horas trabalhadas por semana), Rocha construiu um mapa do conteúdo dos discursos dos entrevistados, em que estes se concentravam em grandes *clusters* ligados às noções de perda e sacrifício, escola e oportunidades, e lazer e fruição da infância.

Os passos principais são a construção de um *corpus* temático e a realização de uma análise lexical contextualizada. No caso, expandiremos o exemplo do gosto musical para

demonstrar a possibilidade de construir *corpora* complexos, que abarquem diversos temas ou diversos pontos de entrada para um mesmo conceito. Quanto à análise textual, utiliza-se, via o *software* Iramuteq,<sup>10</sup> o método Reinert, intitulado “análise lexical por contexto de um conjunto de segmentos de texto” para, por meio de uma classificação hierárquica descendente, organizar os léxicos lematizados em cada contexto/segmento textual. A lematização reduz a palavra ao seu lema, de sorte que adjetivos e substantivos perdem gênero e número, e verbos perdem as conjugações, restringindo o universo de possibilidades de linguagem. Isto torna possível uma representação gráfica, em espaço geométrico, da presença combinada de determinadas expressões, construindo *clusters* de palavras que ocorrem no mesmo contexto. Estes *clusters* e sua representação espacial podem ser entendidos como formas de visualização de representações coletivas (Durkheim, 1970), mapas de significados (Hall, 1997), matrizes discursivas (Foucault, 2002) ou, na tradição da psicologia social que mais tem se aproximado deste tipo de método, representações sociais (Kalampalikis e Moscovici, 2005).

É possível, ainda, a incorporação de variáveis categóricas advindas do questionário fechado ou das escalas sociais ao contexto, de sorte que lemas se relacionam não apenas com outros lemas, mas com variáveis de maior significação à pesquisa. Estas variáveis podem, inclusive, ser resultado da codificação manual de categorias nos segmentos de texto que compõem o *corpus*, no estilo das matrizes de interseção mencionados anteriormente. Por fim, é possível realizar uma análise fatorial e testes de hipóteses do tipo “qual a probabilidade de, ao acaso, tal lema aparecer com tanta frequência em tal grupo social em detrimento dos demais?”. Podem ser utilizados tanto o teste qui-quadrado quanto o teste hipergeométrico, sendo este mais recomendado por se aproximar de forma mais clara do modelo de distribuição presumido (binomial, sem substituição).

Voltando ao exemplo do gosto musical, e considerando a possibilidade de construir uma matriz de interseção que nos dê uma aproximação mais refinada do objeto, seria possível trabalhar com os gêneros separadamente, isto é, fazer uma pesquisa para cada gênero, criar códigos manualmente, incluir outros termos mais gerais (“música”) e, também, incluir um grupo distinto (que, no caso, poderiam ser as pessoas de baixa escolaridade) e comparar estes dois *corpora* distintos. A seguir discutiremos essas possibilidades e apresentaremos os principais procedimentos para realizar este tipo de análise.

### 2.2.1 Passo 1

Em uma pesquisa completa, a classificação automática do texto seria complementada com a criação manual de categorias, de forma a refinar a análise – atribuindo valências (“gosta”, “desgosta”), trabalhando com conceitos mais abstratos (música para sociabilidade com amigos, música para dançar, música como fruição individual, música como fundo sonoro para outras atividades) – e eliminar problemas com duplos significados (pensar, por exemplo, no gênero musical “salsa”, ou na palavra “canto”). Aqui pularemos esta etapa, que envolve a marcação de códigos (ou, na linguagem XML, “*tags*”) pelo próprio pesquisador,

10. O Iramuteq é um *software* livre, baseado na plataforma R, e que realiza uma série de análises textuais, incluindo, além do método Reinert, estatísticas descritivas, nuvens de palavras, dendogramas, e análises fatoriais e de similitude. A análise lexical por contexto de um conjunto de segmentos de texto (Alceste, na sigla em francês), dá nome ao primeiro *software* capaz de realizar este tipo de operação (Camargo e Justo, 2013).

e que é a função mais básica de qualquer programa do tipo, estando presente inclusive em alguns aplicativos de anotações.

De qualquer sorte, o primeiro passo é a mesma codificação automática realizada anteriormente. Só que, aqui, o que nos interessa não é o fato de termos 88 entrevistas com citações, e sim que temos 220 citações, dispersas, de forma desigual, e com conteúdos obviamente distintos, ao longo de 131 entrevistas com pós-graduados. Além disso, nos interessa ampliar a busca para captar, no mínimo, citações mais gerais ao tema, bem como criar alguma base comparativa para podermos falar sobre a elite cultural (ou, mais propriamente, escolar) tendo um ponto de referência. Assim, ampliamos a busca para incluirmos o código “música” (Cantor|cantora|banda|cantar|music\*|músic\*|melodi\*|dança|dançar), e criamos um segundo *corpus*, formado por pessoas de baixa escolaridade que nunca chegaram a frequentar o ensino médio. Chegamos ao resultado apresentado na tabela 8.

TABELA 8  
Citações a “música” e “estilo musical” por grupo de escolaridade

Escolaridade	Total de entrevistas	Citações “música”	Citações “estilos musicais”	Média de citações/entrevista
Até ensino fundamental	103	254	111	3,7
Pós-graduado	131	569	202	5,9

Fonte: Ipea (2017c).  
Elaboração dos autores.

É notório que, na nossa amostra, pessoas de mais alta escolaridade falam mais sobre música que os de baixa escolaridade. Isso, em si, já é um dado interessante. A partir daqui, poderíamos simplesmente fazer uma análise de cada *subcorpus*, focando esses trechos das entrevistas. Mas, no caso, queremos realizar uma análise de léxicos contextualizados, incorporando tanto o discurso das pessoas quanto variáveis relacionadas ao capital cultural na montagem de um mapa de significados sobre gostos musicais.

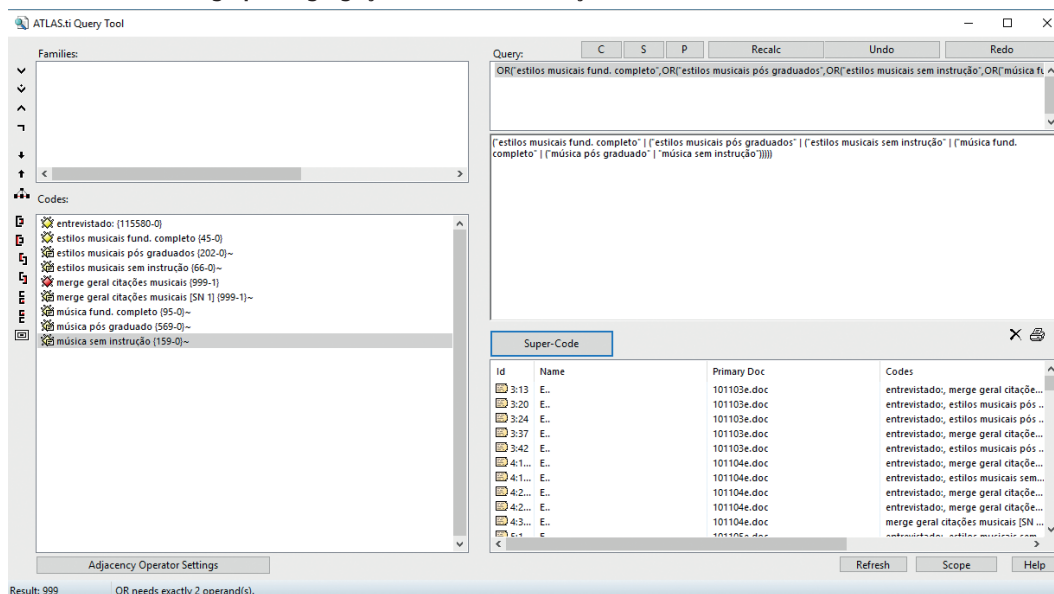
### 2.2.2 Passo 2

Apresentamos anteriormente uma espécie de tabela de contingência, separando “música” de “estilo musical” e dois grupos de escolaridade bem distintos. Ocorre que, enquanto os grupos de escolaridade são excludentes, muitos parágrafos incluem citações tanto a “música” quanto a “estilo”. De fato, mais de cem citações se referem aos mesmos segmentos de texto. Além disso, estamos interessados nos entrevistados e não nos entrevistadores, de sorte que temos que excluir as falas destes de nosso *corpus*. O próximo passo envolve, portanto, agregar todas as citações em um único *corpus* (a variável escolaridade será reinserida posteriormente) e separar as citações de entrevistados das de entrevistadores, e no segundo caso, substituir as citações pelo parágrafo seguinte (ou seja, pela resposta do entrevistado).

Primeiro temos que agregar as citações, que se faz utilizando a ferramenta “*query tool*” e combinando todos os códigos de interesse via o operador booleano OR. Esta junção cria uma lista de citações que deve ser salva como um “supercódigo”, e, posteriormente, transformada em código por meio da função “*snapshot*”.<sup>11</sup>

11. Outros programas utilizam ferramentas ligeiramente diferentes para realizar as mesmas operações. Recomenda-se a consulta aos manuais para tirar dúvidas mais pontuais. Aqui o objetivo é apenas apresentar, de forma didática, a lógica de construção de um *corpus* textual temático.

FIGURA 5  
Caixa de diálogo para agregação booleana de citações



Fonte: Ipea (2017c).

Elaboração dos autores.

Obs.: Ilustração cujos leiaute e textos não puderam ser padronizados e revisados em virtude das condições técnicas dos originais (nota do Editorial).

Em seguida, por meio da função AND, escolheremos, dentre estas, aquelas que se referem à fala do entrevistado. A partir disso, usamos a função EXCLUSIVE OR para selecionar apenas as falas dos entrevistadores, e, em seguida, FOLLOWS (distância = 1) para selecionar a fala do entrevistado imediatamente posterior à fala significativa do entrevistador. Chegamos, no final, a um código contendo 789 citações significativas, excluindo a fala dos entrevistadores, e incluindo respostas a falas significativas dos entrevistadores.

### 2.2.3 Passo 3

O terceiro passo envolve a edição do *corpus* criado para ser lido pelo *software* Iramuteq, incluindo, no processo, um cabeçalho para cada citação que contenha as variáveis do banco de dados quantitativo.

Primeiramente é preciso extrair um relatório do código (*output*) via Atlas.ti, contendo todas as 789 citações, cada uma com um cabeçalho que indica a qual entrevista ela se relaciona. Este relatório deve ser salvo em formato de texto. A partir disso, editamos a planilha de dados da Radiografia do Brasil, selecionando apenas as variáveis de interesse, criando variáveis derivadas etc., e – isto é fundamental – editando a primeira coluna para que ela contenha o nome (sem extensão) do arquivo de texto (entrevista) a qual ela se relaciona. No caso, o nome de cada arquivo de texto é simplesmente o código do arquivo com a adição da letra “e” (de “editado”), de sorte que precisamos apenas incluir a letra *e* ao final da primeira coluna, que já contém o código identificador das entrevistas. A nova planilha deve ser salva sem espaços entre as palavras (assim, por exemplo, baixa escolaridade deve virar “baixa\_escolaridade”), no formato CSV.



### 2.2.4 Passo 4

A etapa decisiva é a incorporação das variáveis ao cabeçalho de cada citação, de sorte que o *software* Iramuteq possa “ler” e relacionar os textos e as variáveis categóricas. O manual do Iramuteq contém um passo a passo para editarmos o cabeçalho manualmente, mas, com tantas variáveis e tantas citações, isto demandaria dias de trabalho e seria passível de erros de digitação. Por isso, o Ipea desenvolveu, na Diretoria de Estudos e Políticas do Estado, das Instituições e da Democracia (Diest), um aplicativo simples, em linguagem Python, que permite combinar um arquivo de texto e uma planilha para gerar o tipo de arquivo que buscamos. O aplicativo acompanha a base de dados da Radiografia do Brasil.

Uma vez descompactado o aplicativo “atlas\_to\_iramuteq” no diretório de preferência do usuário, deve-se abrir o *prompt* de comando e digitar algumas linhas de código simples. As etapas necessárias são resumidas a seguir.

- 1) Criar um relatório de citações no Atlas.ti.
- 2) Criar uma planilha em CSV, com o nome do arquivo que corresponde a cada entrevista na primeira coluna e variáveis nas demais colunas.
- 3) Instalar o Python 2.7.
- 4) Descompactar o aplicativo (*script*) “atlas\_to\_iramuteq” em alguma pasta.
- 5) Abrir o *prompt* de comando e rodar o *script*, com a seguinte ordem:
  - a) entrar na pasta onde está o *script*;
  - b) digitar a programação *python convert\_file.py*, seguida do endereço do arquivo de texto e do endereço da tabela em CSV.

Alguns exemplos são descritos a seguir.

Dado que o aplicativo se encontra na pasta

```
C: /Users/r1542895/Documents/Atlas.ti/atlas_to_iramuteq
```

que o endereço do arquivo de texto é

```
C:/Users/r1542895/Documents/Atlas.ti/gostomusical.txt
```

e que o endereço da planilha CSV é

```
C:/Users/r1542895/Documents/Atlas.ti/csvgostomusical.csv
```

Então deve-se digitar as duas linhas de código a seguir:

- 1) Entrar na pasta do aplicativo:

```
cd C: /Users/r1542895/Documents/Atlas.ti/atlas_to_iramuteq
```

- 2) Rodar o *script*:

```
python convert_file.py C:/Users/r1542895/Documents/Atlas.ti/gostomusical.txt C:/Users/r1542895/Documents/Atlas.ti/csvgostomusical.csv
```

### 2.2.5 Passo 5

O arquivo criado terá como nome “result.txt”. Vamos trocar o nome para “resultgostomu-sical.txt”, apenas para fim de organização. Em seguida, o documento deve ser aberto no software Open Office ou Libre Office (não usar Microsoft Word!), ou, alternativamente, no bloco de notas, salvando-o em formato TXT, UTF-8, LF. O arquivo pode ser editado para retirar alguns caracteres como aspas, cifrão, porcentagem e reticências. Recomenda-se fortemente que nesta etapa se delete o início dos parágrafos, composto por “Entrevistado:”, de sorte que esta palavra não crie uma unidade artificial entre as falas.<sup>12</sup>

Este arquivo editado em formato UTF-8 e contendo as variáveis no cabeçalho de cada fala é, então, aberto no Iramuteq. Este *software* livre requer a instalação do R e do Python. Na caixa de diálogo, as opções mais importantes a serem marcadas são o formato do texto (UTF-8) e o idioma/dicionário a ser utilizado (português). Com isso, criamos o *corpus* textual e estamos prontos para realizar a análise.

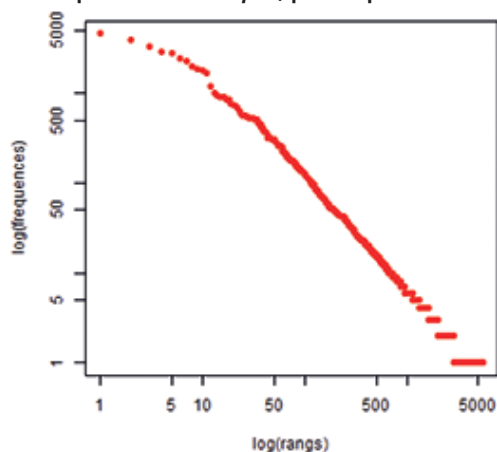
### 2.2.6 Passo 6

Há muitas formas de realizar a análise deste material, e nos centraremos aqui em três possibilidades: estatísticas descritivas, análise fatorial e análise contextualizada (método Reinert). Todas são acessadas por botões na tela principal do programa.

Quanto às estatísticas descritivas, foram identificadas 90.013 ocorrências em 788 textos (parágrafos), resultando em uma média de 114 ocorrências por texto. As mais de 90 mil ocorrências correspondem a 5.534 formas (lemas) distintas, das quais 2.614 são hápax (únicas). As hápax correspondem, portanto, a 47,24% das formas, mas apenas 2,9% das ocorrências. O gráfico 1 representa a relação entre total de ocorrências e frequência das formas, mostrando que uma forma específica aparece quase 5 mil vezes, enquanto um número significativo de formas aparece apenas uma vez.

GRÁFICO 1

Número de formas lexicais presentes no *corpus*, por frequência



Fonte: Ipea (2017c).

Elaboração dos autores.

Obs.: Ilustração cujos leiaute e textos não puderam ser padronizados e revisados em virtude das condições técnicas dos originais (nota do Editorial).

12. Para detalhes destas operações, pode-se consultar o tutorial do Iramuteq em português, disponível em: <http://www.iramuteq.org/documentation/fichiers/tutoriel-en-portugais>.



Abas adicionais nos permitem ver as formas mais frequentes, distinguindo entre formas ativas e formas suplementares. Esta separação é definida pelo usuário, e geralmente se incluem nomes, verbos e adjetivos entre as formas ativas. A distinção ativa-suplementar é análoga àquela utilizada em análise de correspondência. As formas suplementares mais comuns neste *corpus* foram “de”, “eu” e “que”, o que revela mais sobre a natureza dos textos (contexto de entrevista semiestruturada, fala dos entrevistados) do que sobre seu conteúdo. Já entre as formas ativas, as principais são “não” e “muito”. Isto sugere fortemente que uma análise mais detalhada envolveria criarmos categorias manualmente para separarmos, por exemplo, quem diz “gosto de samba” de quem diz “gosto *muito* de samba” e “*não* gosto de samba”. Da forma como está, nossa interpretação está sujeita a algumas limitações.

Não obstante, a análise das especificidades do texto identificou, como era de se esperar, que o universo lexical de pessoas de baixa escolaridade é claramente distinto do de pessoas de alta escolaridade quando o assunto é música. O gráfico 2 apresenta um conjunto de palavras correlacionadas com a alta escolaridade – e, por consequência, dado que nosso *corpus* só contém dois grupos de escolaridade, com alta correlação negativa para com os de baixa escolaridade.

Para além de artistas (Chico, Caetano, Gil, Stones, Beatles) e gêneros (samba, metal, bossa, *rock*, *blues*, *jazz*), também se observa que a música se relaciona, neste grupo, a algumas práticas culturais particulares (faculdade, teatro, conservatório, literatura, coral, ensaiar). Comparativamente, entre os de baixa escolaridade, tanto os artistas (Pablo, Zezé) quanto os gêneros (axé, forró, pagode, sertanejo, romântico, gospel, *rap*, brega) e as práticas culturais (louvor, dançar, baile, cerveja, “arrumar marido”, rezar, casar, televisão, domingo, feira) são claramente distintos, apontando para universos simbólicos e estilos de vida bastante apartados.

Os gráficos 2 e 3 apresentam palavras cuja frequência relativa é significativamente maior entre os pós-graduados e os de baixa escolaridade, respectivamente. Os valores referem-se ao teste hipergeométrico, que corresponde aos valores de um teste exato de Fisher para tabelas de contingência 2 x 2.

GRÁFICO 2  
Palavras significativamente mais citadas por pessoas com pós-graduação

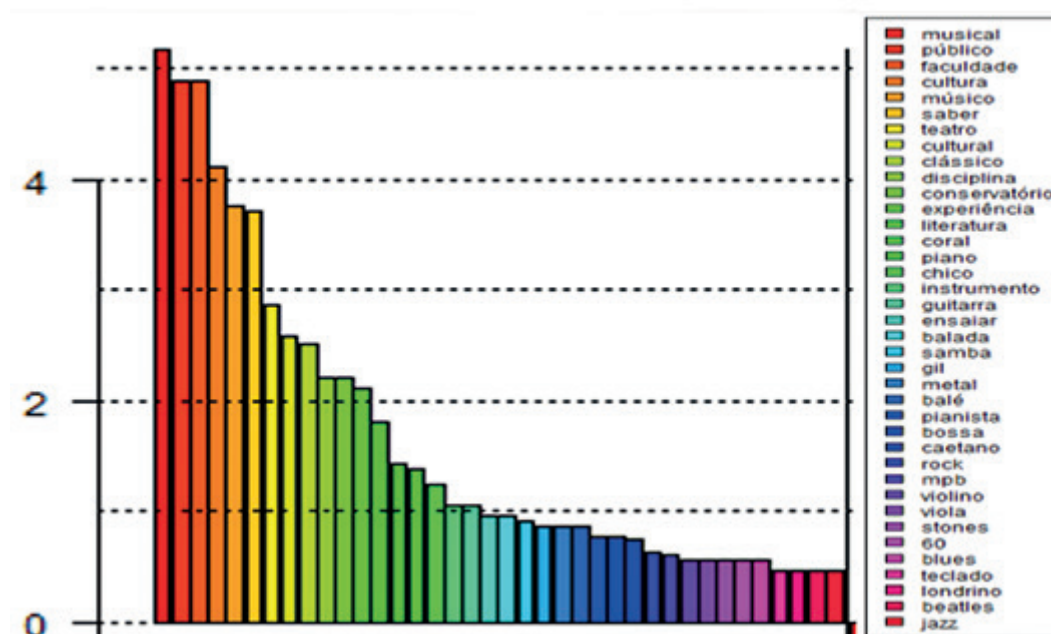
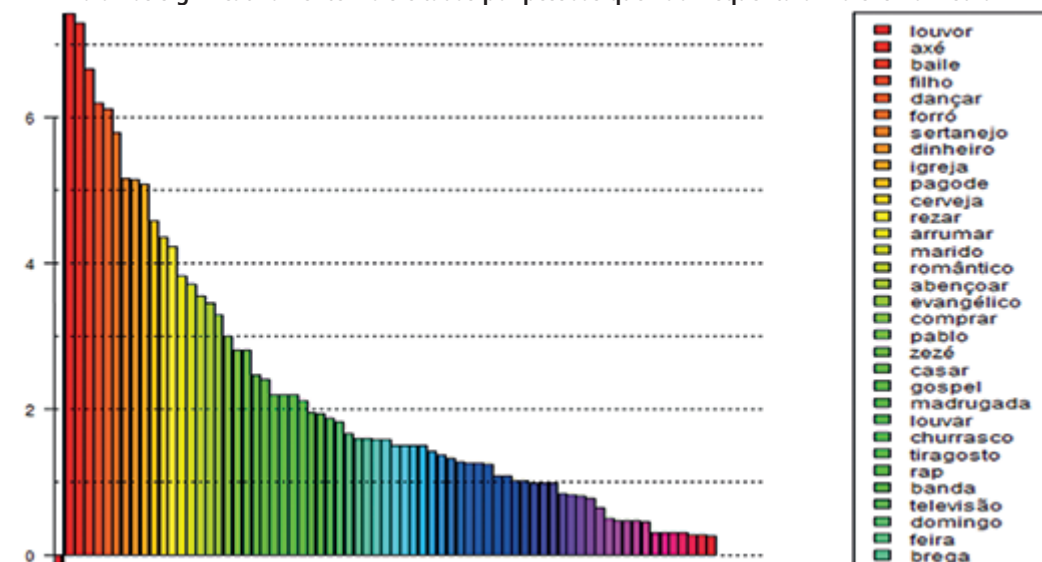


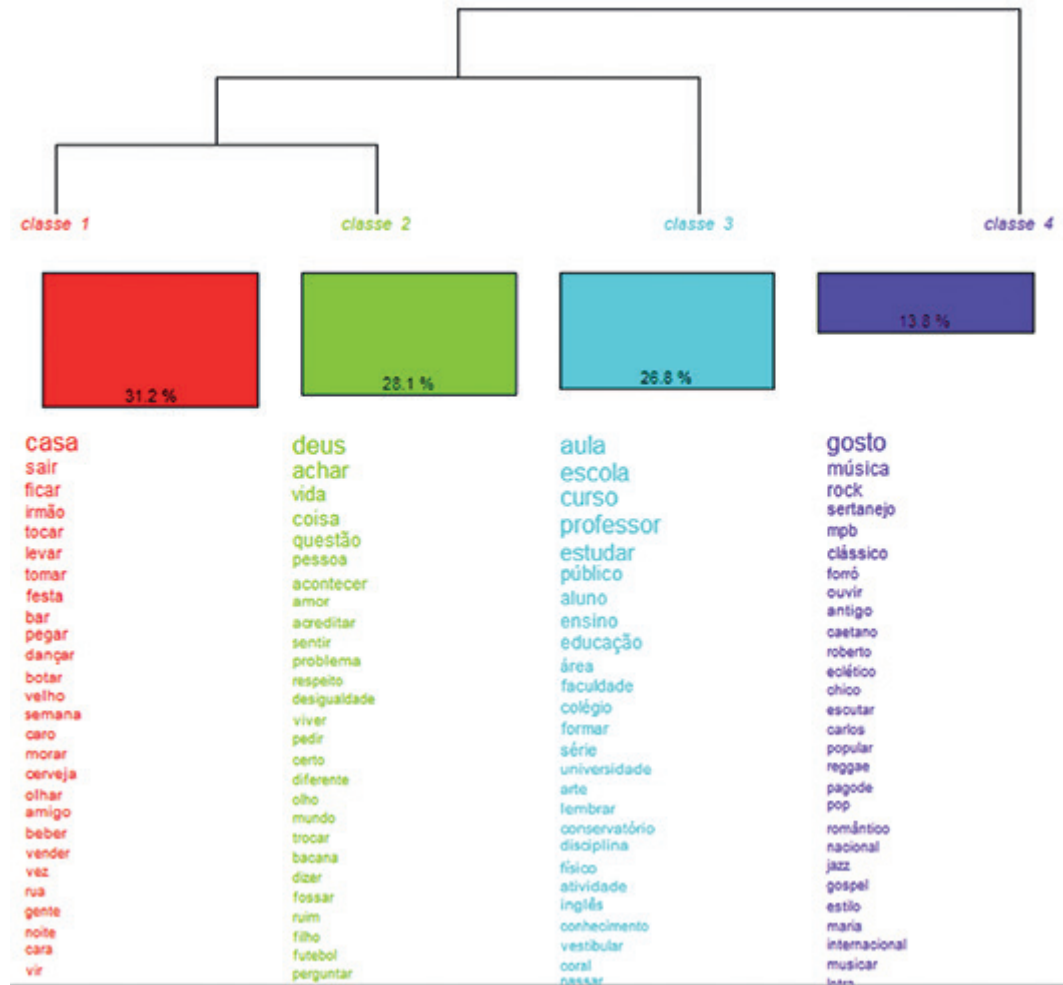
GRÁFICO 3  
Palavras significativamente mais citadas por pessoas que não frequentaram o ensino médio



Por sua vez, o método Reinert, que cria uma classificação hierárquica dos segmentos de texto e agrupa as palavras cujo contexto discursivo é próximo, identificou quatro classes de discurso. A primeira separação do dendograma identificou, de um lado, falas específicas sobre gosto musical, que se referem diretamente a gêneros e artistas, de todas as outras falas.

A segunda separação distinguiu, dentre as demais falas, aquelas cujas referências estavam ligadas ao mundo escolar: aqui entram discursos sobre a relação entre a música e a vida na escola, em particular a vida universitária, além de referências mais “eruditas” à música (“arte”, “conservatório”, “disciplina”). A última separação distingue as falas relativas a fruição e prazer (sair, ficar, tocar, tomar, festa, bar, dançar, cerveja, amigo, beber etc.) das demais, que são de menos fácil interpretação, mas que tendem a se ligar às esferas da moral e da religião (Deus, problema, respeito, sentir, acreditar, relacionamento).

GRÁFICO 4  
Dendograma com classes de discurso sobre música



Elaboração dos autores.

Obs.: Ilustração cujos leiaute e textos não puderam ser padronizados e revisados em virtude das condições técnicas dos originais (nota do Editorial).

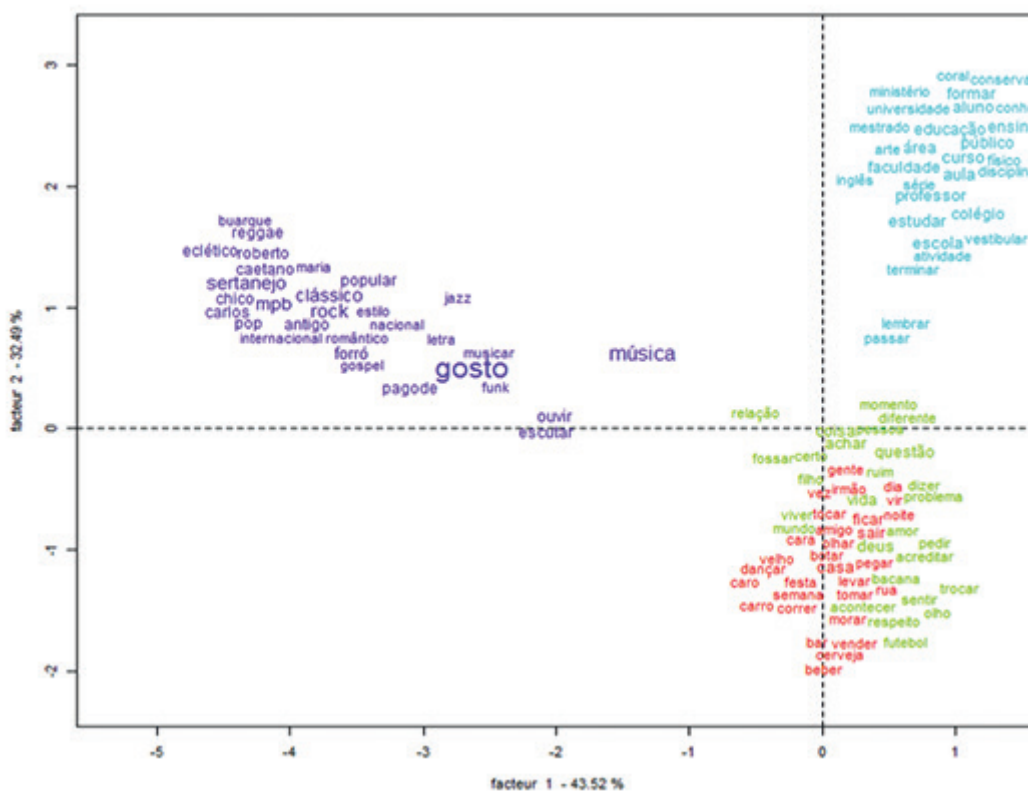
Além deste dendograma, é possível criar um espaço bidimensional em que as palavras ou as variáveis são dispostas no plano tal qual uma análise de correspondência (gráfico 5). Este plano revela que a principal dimensão ou fator distingue as falas acerca de gêneros musicais e artistas das demais. É provável que uma análise mais criteriosa auxiliasse a compreender esta diferença entre os estilos e a dispersá-los no espaço cartesiano. De fato, uma leitura exploratória dos discursos sobre o *funk*, por exemplo, mostra uma clara distância

entre falas acerca do gênero como um estilo musical valorado positivamente e ligado à diversão em festas, típico de classes populares, de um discurso de tipo metonímico, que vê o gênero como representação de sensualidade vulgar e decadência cultural, típico da elite. Não obstante, o gráfico deixa claro que dentro desta matriz discursiva, gostos mais “cultos” (Caetano, Buarque, Clássico, MPB) tendem a ficar um pouco mais ao alto do que gostos populares (pagode, *funk*, forró, *gospel*, romântico).

Isso se dá porque, enquanto o eixo *x* separa basicamente discursos sobre gêneros e artistas dos demais discursos, o eixo *y* é fortemente relacionado com o capital cultural e a classe social de forma geral. Esta segunda dimensão separa as falas escolares, que ficam bem distintas das demais, no canto superior direito. Significativamente, as posições mais ao alto são ocupadas pelas palavras “coral” e “conservatório”. Por sua vez, as posições mais abaixo no plano são ocupadas pelas palavras “beber”, “cerveja”, “bar”, “vender” e “futebol”.

GRÁFICO 5

## Representação gráfica das classes de discurso em plano bidimensional



Elaboração dos autores.

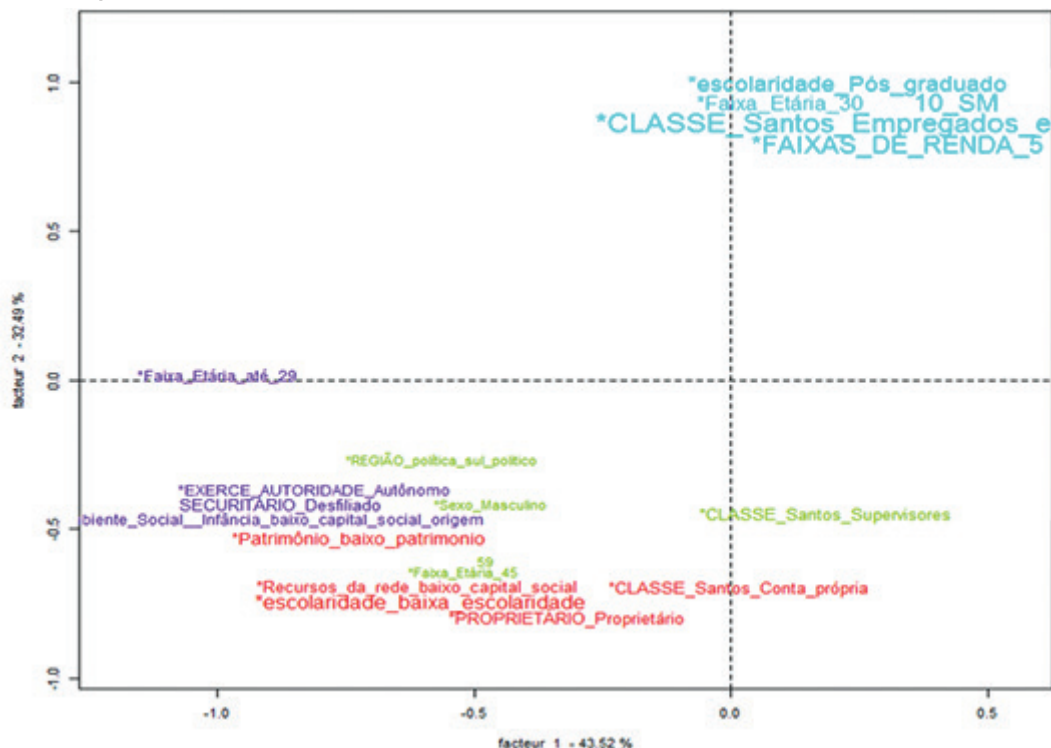
Obs.: Ilustração cujos leiaute e textos não puderam ser padronizados e revisados em virtude das condições técnicas dos originais (nota do Editorial).

Note-se que as duas dimensões fatoriais representadas no plano captam 76% da variância total. Ainda assim, os discursos sobre música como objeto hedônico e como objeto moral não se distinguem claramente, revelando certa dualidade na relação com a música entre classes populares que é, provavelmente, ligada à esfera religiosa.

Mas como podemos afirmar que estas classes de discurso guardam, de fato, relação com as classes sociais e, em particular, com o capital cultural? É aqui que a incorporação das variáveis categóricas ao *corpus* textual mostra o seu potencial. É possível especializar as variáveis no mesmo plano construído a partir dos segmentos de fala, o que resulta num gráfico mais parecido com a análise de correspondência clássica. O que se mostra no gráfico 6 é a posição média de determinada categoria (por exemplo, jovens, homens, pessoas de alta renda) no espaço criado *pelos discursos*.

GRÁFICO 6

Representação gráfica das características sociais do emissor dos discursos, por classe de discurso, em plano bidimensional



Elaboração dos autores.

Obs.: Ilustração cujos leiaute e textos não puderam ser padronizados e revisados em virtude das condições técnicas dos originais (nota do Editorial).

Este último gráfico fortalece ainda mais a nossa hipótese de que o capital cultural opera distinções importantes no campo dos gostos, corroborada pelo fato de que a metade de baixo do gráfico concentra pessoas de baixa escolaridade, patrimônio e capital social de origem, enquanto o quadrante acima e à direita concentra empregados especializados, pós-graduados e de mais alta renda. Mais à esquerda (próximos, portanto, do discurso sobre artistas e gêneros musicais) estão os jovens, e, mais abaixo, os autônomos. Já os supervisores, os homens e as pessoas entre 45 e 59 aproximam-se, por sua vez, do discurso moral.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS E DESENVOLVIMENTOS FUTUROS

A principal frente de atuação da Radiografia do Brasil seria, obviamente, a produção de resultados de pesquisa empírica. Infelizmente, com a alteração no comando do governo

federal em 2016, a pesquisa perdeu quase todos os membros da equipe – incluindo o então presidente do Ipea e idealizador do estudo, Jessé Souza. Não obstante, foi possível elaborar um número do Boletim de Análise Político Institucional dedicado ao tema (Lopez e Natalino, 2020). Dado o potencial de novos estudos que incorporem a metodologia apresentada na seção anterior, é possível que este conjunto de estudos se amplie, e que a Radiografia do Brasil sirva como material para pesquisas inovadoras por alguns anos.

Em particular, a possibilidade de aplicar o método de análise combinada de dados textuais e variáveis fechadas para as mais diversas esferas da vida social, econômica e política – relações de trabalho, concepções de justiça, pobreza e desigualdade, relações raciais e de gênero, tipos de socialização familiar, trajetória escolar, capital social e cultura cívica, práticas culturais, cultura econômica e práticas de poupança e endividamento, experiências com a burocracia de nível de rua, repertórios morais sobre temas candentes como religiosidade e drogas etc. – apontam nessa direção, bem como a possibilidade de realizar uma análise-síntese das disposições e condições de classe social no Brasil.

A esse respeito, encontra-se em andamento no Ipea um esforço complementar de pesquisa, com o intuito de aplicar a todas as 632 entrevistas algumas das variáveis de escala social consideradas mais relevantes. O aumento do poder estatístico das análises a serem realizadas com esse esforço complementar gerará, espera-se, novos estudos.

Os resultados analíticos obtidos até o momento apontam que a pesquisa poderá contribuir para o aprimoramento e planejamento de políticas públicas. De fato, este cuidado animou desde o início a construção do aparato conceitual e metodológico. Nesse sentido, apurou-se a maneira pela qual algumas políticas públicas atuam concretamente na vida de alguns entrevistados, assim como de que modo influenciam suas expectativas. Por outro lado, a conexão entre atuação estatal e impacto em seu público-alvo não deve ser menosprezada, pois não raramente uma política pública é arquitetada tendo em vista uma noção prévia do público a ser atendido, o que pode gerar turbulências concretas no que tange à eficiência de um programa. Assim, muitos estudos revelam como, a partir de uma melhor compreensão das condições e expectativas de vida dos cidadãos, determinados desenhos de política mereciam ser reavaliados. Isso posto, a investigação ambicionou contribuir com uma inteligência institucional que pudesse contrastar com a aplicação cega e desorientada de políticas públicas. Para tanto, foi preciso adentrar não apenas a vocação oficial de Estado aliada a um programa, mas entender a bagagem social anterior, ou seja, o passado social do público beneficiário e potencial, bem como quais são seus limites e capacidades.

## REFERÊNCIAS

BAUER, M. W.; GASKELL, G. (Ed.). **Qualitative researching with text, image and sound: a practical handbook for social research**. Sage, 2000.

BOURDIEU, P. Espace social et genèse des “classes”. **Actes de la recherche en sciences sociales**, v. 52, n. 1, p. 3-14, 1984.

BOURDIEU, P. Le mort saisit le vif: as relações entre a história reificada e a história incorporada. *In*: BOURDIEU, P. **O poder simbólico**. Lisboa: Difel, 1989.



- BOURDIEU, P. **A distinção: crítica social do julgamento**. São Paulo: Edusp, 2007.
- CAMARGO, B. V.; JUSTO, A. M. Iramuteq: um *software* gratuito para análise de dados textuais. **Temas em Psicologia**, v. 21, n. 2, p. 513-518, 2013.
- DURKHEIM, É. Representações individuais e representações coletivas. **Sociologia e Filosofia**, v. 2, p. 9-43, 1970.
- ELIAS, N. **Os estabelecidos e os outsiders: sociologia das relações de poder a partir de uma pequena comunidade**. Rio de Janeiro: Zahar, 2000.
- FOUCAULT, M. **A arqueologia do saber**. 7. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2002.
- GEERTZ, C. Thick description: toward an interpretive theory of culture. *In*: MARTIN, M.; MCINTYRE, L. **Readings in the philosophy of social science**. MIT Press, 1994. p. 213-231.
- GUEST, G.; BUNCE, A.; JOHNSON, L. How many interviews are enough? An experiment with data saturation and variability. **Field Methods**, v. 18, n. 1, p. 59-82, 2006.
- HALL, S. **Representation: cultural representations and signifying practices**. London: Sage, 1997. v. 2.
- IPEA – INSTITUTO DE PESQUISA ECONÔMICA APLICADA. **Radiografia do Brasil – agenda da presidência**. Brasília: Ipea, set. 2015. Mimeografado.
- IPEA – INSTITUTO DE PESQUISA ECONÔMICA APLICADA. **Radiografia do Brasil contemporâneo – projeto de pesquisa**, Ipea projetos. Brasília: Ipea, 2016a.
- IPEA – INSTITUTO DE PESQUISA ECONÔMICA APLICADA. **Radiografia do Brasil contemporâneo: relatório parcial – projeto de pesquisa**, Ipea projetos. Brasília: Ipea, 2016b. Mimeografado.
- IPEA – INSTITUTO DE PESQUISA ECONÔMICA APLICADA. **Radiografia do Brasil contemporâneo – base de dados qualitativos com 632 entrevistas transcritas**. Brasília: Ipea, 2017a.
- IPEA – INSTITUTO DE PESQUISA ECONÔMICA APLICADA. **Radiografia do Brasil contemporâneo – base de dados quantitativos**. Brasília: Ipea, 2017b.
- IPEA – INSTITUTO DE PESQUISA ECONÔMICA APLICADA. **Radiografia do Brasil contemporâneo – base de dados qualitativos e quantitativos em formato “Atlas.ti – bundle”**. Brasília: Ipea, 2017c.
- KALAMPALIKIS, N.; MOSCOVICI, S. Une approche pragmatique de l’analyse Alceste. **Les Cahiers Internationaux de Psychologie Sociale**, v. 2, p. 15-24, 2005.
- LE ROUX, B.; ROUANET, H. **Multiple correspondence analysis**. Sage, 2010. (Quantitative Applications in the Social Sciences, n. 163).
- LOPEZ, F.; NATALINO, M. (Org.). Classes Sociais, Estado e Desigualdade. **Boletim de Análise Político-Institucional**, n. 23. Brasília: Ipea, 2020.
- MASON, M. Sample size and saturation in PhD studies using qualitative interviews. **Forum qualitative Sozialforschung/Forum: qualitative social research**, v. 11, n. 3, 2010.
- REHBEIN, B. **Classes and milieus in contemporary Brazil**. Mar. 2016. Mimeografado.
- ROCHA, E. F. **Três Padrões de Trabalho Juvenil: um estudo com metodologia mista sobre o trabalho em idades inferiores aos 18 anos no Brasil**. Ipea, 2017. (Texto para Discussão, n. 2.295).

SANTOS, J. A. F. Uma classificação socioeconômica para o Brasil. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, v. 20, n. 58, p. 27-45, 2005.

SMALL, M. L. How many cases do I need? On science and the logic of case selection in field-based research. **Ethnography**, v. 10, n. 1, p. 5-38, 2009.

SOUZA, J. **Os batalhadores brasileiros**: nova classe média ou nova classe trabalhadora? Editora UFMG, 2012.



## ANEXO A

### RADIOGRAFIA DO BRASIL CONTEMPORÂNEO – ORIENTAÇÕES PARA A REALIZAÇÃO DAS ENTREVISTAS

Olá a todos. Tudo bem? Animados? Esperamos que sim!

Essas são algumas orientações para a pesquisa de campo e sobre como utilizar o material que estamos enviando para vocês.

#### A.1 ROTEIRO EXPLICATIVO

O roteiro explicativo é um documento de referência para garantir que todas as entrevistas contemplem um conjunto mínimo de temas. É importante ter isso claro: trata-se de um conjunto de temas que *todas as entrevistas devem contemplar*. O documento se organiza em sete eixos temáticos, que são: i) família; ii) escola; iii) trabalho e vida econômica; iv) vida comunitária e religião; v) lazer e consumo; vi) relações de gênero; e, finalmente, vii) política e mídia. Para cada eixo, o roteiro explicativo traz uma exposição, num nível mais abstrato, a respeito do que pretendemos investigar. Na sequência dessa exposição, há, em itálico, uma série de questões sugeridas para a realização da entrevista. O objetivo é que você estude com bastante atenção todos os elementos do roteiro explicativo antes de realizar a sua primeira entrevista. Leia cada uma das perguntas em itálico e pense no propósito delas. Qual questão de pesquisa, exposta na explicação abstrata do eixo temático, aquela pergunta pretende contemplar? Sinta-se satisfeito com o seu estudo do roteiro apenas quando tiver uma resposta clara a essa indagação, ou seja, quando estiver claro, para você, o propósito de cada pergunta que sugerimos.

Posterior ou paralelamente a isso, você deve, mediante a leitura das explicações dos eixos temáticos, propor novas perguntas de entrevista. Anote essas perguntas que você for criando. No outro dia, leia-as novamente e pense se ainda as acha pertinentes. Reformule essas perguntas que você criou. Pense em como aperfeiçoá-las. Aperfeiçoe-as. *Por que esse exercício é fundamental?* Porque você efetivamente terá que criar perguntas durante a situação de entrevista. Dificilmente as entrevistas seguirão exatamente a ordem sugerida no roteiro que enviamos. Há muitas interseções entre os eixos temáticos. Ao começar a falar sobre família, o entrevistado pode levar a prosa para o tema da escola ou de um início recente na vida laboral. O entrevistador jamais – veja bem! – *jamaís* deve prejudicar o bom fluxo da entrevista para forçar um seguimento estrito da ordem temática sugerida pelo roteiro. Muito pelo contrário, você deve se adaptar à situação, transitando entre os temas de forma a facilitar a continuidade da conversa com naturalidade. Um bom fluxo na entrevista é condição necessária para obter os elementos requeridos para o tipo de análise que pretendemos desenvolver nessa pesquisa. Tenha em mente que, quando o fluxo é bom, a entrevista torna-se uma conversa. Seu papel é orientar essa conversa tendo em vista as informações que pretendemos obter. Que informações são essas? Estude bem as explicações dos eixos temáticos, no roteiro explicativo.

## A.2 ROTEIRO

O roteiro traz o mesmo conteúdo que o roteiro explicativo, exceto as explicações. É um documento para você ter em mãos durante a entrevista. Caso ache pertinente, tenha também em mãos o roteiro explicativo. Você pode também imprimir o roteiro com algumas questões a mais: aquelas que você fez ao estudar o roteiro explicativo. Note, contudo, que, na entrevista, você *não deve seguir necessariamente* a sequência das perguntas sugeridas e *nem deve necessariamente fazê-las todas*. Trate o roteiro como um menu. Ele te oferece opções, meios para você operacionalizar as questões de pesquisa que estão expostas no roteiro explicativo, mas não uma sequência necessária de perguntas. Digamos que você pergunte para a pessoa: como era sua vida na infância? Quem cuidava de você? Pode ser que, a partir daí, essa pessoa faça uma narrativa contemplando quase todos os aspectos que desejamos investigar acerca do cuidado afetivo e do controle do uso do tempo durante a infância, necessitando apenas de alguns estímulos simples como “era assim mesmo?”, “mas como era isso?”. Além disso, como já mencionamos, para estabelecer efetivamente uma conversa você terá que interagir com as narrativas dos entrevistados. Por exemplo: “Dessa vez que seu pai perdeu o emprego, como vocês fizeram?”; “Ah sim, sua mãe trabalhava. E como seu pai fazia? Ficava mais em casa? Ficava procurando emprego?”; “Como ficava o cuidado das coisas em casa?”. Nunca é demais enfatizar: o objetivo é estabelecer uma conversa com os entrevistados. Para orientar bem a conversa de acordo com os objetivos da pesquisa, você deve ter estudado bastante o roteiro explicativo e praticado o exercício de criar questões. Além de um menu, trate o roteiro como uma fonte de socorro. Eventualmente as entrevistas perdem o fluxo, “travam”. O entrevistado simplesmente para de falar, como que se dando por satisfeito, e você, muito pouco à vontade, não sabe bem como retomar o rumo da prosa. É muito provável que você passe por essa situação. *Just don't panic! Don't ever panic!* Quando isso acontecer, recorra ao roteiro, com tranquilidade ou pelo menos aparentando-a, escolha uma pergunta e a faça. Enfim, veja o roteiro como um porto seguro. Você não deve segui-lo de maneira cega e automática, mas você deve passar por ele. Eventualmente, se essa for a melhor saída, você deve tentar segui-lo fielmente.

Finalmente, há uma questão de ordem nas perguntas que deve ser observada. As questões sobre política e mídia, sobretudo aquelas que pedem por uma articulação explícita de posicionamento político/partidário através da questão sobre Lula e Fernando Henrique Cardoso (FHC), devem ser colocadas *necessariamente ao final da entrevista*. A política é um tema transversal. Aparecerá subliminarmente ao longo de toda a entrevista. Na conjuntura atual, estamos certos de que colocar esse tema explicitamente no início ou no meio da entrevista provocaria distorções excessivas nos padrões de narrativa dos entrevistados.

## A.3 A PESQUISA DE CAMPO

É importante que você conceba as suas atividades como um trabalho de campo num sentido um pouco mais amplo do que o da aplicação de um roteiro de entrevista. Isso já deve estar bastante claro, tanto pelas nossas discussões durante o seminário de lançamento do projeto quanto pela leitura deste documento. A essa altura, está claro que vocês terão um papel muito mais ativo do que a mera aplicação de um roteiro sugere. Vocês terão que compreender a fundo as questões investigadas. Terão também que ser criativos e flexíveis nas situações de entrevista. Para que seu trabalho de campo seja completo, você deverá, além das entrevistas transcritas, produzir ainda outros dois tipos de documento.

Primeiro: você deve ter um caderno de campo onde fará anotações sobre fatos significativos referentes a cada entrevista. Esses fatos significativos referem-se a aspectos não verbais na interação com o entrevistado que tenham, na sua impressão, se destacado. Coisas como a postura e o humor do entrevistado. A atitude dele diante de vocês: confiança, desconfiança, simpatia, antipatia, soberba etc. Pode-se tratar também de aspectos que tenham impacto decisivo sobre a interpretação de algumas narrativas do entrevistado. Você pode, por exemplo, observar uma contradição performática. A pessoa está narrando ter determinados hábitos que sua postura desmente. Quando entrevistamos alguém na sua casa, a possibilidade de que isso ocorra se amplia. Podemos testemunhar contradições da narrativa com relação ao ambiente e as interações no ambiente do lar. Não se trata, contudo, apenas de perseguir contradições. Algumas observações de campo podem também reforçar elementos da narrativa do entrevistado. A forma física que esse “caderno de campo” vai assumir fica a seu cargo. Pode ser um caderno, pode ser seu computador, pode ser o próprio gravador onde você grava uma fala sua descrevendo suas impressões para depois transcrever etc. O importante é que cada entrevista transcrita seja acompanhada das suas respectivas anotações de campo. Por fim, note que *não* se trata de fazer uma extensa descrição, no espírito de narrativas etnográficas. Trata-se de anotações breves sobre aspectos significativos. A decisão do que é significativo possui necessariamente uma grande carga subjetiva. No fundo, você vai falar sobre coisas que te chamaram a atenção. Confie nisso. Se você estudou bem o roteiro explicativo, sua intencionalidade, por conseguinte a sua atenção estará voltada para os interesses dessa pesquisa.

Segundo: é extremamente desejável que você tire fotos com as pessoas entrevistadas, focando, deliberadamente, o ambiente interior da casa, com o fito de registrar aspectos interessantes como o mobiliário, as condições físicas do imóvel, enfim, imagens que digam algo a respeito do estilo de vida. Tenha bom senso! Nem sempre a situação permitirá esse tipo de registro. É preciso ter tato e perceber se isso será bem-vindo pelo entrevistado. Também são desejáveis fotografias da faixa da casa e de suas adjacências. Essas fotos são matéria não tão delicada, mas em algumas situações também podem ser algo de constrangedor. Mais uma vez, use o bom senso. Não se preocupe com autorização para a utilização das fotos. Caso selecionemos alguma para eventualmente constar em uma publicação, providenciaremos então um termo de autorização por parte dos fotografados. Nesse sentido, mantenha um arquivo pessoal com alguma via de contato com seus entrevistados, para possível retorno futuro.

#### A.4 CARACTERÍSTICAS BÁSICAS

O roteiro traz também uma parte sobre características básicas. Nesse caso, *deve-se seguir fielmente o fluxo das questões conforme enviamos a vocês*. O fluxo é baseado no questionário do Censo Demográfico e visa obter algumas informações padronizadas. Essas informações serão fundamentais para a articulação dos resultados do trabalho de vocês com análises que nós realizaremos a partir de outras bases de dados. Recomendamos que essa parte seja ministrada ao final da entrevista. Tenham certeza de que será muito rápido. Você pode se planejar para gastar cinco minutos com essa parte. Nela, nós pedimos códigos para ocupações e para cursos superiores. Trata-se do seguinte: na situação de entrevista, a pessoa lhe dará um nome para a ocupação e um nome para seu curso superior – caso tenha curso superior,

obviamente. Depois, no momento da transcrição, você deverá consultar os códigos para essas duas variáveis nos documentos anexos que mandamos. Para cursos superiores, você trabalhará com a estrutura de cursos superiores utilizada no Censo Demográfico. Consulte a lista de códigos (arquivo Cursos Superiores\_2010) e anote, no documento em que vai entregar a transcrição, o código do curso ao lado do respectivo nome. No caso das ocupações, você deve fazer o mesmo, utilizando a Classificação de Ocupações para Pesquisas Domésticas (COD) – arquivo COD\_2010. No caso das ocupações, contudo, podem ocorrer, mais frequentemente, dúvidas sobre em qual título/código da lista você deve enquadrar determinada ocupação declarada pelo entrevistado. No caso de dúvidas quanto a isso, você deve consultar o Padrão Internacional de Classificação de Ocupações<sup>13</sup> (arquivo ISCO-08), no qual a COD é baseada. No ISCO-08, além de títulos ocupacionais e códigos, existe uma descrição sumária do que aquele título ocupacional engloba. Em outras palavras, no COD você encontrará apenas títulos ocupacionais com seus respectivos códigos e terá que deduzir, apenas pelos títulos disponíveis, onde enquadrar a ocupação declarada pelo entrevistado. Já o ISCO mais bem detalha o que determinado título engloba, podendo, portanto, ajudar nessa decisão em caso de dúvidas. Note, contudo, que mesmo quando você consultar o ISCO, o código deverá ser escolhido com base no COD. Veja um exemplo de situação: achei um título no COD. Não sei se devo realmente enquadrar a ocupação do entrevistado naquele código. Procuo então um título análogo no ISCO. Vejo no ISCO a descrição do que esse título engloba. Com base nessa descrição, decido se a ocupação do meu entrevistado se enquadra nesse título. Sendo positiva essa verificação, volto ao COD e observo o título análogo ao título do ISCO no qual encontrei a descrição adequada. Anoto então o código que consta no COD, ao lado do nome da ocupação declarada pelo entrevistado, na minha folha de transcrição.

*Importante:* entrevistas que estiverem incompletas na parte sobre informações básicas serão *desconsideradas*, pois não permitirão o cruzamento eficiente com outros resultados.

## A.5 IDENTIFICAÇÃO DAS ENTREVISTAS

Cada transcrição será identificada com um código. Aqui vai como você deve construir esse código: pegue o número da sua colocação do processo seletivo e some cem, em escala cardinal. Por exemplo: segundo torna-se 102 (100 + 2) e 15º torna-se 115 (100 + 15). Em seguida, pegue o número da sua entrevista. Esse número será um se for a primeira entrevista que você fez, será dois se for a segunda entrevista, e assim por diante. Acrescente cem a esse número. Assim, sua décima entrevista será 110. Sua primeira será 101. Por fim, combine esses dois números em um código com seis algarismos. Da esquerda para a direita, começando pelo número que você criou com base na sua colocação, e terminando com o número que você criou com base na ordem da sua entrevista. Nos nossos dois exemplos, os códigos finais seriam, respectivamente: 102110 e 115101. *O arquivo da transcrição deverá ter como nome esse código.*

Salve suas anotações de campo no mesmo arquivo da sua transcrição. O arquivo deverá ter uma folha de capa com identificação. Em seguida, deverão vir as informações básicas. Depois, começando necessariamente em uma próxima página, as anotações de campo.

13. International Standard Classification of Occupations (ISCO).

Por fim, começando também necessariamente em uma próxima página, a transcrição. Veja o arquivo “Template.odt”. *Muito importante*: esse arquivo contendo as transcrições deverá ser elaborado em OpenOffice ou LibreOffice. A razão disso é a compatibilidade com a linguagem de um *software* que eventualmente será utilizado, no futuro, para a análise conjunta das entrevistas realizadas.

Finalmente, todas as fotos tiradas por ocasião de uma entrevista deverão ter nome baseado no código da entrevista. Para poder salvar todas numa mesma pasta, utilize para o nome do arquivo de imagem o código da entrevista, seguido de letras do alfabeto, para efeito de diferenciação. Por exemplo: 102110a, 102110b, e assim por diante. Durante a semana que se inicia no dia seis de setembro de 2015, você receberá instruções sobre como nos enviar os seus arquivos. Estamos preparando uma plataforma digital para isso, através do sítio do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea).

## ANEXO B

### RADIOGRAFIA DO BRASIL CONTEMPORÂNEO – DOCUMENTO DE REFERÊNCIA PARA A REALIZAÇÃO DAS ENTREVISTAS

#### B.1 FAMÍLIA

Investigar *background* familiar: composição da família de origem (pai e mãe, avó, irmãos etc.), escolaridade, ocupação e nível socioeconômico dos pais ou quaisquer responsáveis. Investigar também a história de vida centrada na família. Relações afetivas com pais, irmãos e quaisquer outros significativos no ambiente familiar. Explorar as relações de cuidado afetivo, a provisão e a falta dessas relações. Ter em mente a discussão de Axel Honneth sobre autoconfiança no *A luta por reconhecimento*. Explorar os conteúdos culturais transmitidos, ou reconstruídos mediante as relações familiares: que atividades entre pais e filhos? Consumo cultural? Que tipo de consumo? Ajudava no trabalho dos pais? Como era essa rotina?

Perguntar também sobre a geração imediatamente anterior à dos pais. O interesse é ter informações para pensar a mobilidade em três gerações: avós do entrevistado, pais do entrevistado e o próprio entrevistado. Naturalmente, o entrevistado dará informações bem menos completas sobre a família dos avós. O mais importante é ter uma noção básica sobre a posição socioeconômica da família de origem dos pais do entrevistado.

Chegar à família atual do entrevistado. Nesse caso, o entrevistado pode viver ou não em um grupo familiar. Pode viver em união, mas pode ser solteiro, divorciado, viúvo. Sua união pode ser com ou sem filhos etc. Uma questão que vale para todos diz respeito ao planejamento familiar. Como a pessoa veio a estar em uma dessas condições? A união com um parceiro foi planejada (o que inclui o adiamento dessa união) tendo em vista projetos educacionais e profissionais? O número de filhos foi planejado da mesma forma? Há, em outras palavras, uma racionalização da esfera íntima? Evitar perguntar diretamente se a pessoa planejou, elas tenderão talvez a dizer que sim. Perguntar como as coisas aconteceram, daí se apreende se foram planejadas. Investigar também a existência de exogamia/endogamia de classe no histórico de relacionamento das pessoas.

Identificar como a pessoa representa sua própria posição social em contraste com a da sua família de origem (representa-se como em ascensão?). Investigar valores concernentes à família: valores referentes à divisão sexual do trabalho, às relações de cuidado afetivo entre os cônjuges e ao cuidado com os filhos (questões sobre como discipliná-los, por exemplo).

*Qual era a profissão dos seus pais? Até quando eles estudaram? Como eles conciliavam trabalho e família? Como era a vida de vocês: muito apertada, mais ou menos, ou viviam com folga? Fale mais sobre isso. Quem cuidava de você? Como cuidava? Você se sentia querido? O ambiente na sua casa era tranquilo ou era mais conturbado? Quem mais morava na mesma casa? Como era a divisão do espaço e das tarefas? Descreva um dia típico da sua infância. Quando você fazia algo de errado, como você era punido? Como era a vida de vocês: muito apertada,*

*mais ou menos, ou viviam com folga? Por quê? Quais eram as preocupações centrais em termos financeiros? Faltava alguma coisa em casa? Nós sabemos que todas as famílias têm coisas boas e também têm muitos problemas. Quais eram as melhores coisas na sua família? E quais eram as piores? A gente sempre herda muitas coisas dos nossos pais. O que você herdou do seu pai? O que você herdou da sua mãe? O que você tentou fazer diferente do seu pai? O que você tentou fazer diferente da sua mãe? Olhando para a sua família hoje e para o tempo em que você vivia com seus pais, quais as grandes diferenças que você vê na maneira de criar os filhos? E na maneira de conviver com o companheiro? E na condição social?*

## B.2 ESCOLA

Investigar o monitoramento familiar das atividades escolares: visitas dos pais à escola, monitoramento de atividades escolares em casa, disciplinamento do uso do tempo em função das atividades escolares. Investigar a relação com professores e com colegas, assim como a relação com as práticas pedagógicas e rotinas na escola. Perguntar por atividades extracurriculares como cursos de música, dança, artes marciais etc. Investigar o uso do tempo fora da escola de uma maneira geral. Não procurar apenas por atividades relacionadas à educação, mas também por atividades lúdicas, pois essas podem consumir muito tempo e adquirir forte significado. Dar atenção para aspectos como dificuldade de concentração e de planejamento da vida escolar. Investigar a rotina de estudos do entrevistado. Se contava com ajuda extraescolar quando tinha dificuldades, por exemplo. Observar também se o disciplinamento na escola se deu por relações de autoridade muito rigorosas ou mais relaxadas.

Investigar as expectativas que a família depositou sobre a pessoa, que a escola depositou sobre ela e que ela depositou sobre si mesma. Como esses três grupos de expectativas se confrontaram? Entraram em conflito? Reforçaram-se mutuamente? Como se confrontaram com a realidade?

*Descreva um dia típico na sua escola quando você estava no primário. Teve algum professor do qual você gostou muito? Você estudava em casa? Como era isso? Você fazia alguma atividade além da escola? Como era isso? Você era considerado inteligente na escola? Fale mais sobre isso. E seus pais e professores, em geral, eles te achavam inteligente? O que você mais gostava de fazer na escola? E o que você gostava de fazer? E quando você ficou adolescente, o que mudou na sua vida escolar? Quando você começou a pensar em uma profissão? No que a escola te influenciou nisso?*

## B.3 TRABALHO E VIDA ECONÔMICA

Identificar quando a pessoa começou a trabalhar, dando especial atenção à transição entre escola e trabalho. O que determinou a decisão por começar a trabalhar? Como e por que começou a trabalhar? Quais as circunstâncias do primeiro trabalho? Investigar a trajetória laboral até a situação atual, com ênfase em eventos como migração e trocas de ocupação.

Ter em mente a discussão de Bourdieu em *O desencantamento do mundo: estruturas econômicas e estruturas temporais*. A relação com o tempo é um aspecto central, tanto no que concerne à capacidade adquirida para estabelecer um projeto de vida econômica quanto no que diz respeito às condições objetivas para fazê-lo. Investigar a gestão das receitas e despesas, atentando para práticas de poupança e de investimento.



Explorar a posição no emprego – trabalhador contratado, empregador, trabalhador por conta própria etc. – e investigar a trama que se estabelece a partir dessa posição. Dar especial atenção às relações de autoridade no trabalho. Note-se que essa parte varia muito de acordo com a posição no emprego. Para um trabalhador por conta própria, por exemplo, explora-se mais extensivamente questões referentes ao seu empreendimento (dívidas, investimento, planejamento, riscos etc.), a regularidade ou irregularidade no fluxo de receitas e o modo de articular a receita doméstica e a receita do empreendimento. Para um empregado, as questões são outras: perspectivas de ascensão, relações com empregador e com os outros empregados etc. Em todos os casos, explorar quais competências e capacidades (físicas, intelectuais ou emocionais) são requeridas pelo trabalho.

Investigar a satisfação ou frustração com o próprio trabalho: desejo de ter outro trabalho, expectativas de ascensão, a plausibilidade dessas expectativas diante das possibilidades objetivas. É importante investigar se o entrevistado revela: i) expectativas relativamente plausíveis que se configuram, portanto, enquanto um projeto de vida; ou ii) expectativas mais fantasiosas, provavelmente de caráter compensatório. Uma mistura dessas duas tendências pode ocorrer.

*Quando você começou a trabalhar? Por quê? Quantos trabalhos diferentes você teve? Conte essa história. Descreva um dia típico no seu trabalho atual. Como é a sua relação com seus superiores e colegas? Qual era o trabalho dos seus sonhos? Ele tem a ver com seu trabalho atual? Que tipo de competências ou habilidades o seu trabalho exige? Como você desenvolveu essas habilidades? Você está contente com o seu trabalho ou você pretende mudar? Você tem uma renda estável? Qual é a frequência de seus rendimentos (semanal, mensal, trimestral...)? Como você usa seu dinheiro? Despesas mensais? Poupança? Investimento? Como você organiza esses gastos? Alguma forma de controle escrito? Com qual antecedência?*

#### **B.4 VIDA COMUNITÁRIA E RELIGIÃO**

Investigar as esferas de convivência, tendo como foco a construção de capital social. Quais os círculos sociais? A partir de onde os laços se estabeleceram? Infância? Família de origem? Família atual? Vizinhança? Clubes? Trabalho? Ter sempre em mente o fluxo de recursos e de chances de vida através desses laços de convivência. Investigar se a pessoa estabelece círculos de convívio com pessoas ao longo de várias posições socioeconômicas ou se há um fechamento socioeconômico na sua vida comunitária. Dar especial atenção à esfera religiosa, caso ela surja como significativa na vida da pessoa. Explorar a frequência aos cultos, a trajetória entre diferentes religiões e denominações. As motivações para o trânsito religioso. Investigar como a vida religiosa condiciona a esfera de convívio: em que medida os laços sociais passam a ser mediados pela igreja?

Investigar como a pessoa representa a sua posição de *status* com relação às pessoas com quem convive. Julga que “merece” conviver com pessoas “melhores” que aquelas com as quais efetivamente convive? Pelo contrário, sente pressão em algum círculo de convivência por ser presumivelmente “menos” em termos de *status* social? Quanto à religião, investigar as crenças referentes à relação entre a esfera do sagrado e a esfera do mundo e do cotidiano. O que acredita que a religião trouxe para a vida dela? O que espera que a religião ainda vá trazer? Investigar também a relação de tolerância ou de intolerância com outras religiões.



*Você tem muitos amigos? Como você os conheceu? Algum amigo ou conhecido já te deu algum tipo de ajuda que foi importante para sua vida profissional? Que lugares você frequenta com seus amigos? O que vocês fazem juntos? Você tem alguma religião? Com que frequência você vai aos cultos? Com que frequência você faz orações fora do culto? E outras atividades religiosas? Que atividades você faz na igreja? Com quem você vai à igreja? A que tipo de pessoa Deus ajuda? Como Deus tem atuado na sua vida? Que coisas você pede a Deus? Como Deus age nesse mundo?*

## B.5 LAZER E CONSUMO

Identificar a distribuição do uso do tempo fora das esferas do trabalho, da escola e do domicílio. Investigar as práticas de consumo, sobretudo naquilo que elas representam na formação de *status* social. Investigar frequência a museus, a *shows*, a bares, restaurantes, prática de esportes, enfim. Tentar obter algumas estimativas sobre a frequência com que faz alguma dessas atividades e o quanto investe nelas em dinheiro. Investigar a compra de roupas e outros bens não duráveis ou duráveis, como móveis e imóveis. Ter em mente o objetivo de sopesar o investimento em itens de distinção diante do nível de rendimento. A pessoa sacrifica muito da renda para obter artigos de distinção social? Pelo contrário, a pessoa investe pouco nesses itens tendo em vista a sua renda?

Identificar qual a representação do entrevistado sobre a cultura legítima. O que ele concebe como o padrão de consumo legítimo, quer ele o pratique, quer não. Ir além do consumo de artigos e investigar as práticas voltadas ao cuidado com o próprio corpo ou, mais precisamente, ao trato do próprio corpo enquanto construção de um estilo de vida.

*Geralmente, o que você faz para se divertir ou se distrair? Quando tem tempo livre, prefere ficar em casa ou gosta de sair? E o que faz nesse tempo? E aonde você geralmente vai? Esses lugares que você frequenta, conte-me mais sobre eles. O que você mais gosta de comprar? Com que frequência? Como você se veste? De que tipo de música você gosta? Cite exemplos. Quais os últimos filmes que você assistiu e gostou? Por que gostou? Quais os últimos livros que você leu e gostou? Por que gostou? Você gosta de cozinhar? Fale mais sobre isso. Você considera a sua alimentação saudável? Por quê? O que você faz para cuidar do seu corpo? Malha? Pratica esportes? Você bebe? O que costuma beber? Cite uma marca.*

## B.6 RELAÇÕES DE GÊNERO

Identificar valores e crenças referentes à divisão sexual do trabalho e as representações sobre gênero de uma maneira geral. Investigar as concepções (muitas vezes implícitas!) sobre o que é ser homem e mulher, e sobre a relação entre os dois. Caso ocorram na pesquisa, notar que em casais não heterossexuais muito frequentemente papéis masculinos e femininos também são reproduzidos, de modo que as questões teóricas continuam pertinentes. Investigar valores e concepções referentes à sexualidade e ao romantismo. Em que medida a sexualidade se articula a um discurso romântico? Em que medida, por outro lado, a sexualidade se articula a um discurso instrumental sobre o outro?

*As mulheres estão se libertando muito rapidamente. Quais são os aspectos negativos e positivos disso? Você acha que homens e mulheres são iguais ou diferentes? Por quê? Quem você acha que tem mais satisfação sexual, o homem ou a mulher? Por quê? O que é um parceiro ideal? Qual a diferença entre sexo e amor? É possível manter a paixão num casamento? O que leva a conflitos em um casal?*

## **B.7 POLÍTICA E MÍDIA**

Na parte sobre política é fundamental atentar para a orientação valorativa do entrevistado. Isso incorre em perceber a maneira pela qual ele se posiciona com relação à questão social. Nesse sentido, para além do posicionamento partidário explícito, faz-se necessário investigar como o entrevistado concebe as raízes dos problemas sociais e suas formas de enfrentamento. É importante perceber em qual medida suas visões sobre os principais problemas sociais como violência e uso de drogas se relacionam a ideias sobre desigualdade e classes sociais. Além disso, investigar os meios de acesso à informação utilizados, assim como a opinião sobre eles. *Ao final*, perguntar pelo posicionamento político-partidário através das questões sugeridas sobre Fernando Henrique Cardoso (FHC) e Lula.

*Como você se enxerga na sociedade? Como você percebe as classes imediatamente acima da sua? E as classes imediatamente abaixo? O que é importante na nossa sociedade? O que é ter uma vida boa no Brasil? Como se pode alcançar essa vida boa? Você pode alcançar essa vida boa? Para você, qual é o principal problema do Brasil? Por quê? O que podemos fazer para superá-lo? De todas as fontes de informação, em qual você mais confia? Por quê? E em qual você menos confia? Por quê? O Brasil é um país muito desigual. Quais são as causas disso? O que você acha do Bolsa Família? Você acha que drogas mais leves, como a maconha, deveriam ser legalizadas? Você é a favor ou contra a maioria penal? Por quê? E drogas mais pesadas? Por quê? Como é que o governo deveria lidar com os usuários de crack? O que você acha do ex-presidente Fernando Henrique Cardoso? E do ex-presidente Lula? Por quê?*

## ANEXO C

**RADIOGRAFIA DO BRASIL CONTEMPORÂNEO – ENQUETE QUANTITATIVA  
(CARACTERÍSTICAS BÁSICAS)**

- 1) Em que ano você nasceu? Em que mês desse ano?
- 2) Olhe para o entrevistado e o classifique, marcando com um X, uma das categorias étnico-raciais:
  - a) branco
  - b) pardo
  - c) preto
  - d) amarelo
  - e) indígena
- 3) Agora pergunte ao entrevistado e marque com um X.  
O senhor se considera:
  - a) branco
  - b) pardo
  - c) preto
  - d) amarelo
  - e) indígena
- 4) Você frequentou ou frequenta escola?  
*Se frequenta:*
  - 5) Qual é o nível de ensino que frequenta?
  - 6) Qual a série que frequenta?
  - 7) Em instituição pública ou privada?
  - 8) Qual o nome da instituição?
  - 9) No caso de curso superior, qual o curso? (*anotar código do curso*)
  - 10) Já concluiu outro curso? Qual?  
*Se frequentou:*
    - 11) Qual foi o nível de ensino mais elevado que frequentou?
    - 12) Em instituição pública ou privada?
    - 13) Qual o nome da instituição?
    - 14) Concluiu esse nível de ensino?

- 15) No caso de curso superior, qual o curso? (*anotar código do curso*)
- 16) Atualmente, tem algum trabalho remunerado?
- 17) Quantos trabalhos tem?
- 18) Normalmente, a qual desses trabalhos dedica o maior número de horas por semana?
- 19) Nesse trabalho ao qual dedica o maior número de horas, quantas horas por semana trabalha normalmente?
- 20) Nesse trabalho ao qual dedica o maior número de horas, qual é a ocupação que exerce? (*anotar código da ocupação*)
- 21) Nesse trabalho é:
  - a) empregado com carteira de trabalho assinada
  - b) militar do exército, marinha, aeronáutica, polícia militar ou corpo de bombeiros
  - c) empregado pelo regime jurídico dos funcionários públicos
  - d) empregado sem carteira de trabalho assinada
  - e) conta própria
  - f) empregador
- 22) Caso seja empregador, quantas pessoas emprega nesse trabalho?
- 23) Qual o seu rendimento bruto nesse trabalho? Caso o rendimento não seja fixo, qual o habitual?
- 24) Qual o seu rendimento líquido? Caso o rendimento não seja fixo, qual o habitual?

## ANEXO D

**RADIOGRAFIA DO BRASIL CONTEMPORÂNEO – INSTRUÇÕES PARA A CONSTRUÇÃO DE ESCALAS A PARTIR DAS TRANSCRIÇÕES****D.1 INTRODUÇÃO**

O material que ora enviamos a vocês visa subsidiar duas etapas fundamentais do nosso trabalho. Primeiro, estruturar a base digital de acesso às entrevistas, uma base de dados inovadora, que é a principal justificativa institucional da nossa pesquisa. Segundo, preparar, a partir da leitura de uma seleção de entrevistas, um conjunto de dados padronizados que permitam uma análise conjunta, com alto valor interpretativo.

A planilha Excel que estamos enviando foi elaborada de modo a poupar o tempo de vocês e ao mesmo tempo minimizar as chances de erros no preenchimento. É muito importante vocês notarem que não se trata de um trabalho mecânico. O que está em jogo é a construção de escalas a partir de um exercício hermenêutico, que não poderia ser feito por pessoas sem formação teórica e habilidade intelectual. A qualidade de vocês é aqui tão necessária quanto o foi na realização das entrevistas, e o será na redação dos textos que cada um está, junto aos respectivos coordenadores regionais, se preparando para escrever.

Basicamente, nós vamos gerar dois tipos de informação padronizada para as entrevistas: i) dados de cadastro, que incluem variáveis socioeconômicas do questionário básico e serão recolhidos para todas as entrevistas; e ii) escalas de atitude, que serão construídas a partir da leitura de uma seleção de entrevistas. Os dois tipos de informação serão coletados através de uma planilha Excel preparada especialmente para isso. A primeira tarefa de vocês é preencher os *dados de cadastro* para todas as entrevistas que vocês realizaram. Após alimentar a planilha com esses dados, vocês devem enviá-la para nós e manter consigo uma cópia salva. Enviem num *e-mail* para o Ricardo Visser, com cópia para o coordenador regional. O envio da planilha com os dados de cadastro é a *etapa 1* e o prazo para a sua entrega consta no *e-mail* pelo qual enviamos esse material. Entrevistas sem esses dados de cadastro não poderão constar na base digital que será elaborada pelo Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea).

Observem que há vários outros campos na planilha Excel além dos referentes aos dados de cadastro. Esses campos *não* serão preenchidos para todas as entrevistas, mas apenas para uma seleção de *cinco entrevistas* dentre as que vocês fizeram. A seleção dessas cinco entrevistas deve obedecer às seguintes cotas: *duas* para *classe média*, *duas* para *batalhadores* e *uma* para a *ralé estrutural*. Por que a restrição a cinco entrevistas? Como vocês verão, viabilidade! O trabalho com essas cinco entrevistas será o de construir escalas de atitude. Mais abaixo nesse documento, vocês encontrarão breves exposições sobre uma série de categorias. Cada categoria exposta aqui tem lugar numa coluna da planilha Excel que estamos enviando. A missão de vocês é, tendo compreendido as categorias, ler as cinco entrevistas, interpretá-las e, com base nessa leitura e interpretação, atribuir uma pontuação para cada

entrevistado em cada categoria. Tendo feito essas atribuições de pontuação em escala para os cinco entrevistados escolhidos, vocês terão concluído a *etapa 2*.

Na *etapa 3* começaremos a trabalhar na validação das pontuações da escala. Cada um de vocês receberá cinco entrevistas realizadas por outro pesquisador, juntamente com uma planilha. A tarefa será fazer para esses cinco entrevistados o mesmo procedimento de atribuição de valores nas escalas. Feito isso, vocês receberão ainda cinco entrevistas de um terceiro pesquisador, procedendo da mesma maneira. Como vocês podem notar, o objetivo é ter três opiniões sobre cada entrevistado quanto às escalas de atitude. Com essas três opiniões, três valores, poderemos utilizar técnicas adequadas para aferir a confiabilidade e mesmo a validade de conteúdo das escalas construídas.

Ao fim da *etapa 3*, vocês terão feito o exercício para quinze entrevistas, e não apenas cinco. Por isso restringimos a cinco a seleção inicial. Com a validação, cada entrevista a mais significaria, na verdade, três leituras a mais. Decidimos, portanto, no que tange às escalas, priorizar a qualidade da informação gerada em detrimento do volume. Como a expectativa é que na elaboração dos seus textos vocês utilizem, sempre que adequado, material produzido por outros pesquisadores da sua região e de outras, estamos confiantes de que essa tarefa irá colaborar em boa medida com o trabalho de escrita dos textos junto aos coordenadores regionais. Encontrem a seguir uma nota metodológica sobre a construção das escalas.

## **D.2 NOTA METODOLÓGICA SOBRE A ATRIBUIÇÃO DE VALORES EM ESCALA**

Os itens considerados na construção das escalas não se referem, nenhum deles, a entidades que sejam passíveis de observação direta. Trata-se de atitudes, disposições, propensões, que ninguém pode observar em outrem, mas tão somente lhe atribuir. Esse tipo de atribuição acontece o tempo todo em nossa vida corrente e está, em verdade, na base de todas as interações sociais. Mesmo diante do testemunho inegável do rubor, dos olhos injetados, do enrijecimento e da expansão musculares, da voz trovosa de alguém reagindo a determinado estímulo, não observo a ira, mas um conjunto de gestos e de sinais que só me parecem compreensíveis sob o pressuposto de que aquela pessoa esteja irada.

O exercício de alimentar as escalas que agora enviamos constitui um caso especial desse tipo de atribuição. Especial por três razões. A primeira e mais óbvia é a de que se trata de um tipo muito específico de interação, mediada pela entrevista transcrita. A segunda diz respeito ao fato de que os esquemas interpretativos utilizados para a atribuição são construídos do ponto de vista da atitude escolástica e não da atitude prática. Esses dois fatos instauram uma situação que retira da atribuição a naturalidade que ela adquire nos contextos ordinários da vida, quando a interação surge como dado muito mais imediato e onde os esquemas de interpretação são construídos na prática e para a prática. Isso provoca uma tomada de consciência explícita sobre o processo de atribuição e, com ela, um provável desconforto com a arbitrariedade envolvida nesse processo. Tecnicamente, o controle dessa arbitrariedade é obtido através do processo de validação do qual falamos na introdução.

A terceira característica que torna nosso exercício de atribuição especial é a quantificação explícita dos atributos em questão. Por um lado, é das mais corriqueiras e aceitas a noção de que certas qualidades, que julgamos tanto impulsionar quanto orientar o comportamento humano, tenham grandeza; que elas sejam, em algum sentido, quantidades. Assim, falamos com naturalidade que fulano é *mais* disciplinado que beltrano. Que sicrano é *mais* tímido que José. Não é à toa que Deus ama advérbios! Quando dizemos esse *mais* estamos inegavelmente tomando uma grandeza quantitativa como base de um juízo. A questão é que não explicitamos um nível de mensuração determinado. Trabalhamos com uma intuição de quantidade, mas sem especificar como ela deve ser contabilizada.

No fundo, nosso raciocínio transita livremente entre diferentes níveis de mensuração. Penso, por exemplo, na disciplina como um atributo que simplesmente está presente ou ausente. Sua única quantificação então é a presença e a ausência. Assim digo que alguém é disciplinado e que outro alguém é indisciplinado, ou seja, não tem disciplina. Por outro lado, penso, quase ao mesmo tempo, em termos de que uma pessoa é mais disciplinada que outra. Nesse momento, salto do nível de mensuração nominal para o ordinal. Assumo que, além de localizar sua presença ou ausência, é possível estabelecer um ordenamento, um *ranking* de disciplina. Mas não é só isso. Minha noção implícita de que há uma intensidade na disciplina me lança ao mesmo tempo no nível da mensuração cardinal. Julgo às vezes não somente que A é mais disciplinado que B, e que B é mais disciplinado que C, ou seja, que há uma ordem de disciplina entre os três. Julgo também que A é *muito mais* disciplinado que B, e que B é apenas *um pouco mais* disciplinado que C. Assim, além do ordenamento, estou trabalhando com uma noção de distância, de escala, como se fosse possível especificar os níveis de disciplina numa régua. Eu só não especifico que régua é essa, nem assumo uma consciência explícita de que estou trabalhando com esse tipo de medida. Portanto, a quantificação de atributos como aqueles que vamos abordar está longe de ser uma artificialidade do pensamento científico. Ela está no dia a dia, presente na lógica com a qual operamos vulgarmente. A diferença é que o uso acadêmico dessa intuição precisa ser sistematicamente controlado.

É curioso que o primeiro passo para estabelecer esse controle sistemático seja uma grande arbitrariedade: atribuir, a partir da leitura da entrevista, uma representação numérica para o quanto você julgou ser aquela pessoa pragmática ou idealista, disciplinada ou indisciplinada, autoconfiante ou insegura etc. A esperança com isso não é ter uma medida de idealismo ou pragmatismo no mesmo espírito em que se tem uma medida de temperatura. O objetivo é especificar um nível de mensuração, por diferença ao trânsito que se tem entre os diferentes níveis de mensuração quando se trata das atribuições que fazemos nas interações cotidianas. Essa especificação permite estabelecer um quadro estável para a comparação entre os entrevistados. Permite também que a arbitrariedade na atribuição seja tecnicamente controlada através da checagem de concordância. Na medida em que pessoas diferentes atribuem valores a um mesmo entrevistado, os valores atribuídos podem ser confrontados. Assim, sem eliminar a sua arbitrariedade (que é constitutiva), podemos identificar o quanto uma atribuição é mais ou menos consensual. O nível de consenso em torno de uma atribuição pode ser considerado uma medida da sua validade.

### D.3 ESCALAS E AS CATEGORIAS

A literatura metodológica sugere diferentes formas de operacionalizar as muitas vezes chamadas escalas de atitude. No nosso caso, utilizaremos uma escala de números inteiros indo de -5 (cinco negativo) a +5 (cinco positivo), excluindo o zero. A exclusão do zero significa uma opção por não permitir a atribuição de neutralidade em qualquer atributo. Em outras palavras, estamos trabalhando com categorias dicotômicas e decidimos “forçar” a classificação de todos os entrevistados em uma das duas direções que cada categoria oferece.

Parte das categorias utilizadas é trazida de uma pesquisa realizada na Alemanha com a colaboração de parte da então equipe de pesquisa do professor Jessé Souza. Outra parte foi elaborada aqui, já a partir de resultados parciais da nossa pesquisa e com base em outras pesquisas como o European Social Survey. Nesse último caso, contudo, pouco foi aproveitado diretamente. O que buscamos foram, antes de tudo, alguns subsídios e pontos de comparação para elaborarmos categorias que esperamos serem mais adequadas ao nosso trabalho. Um pouco mais adiante, segue uma breve conceituação das categorias.

É importante que vocês leiam com bastante atenção cada uma das exposições. Afinal, elas versam exatamente sobre o que vocês vão procurar nas entrevistas de modo a construir escalas ou, melhor ainda, elas versam precisamente sobre do que tratam as escalas que vamos construir. A discussão das categorias com colegas e com os coordenadores é altamente recomendável. Algumas categorias versam sobre matéria mais palpável, outras são muito mais abstratas e até vagas. Além disso, nesse tipo de trabalho também é muito difícil eliminar toda e qualquer ambiguidade. Então, é absolutamente natural que não fique imediatamente claro o que exatamente estamos designando com cada categoria. Diante de dúvidas ou inquietações, entrem em contato com os coordenadores para discuti-las.

#### D.3.1 Outros capitais

Os dados de cadastro são autoevidentes, dispensando mais explicações, e trazem informações socioeconômicas como renda e escolaridade. A seção sobre outros capitais tem por objetivo oferecer informações mais detalhadas, baseadas em atribuição de escala, sobre a estrutura de capitais de que dispõe a pessoa.

##### D.3.1.1 Patrimônio

O objetivo aqui é uma pontuação com base no nível global de patrimônio da pessoa, o que inclui diferentes ativos: bens imóveis (a começar pela casa própria ou não), poupança, investimentos, bens móveis como carros ou mobília de alto valor. Considere muito baixo o patrimônio de alguém que não tem patrimônio. Considere muito alto um montante que você estime estar acima de R\$ 1 milhão.

##### D.3.1.2 Redes de contatos

Aqui espera-se que você classifique o entrevistado de acordo com o nível de capital social, ou seja, de relações sociais úteis, facilitadoras quanto às chances de vida. Considere especialmente parentes, cônjuge, família do cônjuge, amigos, colegas e o quanto esses contatos foram importantes na história de vida narrada pelo entrevistado, sobretudo no que se refere



à sua trajetória escolar e profissional. Note que muitas vezes o entrevistado não reconhece explicitamente a importância do capital social. Muitas vezes, ele até a nega sistematicamente. Esteja atento ao modo como a importância desse fator aparece implicitamente na narrativa.

### D.3.1.3 Recursos da rede

No item anterior o que está em jogo é o fato de as redes de contatos terem ou não terem sido relevantes na trajetória do entrevistado. O que importa é se ele contou ou não com elas, e o quanto crucial elas foram. Note que as redes podem ser relevantes, mesmo mobilizando baixos recursos. Por exemplo: alguém pode ter contado com as redes de contatos para conseguir trabalho num momento decisivo, sendo esse trabalho precário ou de baixa remuneração. As redes aqui foram muito relevantes, mesmo mobilizando recursos baixos (um emprego ruim). A questão é que conseguir o trabalho foi algo decisivo. Nesse item, o que se espera é justamente a informação sobre o montante desses recursos, sobre o quanto ricos, digamos assim, são as redes de contatos de uma pessoa. Nos casos de pessoas para quem as redes tenham sido muito pouco relevantes, essa categoria pode não se aplicar.

### D.3.1.4 Qualidade dos laços

Quando se fala em capital social, há uma distinção importante entre laços fortes e laços fracos. Laços fortes são laços com maior teor afetivo, em geral ligando as pessoas com um nível considerável de intimidade: parentes, amigos próximos etc. Laços fracos são vínculos de mútua confiança que não envolvem intimidade. A ideia é que você perceba se o capital social mobilizado durante a trajetória da pessoa foi mobilizado mais através de laços fortes ou de laços fracos. As opções vão da exclusividade de laços próximos à exclusividade de laços com pessoas mais distantes. É provável que prevaleça a concentração nos laços fortes. Fique atento à relevância de laços distantes e utilize as opções intermediárias para sinalizá-la. É possível também que esse item faça pouco sentido para pessoas com nível de capital social muito baixo. Opção irrelevante no item anterior. Se for esse o caso, você pode utilizar a opção não se aplica (NA).

## D.3.2 Caracterização da origem social

Há um conjunto de categorias voltadas a captar aspectos não econômicos que caracterizam a origem social dos entrevistados. Também há duas variáveis categóricas a serem preenchidas mediante a interpretação das entrevistas, referentes ao capital econômico e ao capital cultural da família de origem dos entrevistados.

### D.3.2.1 Ocupação do principal responsável

Considere aqui como principal responsável a pessoa que, durante a maior parte da infância e adolescência do entrevistado, foi aquela que contribuiu com a maior renda para o sustento da família, ou seja, aquela pessoa com maior peso enquanto provedor familiar. Note que essa pessoa pode ser o pai, a mãe, uma avó etc. Esse item é aberto. Você deve simplesmente escrever o nome da ocupação tal como ele aparece na entrevista. Não considere, portanto, os códigos que você utilizou para padronizar a informação sobre a ocupação do entrevistado.

### D.3.2.2 Residência da família de origem

Trata-se de definir se a pessoa é de extração rural ou urbana. Eventualmente, a família do entrevistado terá migrado, ainda durante a infância deste, de uma zona rural para zonas urbanas, gerando dúvidas quanto à classificação. Decida por origem rural, a não ser que essa migração tenha ocorrido antes do entrevistado completar seis anos de idade.

### D.3.2.3 Capital econômico

Trata-se de uma variável categórica contendo cinco níveis: muito alto, alto, médio, baixo, muito baixo. A ideia é que, a partir da leitura da entrevista, você indique uma posição para a família de origem do entrevistado nessa escala. Mais do que a renda, você deve considerar o patrimônio de maneira geral, e até mesmo as informações que houver sobre outros parentes próximos ou os avós do entrevistado. Se a família extensa de origem é toda mais endinheirada, isso também deve contar para fins de classificar a família nuclear de origem. Como base para o seu julgamento, tenha em mente o seguinte: classifique como *muito alto* o nível de capital econômico daqueles que você diria estarem entre os 10% mais ricos; como *alto*, os que você consideraria estarem entre os 70% e os 90% mais ricos; como *médio*, os que estariam na faixa entre os 40% e os 70%; como *baixo*, aqueles entre os 20% e os 40%; e como *muito baixo*, os que estariam entre os 20% mais pobres.

### D.3.2.4 Capital cultural

É uma variável categórica como a anterior. Do mesmo modo, você deve julgar o ambiente familiar global da família de origem. Considere também não apenas a escolarização formal, mas todas as formas de capital cultural presentes na socialização familiar.

### D.3.2.5 Ambiente social na infância

Do mesmo modo como foi solicitado, para as categorias anteriores, um julgamento global sobre a afluência econômica e o nível de capital cultural na família de origem, solicita-se agora o mesmo julgamento sobre o nível socioeconômico, considerando em conjunto as dimensões econômica e cultural, do ambiente social mais extenso em que a pessoa viveu durante a infância. Certamente esse ambiente será composto de vários ciclos e terá se modificado ao longo do tempo. Leve mais em conta ambientes e momentos que parecem ter sido mais cruciais, seja porque o entrevistado vivia mais tempo ali, seja porque ali os laços e o envolvimento afetivo parecem ter sido mais intensos. Por exemplo: os amigos na escola, a vizinhança, as interações cotidianas.

### D.3.2.6 Percepção da infância

Aqui se trata de como a pessoa percebe e avalia as condições sociais de sua vida durante a infância. É extremamente comum as pessoas usarem expressões como “era muito difícil”, “era apertado”, ou então, “nunca passamos apertado”, “foi tranquilo”, para expressarem essa percepção. Por isso, as opções de preenchimento usam termos semelhantes. Notem que se trata de como o próprio entrevistado avalia e não de como você, pesquisador, avalia as condições socioeconômicas da sua vida na infância. Eventualmente, a percepção do próprio entrevistado irá contrastar bastante com o nosso juízo sobre as condições dele.

### D.3.2.7 Instável *versus* estável

Aqui, em contraste com o item anterior, voltamos ao esforço de tentar uma avaliação objetiva, feita pelo pesquisador, sobre a vida das pessoas. Trata-se do quanto, durante o tempo em que viveu sob os cuidados da família de origem, o entrevistado experimentou choques devidos a rupturas e rearranjos na vida familiar. Não se trata de a família ser ou não “estruturada” aos moldes da família nuclear, mas sim da estabilidade das relações de cuidado para com o entrevistado. O que se quer identificar não são eventos como divórcio, migração, rearranjos familiares por si mesmos, mas o quanto quaisquer eventos estressaram a estrutura familiar, o quanto eles provocaram rupturas ou deterioração nas relações de cuidado afetivo.

### D.3.2.8 Vigilante *versus* distante

Essa oposição refere-se à sistematicidade e à intensidade da monitoração exercida pela família de origem sobre o entrevistado. No limite da vigilância, há um monitoramento ostensivo e sistemático durante a infância e a adolescência. No limite da distância está a negligência com relação ao controle do uso do tempo.

### D.3.2.9 Violento *versus* comunicativo

Está em jogo aqui a qualidade das interações pelas quais o disciplinamento acontecia na família de origem. No extremo do comunicativo, está o uso exclusivo da palavra para disciplinar, sem o uso auxiliar de qualquer tipo de demonstração de raiva. No extremo da violência está o uso sistemático do contato físico, e mesmo o espancamento.

### D.3.2.10 Conservador *versus* liberal

Aqui se trata da dimensão da moralidade dos costumes. Procure identificar quão convencionais eram os valores a respeito do comportamento que guiavam as relações de cuidado na família de origem. Observe concepções sobre comportamento de gênero, sobre o tipo de gestos de deferência e de respeito que se esperava que fossem dirigidos aos pais e aos mais velhos em geral, sobre o intercurso com outras pessoas para além da esfera da família etc. Famílias mais conservadoras tendem a apresentar relações de teor mais autoritário entre os mais novos e os mais velhos, a naturalizar valores “tradicionais” com relação a gênero, a relações raciais, ao intercurso com outras classes sociais etc.

### D.3.2.11 Estimulante *versus* desestimulante

O ambiente familiar estimulante é aquele em que há estímulo sistemático, por parte dos outros significativos, para que a pessoa desenvolva suas faculdades físicas, intelectuais e afetivas. Os estímulos vão do incentivo verbal ao acompanhamento em atividades práticas, da palavra de apoio ao ato de estar junto no fazer das lições de casa, acompanhar o filho na prática de algum esporte etc. Quanto mais presentes esses elementos, sobretudo os estímulos práticos, mais pontuado enquanto estimulante deve ser o ambiente familiar.

### D.3.3 Perfil sociopsicológico

Essa bateria de categorias aborda traços que podem ou não ser diacríticos de um *habitus* ou da inserção em determinado *milieu*. A maior parte das categorias versa sobre a dimensão atitudinal, mas algumas mesclam o nível atitudinal com o nível socioecológico.

#### D.3.3.1 Inseguro *versus* autoconfiante

A autoconfiança consiste numa convicção espontânea nas próprias virtudes e capacidades. O autoconfiante é aquele que se crê capaz, seja profissional, social ou esteticamente. Ser autoconfiante não significa se achar perfeito ou sempre o melhor, mas em sentir-se confiante em suas próprias forças e atributos. Contudo, no extremo, a autoconfiança pode simplesmente carregar-se de uma inabilidade para a autocrítica. O inseguro é o oposto. Não confia em suas próprias forças nem em seu próprio intelecto. Quando extrema, a insegurança leva a uma inabilidade para reconhecer em si mesmo as virtudes mais patentes. Autoconfiança e insegurança tendem a se manifestar bastante nas interações sociais, sobretudo naquelas que envolvem algum grau ou a expectativa de intimidade.

#### D.3.3.2 Coletivista *versus* individualista

O coletivista manifesta tendência geral à sociabilidade. Procura, por exemplo, em seu tempo livre, atividades que envolvam outras pessoas. Gosta de trabalhar em grupo. O individualista, pelo contrário, prefere atividades solitárias. Considerem, para interpretação, atividades tanto no trabalho, quanto na escola ou no tempo livre.

#### D.3.3.3 Heteronômico *versus* autônomo

A autonomia é a tendência a acreditar na própria capacidade de alterar o curso dos fatos e das circunstâncias. O autônomo situa sua interioridade enquanto *locus* de controle. O autônomo não necessariamente nega a existência de circunstâncias coercitivas, mas pode chegar a isso em casos extremos. Já o heteronômico enfatiza as causas externas, sejam elas místicas, sociais ou materiais. Nas relações sociais, a heteronomia é uma tendência a atribuir a outras pessoas a responsabilidade pelo próprio destino e pelas próprias ações.

#### D.3.3.4 Pessimista *versus* otimista

O otimista mantém sistematicamente expectativas positivas sobre sua vida e o curso dos fatos. No limite, “acredita que tudo vai bem quando tudo vai mal”, como diz Voltaire. Já o pessimista é o contrário. No extremo, acredita que tudo vai mal quando tudo vai bem.

#### D.3.3.5 Passivo *versus* ativo

O ativo tende a agir no sentido de obter os resultados que deseja, aquilo que quer para si mesmo ou para outrem. Já o passivo tende à inação ou à expectativa sistemática de que outros façam as coisas por ele.

#### D.3.3.6 Ascético *versus* hedonista

O hedonista dedica-se mais às práticas que recompensam os sentidos, está voltado à diversão, à sensualidade. É importante não trabalhar com uma equivalência implícita entre hedonismo e indisciplina. O hedonista não é necessariamente o indisciplinado. É, de maneira geral, alguém que concede ao prazer, à fruição, um lugar de destaque em sua hierarquia de valores. Assim, a sobreposição entre hedonismo e indisciplina pode ocorrer, mas não é a indisciplina que define o hedonismo.

#### D.3.3.7 Idealista *versus* pragmático

O pragmático tende a se guiar pelo valor estratégico das suas ações, tendo em vista uma finalidade definida. Já o idealista tende a procurar por práticas que, para ele, tenham valor intrínseco, sobretudo um valor “espiritual”.

#### D.3.3.8 Atividade intelectual *versus* atividade física

Trata-se de observar se a pessoa dedica seu tempo mais a atividades físicas ou intelectuais. É importante considerar práticas que se deem em circunstâncias em que haja margem contemporânea de escolha. Um trabalhador braçal se dedica mais a atividades físicas, mas não por uma escolha que faça no presente. Note que não se trata apenas de esportes. Danças e saídas à noite podem ser consideradas atividades físicas. Não se trata aqui do cuidado com o corpo, mas do uso do corpo. Por outro lado, saídas para diversão também podem ser consideradas atividades intelectuais. Por exemplo: a pessoa sai à noite para dançar ou sai mais apenas para sentar e conversar?

#### D.3.3.9 Experimental *versus* tradicional

No que tange a esta oposição, deve-se atentar para os aspectos gerais do estilo de vida do entrevistado, sobretudo no consumo. Por “experimental” entende-se um conjunto de traços associados a práticas expressivas emergentes nos campos da alimentação (vegetarianismo, veganismo etc.), do turismo (itinerários exóticos), da moda (tendências não convencionais), das atividades culturais (esoterismo etc.). Já o polo “tradicional” se conecta a um estilo de vida mais convencional.

#### D.3.3.10 Orientado à família *versus* orientado a si mesmo

Trata-se de avaliar se o entrevistado orienta seus projetos de vida em função de si, ou seja, de metas e projetos próprios, ou se os enxerga em função de seu contexto familiar, considerando os outros significativos. É importante ter claro que não se trata da presença da família enquanto meio, dando suporte às realizações e aos projetos do entrevistado, mas à sua presença enquanto finalidade, enquanto um fim por relação ao qual esses projetos de vida e essas realizações se orientam.

#### D.3.3.11 Insatisfeito *versus* satisfeito

Este quesito investiga uma percepção relacional de bem-estar. *Satisfação* e *insatisfação* referem-se a como o entrevistado julga sua vida. Note que ele fará esse julgamento sempre à luz do seu passado, das suas expectativas de futuro e também à luz da situação de outras pessoas que ele observa ao seu redor.

#### D.3.3.12 Orientado a objetivos *versus* sem orientação

Esta oposição se refere ao comportamento estratégico. É importante notar que a estratégia existe tanto em estado subjetivo (enquanto um planejamento mais ou menos refletido) quanto em estado objetivo, na organização do próprio ambiente social em que a pessoa se insere. Provavelmente, será muitas vezes difícil distinguir, nas entrevistas, o quanto determinados resultados estratégicos se deram graças a um plano consciente, do quanto eles se devem às chances e à própria organização da vida, organização essa dada pelas circunstâncias sociais de existência. Para pontuar as pessoas na escala, considere ambos os estados da estratégia, tanto o subjetivo quanto o objetivo.

#### D.3.3.13 Indisciplina *versus* disciplina

Esta dupla terminológica se atém à dimensão disciplinar do *habitus*, isto é, em que medida a dimensão cotidiana da vida social se encontra racionalizada, padronizada, uniformizada e organizada. Apesar de ser um conceito abstrato, assim como o concernente aos objetivos de vida, a *disciplina* e a *indisciplina* encontram seu foco em diferentes esferas da vida social, como trabalho, trajetória escolar, disposições econômicas etc., que devem ser consideradas na ponderação.

#### D.3.3.14 Forte *ethos* do trabalho *versus* nenhum *ethos* do trabalho

Esta escala mede com qual intensidade a esfera do trabalho cumpre sua função social na trajetória dos entrevistados. É preciso compreender qual o papel que a esfera do trabalho cumpre na vida do entrevistado, bem como sua articulação, ou sobreposição, às outras esferas da vida. Basicamente, tente perceber em que extensão a esfera do trabalho ocupa a vida da pessoa, não apenas em termos de tempo, como também de energia, de expectativas e de convívio social.

### D.3.4 Religião

#### D.3.4.1 Envolvimento *versus* indiferença

Essa categoria refere-se à extensão da vida religiosa das pessoas. Considere não apenas o tempo que a pessoa dedica à atividade religiosa, mas também o quanto suas relações sociais estão ou não imbricadas na vida religiosa. No extremo do envolvimento, temos alguém que frequenta assiduamente os cultos e restringe seu círculo social ao círculo religioso. No outro extremo está alguém que não se filia a qualquer igreja. Note que não está em questão o que às vezes se chama de religiosidade, por diferença à religião. Mais especificamente: o fato de uma pessoa acreditar na existência de uma esfera transcendente

e sentir certo contato existencial com ela, mas não praticar nenhuma religião, não deve ser considerado para pontuar a pessoa na direção do envolvimento.

#### D.3.4.2 Intervencionismo *versus* transcendentalismo

Está em jogo aqui a distinção que a teoria clássica trata com base na disjuntiva entre religião e magia. No polo intervencionista (“mágico”), acredita-se que as deidades atuam nesse mundo, alterando o curso dos fatos. Mais ainda, crê-se que nos é possível, enquanto humanos, reivindicar a elas esse tipo de intervenção de modo a satisfazer nossos anseios. No extremo, o intervencionista é alguém que vê nos deuses apenas um meio para realizar suas vontades. O transcendentalismo é o polo que descrê da atuação das deidades no curso dos fatos desse mundo. Não que inexista a possibilidade de acesso aos deuses: é que esse acesso estaria circunscrito à interioridade, à oração silenciosa que levaria a conversar com a entidade divina, que a convidaria a nos ouvir e a confortar nossas aflições ou aclarar nossos pensamentos. No extremo, o transcendentalista não pede aos deuses nada que envolva uma modificação no curso dos fatos desse mundo. Ele pode pedir inspiração, mas não a operação de milagres.

#### D.3.4.3 Esfera intramundana em que o sagrado intervém

Neste item está em questão a esfera da vida em que a pessoa espera maior atuação das forças divinas. Trabalhamos com as seguintes opções:

- *família* – problemas, conflitos e aspirações com relação a cônjuges e filhos; dimensão erótica da vida familiar;
- *saúde* – problemas de saúde que o religioso acredita poder resolver com a intervenção do sagrado;
- *economia* – problemas e aspirações relacionadas ao mundo do trabalho, do consumo e da atividade empresarial e vida financeira em geral; e
- *outros* – alguma outra esfera da vida como educação ou política.

Note que esse item pode não fazer sentido para pessoas não religiosas ou de um perfil religioso fortemente transcendentalista. Nesses casos, use a opção NA.

### D.3.5 Visões políticas

Essa parte visa traçar, com base em três itens, a visão política dos entrevistados em termos das questões clássicas da igualdade, da justiça e da coesão social.

#### D.3.5.1 Meritocracia *versus* igualitarismo

Todos nós vivemos em uma sociedade em que o valor do mérito individual, através do esforço e do talento, está institucionalizado. Portanto, o que tratamos aqui por igualitarismo não é uma concepção totalmente contraposta a argumentos meritocráticos. Na verdade, a meritocracia não é apenas uma fonte de legitimação da desigualdade, mas também um ideal regulador que pode ser mobilizado para condenar vários tipos de iniquidade. No discurso de uma pessoa, a meritocracia pode surgir sempre para justificar o fato de que uns



ganham mais do que outros, têm mais prestígio do que outros etc. Outra pessoa, contudo, pode mobilizar a ideia de meritocracia mais para criticar as desigualdades existentes: questionar a desigualdade de oportunidades, de pontos de partida, denunciar discriminações por gênero ou raça, que imprimem desvantagens a despeito do mérito. O que chamamos de igualitário comporta essa última vertente do argumento meritocrático, quer dizer, pessoas que mobilizam a meritocracia como argumento de crítica. O que rotulamos de *meritocracia* corresponde à primeira vertente, mais voltada à legitimação das desigualdades existentes, ou seja, discursos em que a meritocracia surge mais como uma explicação para o atual estado de coisas.

#### D.3.5.2 Intervencionismo *versus* espontaneísmo

Aqui o que está em jogo é o quanto a pessoa apoia ou se contrapõe a que o Estado intervenha nas relações sociais, sobretudo naquelas que tangem à vida econômica. O intervencionista radical apoia a estatização de empresas, as taxações e sempre enfatiza a ação do Estado como via de solução para os problemas sociais. O seu radical oposto é contra todo tipo de intervenção estatal, inclusive intervenções para minimizar situações de miséria ou para equilibrar relações assimétricas de força na sociedade civil, como é o caso da regulamentação trabalhista.

#### D.3.5.3 Autoritarismo *versus* libertarismo

Essa oposição se refere à interseção entre a política e uma moralidade voltada ao campo dos costumes e da sociabilidade. Os libertários acreditam na ampla liberdade de escolha, no pluralismo, e dão ênfase ao valor da autoexpressão. Já o autoritarismo é caracterizado pela crença de que a sociedade deveria manter padrões morais e culturais mais rígidos, aceitando, portanto, maiores limitações na liberdade individual, sobretudo na liberação de expressões idiossincráticas, em nome de uma maior coesão social. Alusões elogiosas a valores tidos como consagrados no passado em contraposição a uma decadência moral no presente são sinais diacríticos da visão mais autoritária.

### D.3.6 Relação com cônjuge

Para aquelas pessoas que vivem com o cônjuge ou já viveram, teremos três categorias para qualificar as suas relações. Caso alguém tenha vivido com mais de um cônjuge, considere a relação mais duradoura ou mais significativa na narrativa do entrevistado – na prática, aquela sobre a qual o entrevistado falou mais.

#### D.3.6.1 Instabilidade *versus* estabilidade

A união instável é aquela frequentemente abalada por crises. As relações de cuidado mútuo se desfazem ou se fragilizam com facilidade ou frequência. O fato de passar por crises não é em si um sintoma de instabilidade, mas sim o modo de reagir às crises e vivenciá-las. A questão é o quanto as relações de cuidado e as noções de responsabilidade mútua se mantêm ao longo do tempo. A família estável se caracteriza tanto pela raridade de crises quanto pela resistência às crises, ou seja, pelo fato de as crises não desfazerem as já aludidas relações de cuidado e de responsabilidade entre os cônjuges.

### D.3.6.2 Violento *versus* comunicativo

Aqui consideramos o tema da violência doméstica. É importante ter em mente que violência doméstica contém, mas não coincide sempre com violência contra a mulher. A violência pode ocorrer também da mulher para o homem, de diferentes maneiras. Não se deve, ademais, limitar a noção de violência à violência física. A violência pode ser simbólica, exercida sobretudo através da palavra. Comportamentos dirigidos a humilhar o outro, a atingir seu senso de dignidade enquanto mulher, enquanto homem ou qualquer outra condição de gênero devem ser considerados violência. O casal comunicativo é, por sua vez, aquele que procura recorrer ao diálogo para resolver seus conflitos.

### D.3.6.3 Tradicional *versus* liberal

Aqui se deve prestar atenção especialmente à divisão sexual do trabalho. Chamam-se de tradicionais os cônjuges entre os quais há uma divisão do trabalho de caráter convencional, fortemente vinculada à condição de gênero de cada um dos pares. A divisão sexual do trabalho não é tudo, entretanto. O que está em jogo são exatamente as concepções de gênero que informam a relação entre os cônjuges de maneira geral. A questão é que a divisão sexual do trabalho expressa essas concepções na prática, de maneira bastante incisiva. É importante considerar sutilezas: o fato de a mulher trabalhar é importante, e tão mais importante quanto maior a relevância da sua renda no sustento geral da família. Um trabalho apenas complementar é uma coisa diferente de um trabalho que cumpre papel central no sustento do lar. É interessante um exemplo aqui. Numa das entrevistas com pessoas de alta classe, vimos que a esposa estava fazendo curso superior para conseguir uma ocupação. Ficava claro, entretanto, que esse projeto de vida tinha um caráter relativamente “decorativo”, num momento em que a chegada dos filhos à idade adulta a liberava de funções tradicionais e, de certa forma, lhe deixava um vazio. Isso não quer dizer que o fato de ela estar cursando uma faculdade deva ser desconsiderado como elemento liberal, até porque essa experiência pode surtir o efeito de modificar seus padrões de expectativas referentes aos papéis de gênero. Isso quer dizer apenas que se deve ponderar o quanto essa prática representa relações de caráter liberal entre os cônjuges. Os valores da escala servem para fazer essas ponderações.

## D.3.7 Uso abusivo de drogas

Esse tópico é apenas para que você indique a ocorrência de uma temática nas entrevistas. Ele deve ser preenchido *para todas as entrevistas*.

### D.3.7.1 Família de origem

Indique *sim* caso o entrevistado tenha narrado casos de uso abusivo ou frequente de drogas, lícitas ou ilícitas, na sua família de origem. Indique *não* caso contrário.

### D.3.7.2 Família atual

Indique *sim* caso o entrevistado tenha narrado casos de uso abusivo ou frequente de drogas, lícitas ou ilícitas, na sua família atual. Indique *não* caso contrário.

### D.3.7.3 O próprio entrevistado

Indique *sim* caso o entrevistado tenha narrado uso abusivo ou frequente de drogas, lícitas ou ilícitas, por ele mesmo. Indique *não* caso contrário.

## D.4 RECOMENDAÇÕES FINAIS

Como já foi dito, a atribuição de valores de escala para as categorias com as quais estamos trabalhando traz em si um tanto de arbitrariedade. Como também ficou claro, essa arbitrariedade será tecnicamente controlada através da checagem de concordância. Portanto, tenham tranquilidade ao levar a cabo esse exercício. O preparo intelectual e a habilidade interpretativa de vocês serão essenciais. De maneira geral, reservem os valores extremos das escalas para casos que sejam aproximações do que seriam tipos ideais de cada polo dicotômico. Sintam-se livres para utilizar as possibilidades de gradação de acordo com o seu próprio juízo. Finalmente, durante as rodadas de checagem, não se esqueçam de aproveitar a leitura das entrevistas de outros pesquisadores para identificar elementos que vocês possam utilizar na escrita dos seus respectivos textos. Bom trabalho!

## ANEXO E

**RADIOGRAFIA DO BRASIL CONTEMPORÂNEO – TESTE DE CONFIABILIDADE (*INTERRATER RELIABILITY*) DAS ESCALAS**TABELA E.1  
Teste de confiabilidade (*interrater reliability*) das escalas

Categoria	<i>Intraclass correlation</i> (média)
Ambiente social na infância	0,81
Ascético x hedonista	0,61
Atividade intelectual x atividade física	0,74
Autoritarismo x libertarismo	0,86
Capital cultural	0,89
Capital econômico	0,87
Coletivista x individualista	0,43
Conservador x liberal	0,48
Desestimulante x estimulante	0,86
Distante x vigilante	0,81
Experimental x tradicional	0,54
Fraco <i>ethos</i> do trabalho x forte <i>ethos</i> do trabalho	0,64
Heteronômico x autônomo	0,48
Idealista x pragmático	0,49
Indiferença x envolvimento	0,83
Indisciplina x disciplina	0,68
Insatisfeito x satisfeito	0,79
Inseguro x autoconfiante	0,67
Instabilidade x estabilidade	0,77
Instável x estável	0,82
Intervencionismo x espontaneísmo	0,67
Intervencionismo x transcendentalismo	0,67
Meritocracia x igualitarismo	0,80
Orientado à família x orientado a si mesmo	0,68
Orientado a objetivos x sem orientação	0,70
Passivo x ativo	0,60
Patrimônio	0,84
Percepção da infância	0,81
Pessimista x otimista	0,60
Qualidade dos laços	0,34
Recursos da rede	0,66
Redes de contatos	0,50
Residência da família de origem	0,87
Tradicional x liberal	0,66
Violento x comunicativo (cônjuge)	0,69
Violento x comunicativo (família)	0,72

Elaboração dos autores.

Obs.: Os itens marcados em vermelho apresentaram um coeficiente de confiabilidade baixo (menor ou igual a 0,5). A interpretação dos mesmos

## **Ipea – Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada**

**EDITORIAL** deve ser feita com cautela.

### **Coordenação**

Aeromilson Trajano de Mesquita

### **Assistentes da Coordenação**

Rafael Augusto Ferreira Cardoso

Samuel Elias de Souza

### **Supervisão**

Ana Clara Escórcio Xavier

Everson da Silva Moura

### **Revisão**

Alice Souza Lopes

Amanda Ramos Marques Honorio

Barbara de Castro

Brena Rolim Peixoto da Silva

Cayo César Freire Feliciano

Cláudio Passos de Oliveira

Clícia Silveira Rodrigues

Olavo Mesquita de Carvalho

Regina Marta de Aguiar

Reginaldo da Silva Domingos

Katarinne Fabrizzi Maciel do Couto (estagiária)

### **Editoração**

Anderson Silva Reis

Augusto Lopes dos Santos Borges

Cristiano Ferreira de Araújo

Daniel Alves Tavares

Danielle de Oliveira Ayres

Leonardo Hideki Higa

Natália de Oliveira Ayres

### **Capa**

Andrey Tomimatsu

Danielle de Oliveira Ayres

Flaviane Dias de Sant'ana

*The manuscripts in languages other than Portuguese published herein have not been proofread.*

### **Ipea – Brasília**

Setor de Edifícios Públicos Sul 702/902, Bloco C

Centro Empresarial Brasília 50, Torre B

CEP: 70390-025, Asa Sul, Brasília-DF

---

Composto em adobe garamond pro 11,5/13,8 (texto)  
Frutiger 67 bold condensed (títulos, gráficos e tabelas)  
Impresso em offset 90g/m<sup>2</sup>  
Cartão supremo 250g/m<sup>2</sup> (capa)  
Brasília-DF

---

## **Missão do Ipea**

Aprimorar as políticas públicas essenciais ao desenvolvimento brasileiro por meio da produção e disseminação de conhecimentos e da assessoria ao Estado nas suas decisões estratégicas.

---